

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

LUCIENE GEIGER

**APRENDENDO A SER MULHER: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO
HOLÍSTICA POR MEIO DOS CÍRCULOS FEMININOS TENDA DA TERRA E TENDA
DA LUA**

Porto Alegre

2014

LUCIENE GEIGER

**APRENDENDO A SER MULHER: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO
HOLÍSTICA POR MEIO DOS CÍRCULOS FEMININOS TENDA DA TERRA E TENDA
DA LUA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Claus Dieter Stobäus

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

G275a Geiger, Luciene

Aprendendo a ser mulher : contribuições de uma educação holística por meio dos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua / Luciene Geiger. – 2014.
93 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, BR-RS, 2014.

Orientador: Claus Dieter Stobäus.

1. Mulher. 2. Círculo de mulheres. 3. Educação holística. I. Stobäus, Claus Dieter, orient. II. Título.

CDU-37(043)

Bibliotecária responsável:
Carolina Kautzmann – CRB10/1604

LUCIENE GEIGER

**APRENDENDO A SER MULHER: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO
HOLÍSTICA POR MEIO DOS CÍRCULOS FEMININOS TENDA DA TERRA E TENDA
DA LUA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Claus Dieter Stobäus – Orientador - PUCRS

Dr. Juan José Mouriño Mosquera - PUCRS

Dr. Mauro Luiz Pozatti - UNIPAZ

Porto Alegre
2014

*A Martín, que tem me desafiado a me tornar uma mulher
mais inteira e mais consciente dos desafios
e das possibilidades de ser mulher...*

AGRADECIMENTOS

Os nomes são tantos e os motivos, incontáveis. Por isso, a cada pessoa que cruzou e caminhou comigo em minha jornada pessoal, especialmente àquelas que contribuíram diretamente para a artefania desta obra, assim como às organizações que acreditaram e abriram espaço para que este trabalho se tornasse realidade, deixo minha profunda gratidão.

*Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.*

Cora Coralina

RESUMO

Considerando que a noção que se tem sobre a mulher é fruto de mudanças ao longo da história humana, e que se tornar mulher é uma aprendizagem que se dá ao longo da vida, este trabalho teve como objetivo compreender como a participação de mulheres nos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua, originados em Porto Alegre, RS, e compreendidos como promotores de uma educação holística, contribuí para seu processo de aprender a ser mulher. Buscou-se identificar as aprendizagens mais significativas na percepção das próprias participantes e as mudanças em seus modos de ser e estar no mundo propiciadas pela participação nesses Círculos. Utilizando histórias de vida como metodologia de investigação, foram realizadas entrevistas individuais com seis participantes da 16ª geração e com a idealizadora dos Círculos que, após serem transcritas, foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo e análise textual discursiva. Assim, percebeu-se que a participação nos Círculos fez com que essas mulheres aprendessem a ressignificar suas relações primordiais, abandonando máscaras, encarando suas sombras e se tornando mais autênticas. Além disso, aprenderam a conviver de forma significativa com outras mulheres e também consigo mesmas, por meio do resgate da sacralidade da mulher e da ritualização da vida cotidiana. Por fim, mostraram-se mais integradas interna e externamente, equilibrando suas dimensões masculinas e femininas e estabelecendo novas formas de se relacionar com o feminino e o masculino no contexto em que vivem. Esses resultados confirmam a processualidade da aprendizagem de ser mulher e a importância de haver condições para que aconteçam as mudanças inerentes a esse processo, destacando a necessidade de uma educação capaz de resgatar dimensões e relações esquecidas da mulher consigo mesma, com outras mulheres, com homens e com os demais seres do universo.

Palavras-chave: Mulher. Círculos de mulheres. Educação holística.

ABSTRACT

Considering that the notion we have of women is the result of changes throughout human history, and that becoming a woman is a learning that occurs throughout life, this study aimed to comprehend how the participation of women in Women Circles Tenda da Terra and Tenda da Lua, originated in Porto Alegre, RS, understood as promoting a holistic education, contributes to the process of learning to be a woman. It was aimed to identify the most significant learnings as perceived by the participants themselves, and changes in their way of being in the world afforded by participation in these circles. Using life stories as a research methodology, individual interviews with six participants of the 16th generation and the founder of these women circles were done, and after being transcribed, they were analyzed according to content analysis and discursive textual analysis. It was noted that participation in the circles made these women learn to reframe their primary relationships, abandoning masks, staring at their shadows and becoming more authentic. Also, they learned to live meaningfully with other women and also with themselves, through restoring the sacredness of women and ritualization of everyday life. Finally, they became more integrated internally and externally, balancing their masculine and feminine dimensions and establishing new ways of relating to male and female in the context they live. These results confirm the processuality of the learning to be a woman and the importance of having conditions that promote the inherent changes in this process, highlighting the need for an education capable of rescuing forgotten dimensions and relations of each woman with herself, with other women, with men and with other beings in the cosmos.

Keywords: Woman. Women circles. Holistic education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 IDEIAS DE QUEM VEIO ANTES DE MIM	14
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNDO (EM) QUE VIVEMOS	14
2.2 APRENDENDO A SER QUEM SE É	17
2.3 SOBRE SER MULHER	20
2.3.1 Explicitando conceitos importantes	20
2.3.2 Da pré-história aos tempos atuais, uma história sobre a mulher e muito mais	22
2.3.3 Mas afinal, o que temos pela frente?	29
2.4 HOLÍSTICA, UMA OUTRA VISÃO SOBRE A REALIDADE	32
2.4.1 Sobre a cosmovisão holística	32
2.4.2 Educação holística: uma abordagem possível e necessária para novos tempos	34
2.5 SOBRE CÍRCULOS DE MULHERES	38
2.5.1 Tenda da Terra e Tenda da Lua: círculos que formam mulheres que formam círculos	40
3 DOS OBJETIVOS PRETENDIDOS PARA MINHA JORNADA DE PESQUISA	46
3.1 OBJETIVO GERAL	46
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	46
4 SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO TRAÇADO PARA MINHA PESQUISA	47
4.1 SOBRE A METODOLOGIA QUALITATIVA DE HISTÓRIAS DE VIDA	47
4.2 SOBRE OS PROCEDIMENTOS	48
4.3 SOBRE AS PARTICIPANTES	49
4.3.1 Amanda	49
4.3.2 Carla	50
4.3.3 Giordana	51
4.3.4 Miriam	51
4.3.5 Sonia	51
4.3.6 Suzeina	52

4.4 SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE E SÍNTESE DOS RESULTADOS	52
5 MEUS SENTIDOS: O QUE ENCONTREI EM MINHA JORNADA DE PESQUISA	55
5.1 CONHECE-TE A TI MESMA	55
5.1.1 Resignificando relações primordiais	55
5.1.2 Tirando as máscaras e iluminando as sombras	60
5.2 A (RE)DESCOBERTA DO PODER FEMININO	65
5.2.1 Convivências significativas com outras mulheres	65
5.2.2 Ressacralização da mulher e ritualização da vida	69
5.3 APROXIMANDO E EQUILIBRANDO MASCULINO E FEMININO	75
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES POR ORA FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A	90
APÊNDICE B	91
APÊNDICE C	92

INTRODUÇÃO

*Eu vivo sempre
No mundo da lua
Porque sou uma cientista
O meu papo é futurista
É lunático...
Eu vivo sempre
No mundo da lua
Tenho alma de artista
Sou um gênio sonhador
E romântica...
Eu vivo sempre
No mundo da lua
Porque sou aventureira
Desde o meu primeiro passo
Pro infinito...
Eu vivo sempre
No mundo da lua
Porque sou inteligente
Se você quer vir com a gente
Venha que será um barato...¹*

Há cerca de dois anos, quando passava por uma das etapas do processo seletivo com vistas a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, fui entrevistada por um professor que viria a ser meu orientador na segunda metade de minha jornada como mestranda. Na ocasião, escutara dele uma observação a meu respeito a partir da leitura feita sobre meu currículo, indicando que eu poderia ser uma pessoa curiosa e com interesses diversos ou uma pessoa com falta de foco. Concordei com aquela assunção, mas hoje, após ter passado por um desafiador período de gestações e (re)nascimentos, descobertas e transformações, posso dizer a ele e às interlocutoras dessa escritura que aqui se inicia: sou uma pessoa com interesses diversos e com falta de foco. Sim, pois não fosse a primeira característica, própria de quem, ainda que com os pés na terra, vive *sempre no mundo da lua*, não teria escolhido trabalhar com as temáticas que envolvem o aprender a ser mulher e a educação holística. E não fosse a segunda característica, própria de uma pessoa míope, como nitidamente tenho me constituído desde meus dezoito anos de idade, não teria me esforçado tanto para dar contornos da forma mais preci(o)sa possível às temáticas trabalhadas, e provavelmente também não teria a compreensão de que aquilo que enxergo é fruto do meu jeito singular de apreender e interpretar, podendo se distinguir – e muito – do que minhas interlocutoras talvez enxerguem.

¹ Todas as sentenças e expressões em itálico, salvo aquelas sublinhadas, fazem parte da letra da canção “Lindo balão azul”, de Guilherme Arantes, à qual foram feitas algumas alterações visando a adaptar ao gênero feminino.

Talvez por ser *uma cientista* e ter *alma de artista*, sempre tenha me interessado por tudo que afete o desenvolvimento humano de forma positiva nas relações que estabelece consigo mesmo e com os demais seres com quem convive. No entanto, talvez pela minha miopia, nunca tenha me debruçado com suficiente atenção sobre algumas singularidades pertinentes a esse processo. Coisas de uma lunática romântica... Mas nesses dois anos como aspirante a Mestre, embora as lentes de minha consciência fizessem com que me reconhecesse melhor como uma aspirante a aspirante, decidi ousar, *porque sou aventureira, brincar de esconde-esconde numa nebulosa* pesquisa sobre um tema ao qual estava mais do que na hora de (re)conhecer, uma vez que, tanto como cientista quanto como pessoa, eu também fazia parte dela. Decidi que era tempo de aprender mais larga e profundamente sobre aprender a ser mulher.

Como é típico das lunáticas e sonhadoras, sempre sonhei com um mundo ideal, tendo bastante presente em meus pensamentos a expressão “um dia...”. Há nisso um quê de utopia, mas também um olhar para além da realidade coletivamente partilhada. Há nisso a profunda crença em outras possibilidades a serem sonhadas, gestadas e realizadas, e a jornada trilhada nesses últimos dois anos consolida o término de uma fase do permanente processo de transformação pelo qual tenho passado, marcando um mo(vi)mento no sentido de aproximar idealizações e realizações. O desejo de pesquisar sobre a perspectiva de uma educação holística e de ver o mundo encarnar aquilo que percebo como sua necessidade mais urgente, que é a recuperação e a (re)integração de aspectos perdidos ou abandonados da vida, foi parte desse processo e também resultado disso.

Assim, convido você, minha interlocutora, a *pegar carona nessa cauda de cometa* para *ver a Via Láctea* e a *estrada tão bonita* que trilhei ao buscar compreender que contribuições uma educação holística pode dar ao processo de aprender a ser mulher. Especificamente, ao entrevistar algumas participantes e a idealizadora dos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua, que têm se desenvolvido em Porto Alegre há quase vinte anos, procurei identificar e analisar as aprendizagens mais significativas, na percepção das participantes, como também as mudanças em seus modos de ser e estar no mundo proporcionadas por sua participação numa jornada de quatro anos nesses Círculos. A escolha por pesquisar nesse universo se deu pelo fato de eu também estar imersa nele e participar da 18ª geração de mulheres que compõem esses círculos, formando os elos de uma ciranda sem início e sem fim com outras mulheres em todo o mundo ao longo de todos os tempos, acreditando que há neles um forte potencial para mudanças pessoais e planetárias.

No próximo capítulo, serão apresentadas ideias e concepções daquelas que vieram antes de mim, abordando as temáticas do aprender a ser, do ser mulher, a cosmovisão e a educação holísticas, e os círculos femininos, trazendo ainda elementos específicos da história dos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua. Na sequência, serão apresentados os objetivos estabelecidos e o percurso metodológico percorrido em meu trabalho, seguidos do que chamo de análise e síntese dos resultados, bem como de sua discussão, além de algumas considerações provisoriamente finais.

Como quem já não quer mais *brincar de esconde-esconde numa nebulosa* teia que conecta o mundo sob a égide do masculino, influenciando inclusive a escrita de um povo, optei por tratar algumas palavras de forma diferenciada, em termos linguísticos, do tratamento usualmente dado na língua portuguesa, na qual há dominância do gênero masculino como gênero universal. Assim, serão comuns palavras como “pesquisadora”, “autoras”, “[as] aprendentes”, entre outras expressões que supõem a pessoa, substantivo feminino, como entidade que as precede. É também uma forma de expressar sem dissertar sobre aquilo que quero dizer, revelando um posicionamento de alguém que deseja promover mais questionamentos sobre o que está estabelecido, parecendo ser imutável, e mais mudanças visando à harmonia num mundo cuja balança tem historicamente pendido mais para um lado, como se desejasse *voltar p’ra casa*, uma casa em que pais e mães, filhos e filhas, homens e mulheres compartilham força, talento e empenho em prol de um mundo dinamicamente mais equilibrado, no qual não brilhe somente uma cor, como no *lindo balão azul*, mas sim onde haja lugar para todas as cores que dão o brilho e a beleza de um arco-da-aliança.

2 IDEIAS DE QUEM VEIO ANTES DE MIM

Ainda que uma dissertação envolva uma escrita solitária, sempre encontramos ecos do que pensamos e acreditamos a respeito de determinado tema, e raramente estamos sozinhos no processo de problematizar e refletir sobre ele. Por isso, neste capítulo, apresentarei as ideias e concepções de autoras e pesquisadoras que me auxiliaram a fundamentar, compreender e melhor delinear meu tema e meus objetivos de pesquisa.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNDO (EM) QUE VIVEMOS

Vivemos tempos de transições e incertezas, marcados por diversas rupturas e fragmentações que ainda pautam nossa civilização, entre elas uma ruptura epistemológica, levando à redução da leitura da realidade a um único nível com suas respectivas consequências, como a cisão entre sujeito e objeto, o privilégio de uma antropologia racionalista, mecanicista e individualista, uma (de)composição social fortemente pautada pela competição, a alienação e a desvalorização da interioridade humana, supervalorizando sua dimensão física e praticamente ignorando as dimensões da alma e do espírito, impulsionando comportamentos de apego, separatividade e ilusão (WEIL, 1987a, 1987b, 1990; D'AMBRÓSIO, 1991). Esta visão é referendada por Edgar Morin (2000, p. 33):

Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! [...]. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.

Como consequência desse cenário transitório e incerto, vemos as identidades humanas e a própria natureza humana em crise devido aos diversos impactos das mudanças no mundo, exigindo redefinições de categorias como gênero, idade e identidade devido às mudanças nas visões que se tem sobre mulher, homem, criança e idoso, dando lugar a novas disciplinas e teorias amplamente necessárias, já que parece não haver uma antropologia geral capaz de abarcar todas as mudanças que estão ocorrendo individual e coletivamente (PÉREZ LINDO, 2010). Enquanto isso, continuamos a crescer e nos desenvolver com pouca consciência acerca de quem somos e podemos ser, assim como do mundo em que vivemos. Temos nos tornado homens e mulheres adultos num processo aparentemente naturalizado e voltado mais fortemente para corresponder a expectativas e preencher papeis externamente firmados,

reafirmando a lógica que separa a interioridade da exterioridade, supervalorizando o caótico mundo externo em que vivemos e deixando a riqueza do mundo interno que encarnamos se tornar um verdadeiro lodaçal a atrapalhar as jornadas pessoais rumo ao pleno desenvolvimento.

Inúmeros estudos de psicologia, sociologia e educação, dentre outros campos da ciência, já destacaram as deficiências de nossos sistemas sociais para o desenvolvimento pleno da pessoa (YUS, 2002). A educação, enquanto campo de pesquisa e ação voltada para a formação e o desenvolvimento humano, está imersa nessa transição e, como tal, mais do que promover novos modos de ser e aprender, ainda carrega traços de antigas concepções auxiliando a perpetuar esse quadro cindido, privilegiando e hipertrofiando o intelecto, os aspectos racionais e o aprendizado voltado ao conhecimento e à prática em detrimento da sensibilidade e do corpo, dos aspectos emocionais e espirituais e do aprendizado da vivência e da convivência, especialmente nos ambientes formais. Se, conforme Nicolescu (2000), esse foi um processo necessário em determinada época para permitir a explosão do conhecimento, o advento de uma nova cultura capaz de contribuir para a eliminação das tensões que ameaçam a vida de nosso planeta será impossível sem um novo tipo de educação que leve em conta todas as dimensões do ser humano. Do contrário, veremos progressivamente gerações cada vez mais alienadas de si mesmas e dos contextos social, planetário e cósmico dos quais são parte, assim como a proliferação de disciplinas, especializações e tecnologias determinando um crescimento do conhecimento desconectado de uma visão global, da consciência socioplanetária e da interioridade humana, conforme constatação presente na Carta da Transdisciplinaridade, gerada no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, ocorrido em Portugal em 1994.

Para Lúcia Torres (2005, p. 27),

Um mundo solidário e fraterno, onde justiça e beleza caminhem juntas, exige consciência e responsabilidade de cada um dos cidadãos desta imensa família planetária. Para que isto seja possível, as dimensões físicas, psíquicas, noéticas e espirituais precisam ser contempladas no cotidiano de cada ser. E isto tudo começa no desafio de cada mulher e de cada homem: dar os primeiros passos em busca de autoconhecimento que os leve à plenitude e inteireza do seu ser.

Na mesma corrente, expressando essa necessidade de nossos tempos, a crescente conscientização por parte das mulheres acerca de sua situação numa civilização eminentemente patriarcal e as transformações sociais que têm ocorrido no relacionamento entre os sexos, ainda que lentamente, têm apontado para uma necessária e urgente virada

cultural, um novo movimento pendular que não busca privilegiar nem homens, nem mulheres, nem interioridade, nem exterioridade, esboçando a emergência de um novo tipo de manifestação do feminino e do masculino na qual homens e mulheres possam se compreender e construir uma sociedade mais fraterna e menos dominadora, mais democrática e menos discriminadora (EISLER, 1996; BOFF, 1999), cujas diferenças gerem o movimento e a transcendência necessária para a existência humana (POZATTI, 2007). Assim, torna-se fundamental revisar e renovar as práticas pedagógicas dos tempos atuais, em contextos formais e não formais, postulando a condição humana como objeto essencial e ponto de partida de todo processo educativo, ressaltando-se a importância da educação por meio de uma abordagem holística, de uma educação integral dirigida à totalidade do ser humano e não apenas uma ou outra de suas dimensões (NICOLESCU, 2000), uma educação cuja função social também seja essencial e não acessória, contribuindo para completar a individuação das pessoas, integrando-as em sistemas sociais e promovendo-lhes equidade de oportunidades (PÉREZ LINDO, 2010).

As relevantes conclusões do Congresso de Locarno, que geraram o relatório Delors (2006), apontam para a necessidade de uma educação pautada nos quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. No entanto, a educação convencional parece ter acolhido e privilegiado, de forma ainda fragmentada, apenas os dois primeiros pilares, do aprender a conhecer e aprender a fazer (CREMA, 2009; PÉREZ LINDO, 2010). Assim, considero que o desenvolvimento de novas perspectivas em educação só serão encontradas com o trabalho de pessoas interessadas em questionar a respeito do ser humano e de sua existência, individual, social e planetariamente, contribuindo para restituir sua integridade e para realimentar aquilo que acredito que seja a vocação própria do campo da educação, a promoção do desenvolvimento humano, investindo em uma pedagogia iniciática que facilite uma educação para a individuação e que resgate as dimensões humanas da alma e do espírito, praticamente esquecidas ou ignoradas em nossos tempos; uma pedagogia apoiada numa perspectiva perene, que conserva as contribuições positivas da atualidade aliando-as com o legado de diferentes tradições sapienciais; uma educação transdisciplinar e holística (POZATTI, 2007), que enfoca a qualidade de vida da realidade humana assim como a significação de outras realidades, em que “‘efetividade e afetividade’ devem ser palavras de ordem de um projeto de civilização proporcional aos desafios de nossos tempos” (NICOLESCU, 2000, p. 133-134).

2.2 APRENDENDO A SER QUEM SE É

Para refletir sobre o processo de aprender a ser quem se é, gostaria de iniciar esta seção com algumas palavras do psicólogo norte-americano Carl Rogers, uma das primeiras e mais importantes referências em minha formação como psicóloga:

Achamo-nos, talvez todos nós, empenhados numa luta para descobrir nossa identidade, a pessoa que somos e que escolhemos ser. Trata-se de uma busca muito difusa – envolve nossas roupas, nossos cabelos, nossa aparência. Num nível mais significativo, envolve nossas escolhas de valores, nossa posição em relação aos pais e outras pessoas, o relacionamento que escolhemos ter com a sociedade, toda a nossa filosofia de vida. Ela constitui, nos dias de hoje, uma busca muito desorientante. (1985, p. 43)

A busca por autoconhecimento tem sido uma das tarefas presentes ao longo da história humana conforme temos evoluído, e tem se configurado tão desafiadora quanto desorientante, especialmente nos tempos atuais. Os motivos para tamanha desorientação podem estar assentados no que Claudio Naranjo (2005) considera a origem dos principais males desses tempos, a organização patriarcal de nossas mentes e de nossas sociedades, por meio da qual têm predominado valores guerreiros sobre valores amorosos e a competição sobre a colaboração. Essa forma de organização, cerne de muitas outras cisões e exclusões presentes na vida humana, tem feito as chamadas ciências do humano (JOSSO, 2004) se preocuparem em educar apenas parte do que somos, desvalorizando todo um universo interior de valores e capacidades. Para Naranjo, as pessoas somente encontrarão saúde e plenitude quando aprenderem a se tornar mais plenas e harmônicas, quando as funções atribuídas a um hemisfério cerebral – esquerdo ou direito – ou a um nível cerebral – o reptiliano instintivo, o mamífero afetivo ou o humano cognitivo, o neocórtex – não se sobrepujarem às demais. Essa meta é uma questão de educação, e fundamentalmente da educação que se pretende para nosso século, buscando superar olhares e ações fragmentados para promover a formação humana levando em conta suas diversas características, num complexo processo de aprendizagem que pressupõe os fatores propriamente cognitivos, mas também os sentimentos, a imaginação e os valores que cada pessoa assume, conforme Perez Lindo (2010):

Aprendizagem para viver, sobreviver, progredir ou alcançar maior bem-estar tem sido uma das condições que todo mundo considera inerentes ao processo evolutivo humano. Por outro lado, como destacaram Rousseau, Kant, Dewey, Paulo Freire, Habermas, Edgar Morin e tantos outros, a educação é o caminho final que leva a humanidade a sua plena autoconsciência e à emancipação dos indivíduos. (p. 15)

Considerando o objeto deste estudo, para nos tornarmos quem somos, precisamos nos transformar, passando de um estado de ser a outro, o que pressupõe muitos aprendizados, não apenas no sentido de aquisição de informações e construção de conhecimentos, mas essencialmente no desenvolvimento de novos modos de ser e estar no mundo. Como diz Humberto Maturana (2000), aprender não é a aquisição de algo, mas sim uma transformação, e uma transformação em coexistência com outros seres. Rogers (2009), ao longo de sua experiência como psicoterapeuta, percebeu que por trás de qualquer problema do qual um cliente se queixe, há uma busca central e fundamental, a partir da qual se pergunta “Quem sou eu, *realmente*? Como posso entrar em contato com este eu real, subjacente a todo o meu comportamento superficial? Como posso me tornar eu mesmo?” (p. 122). Para ele, a meta que uma pessoa mais pretende alcançar, intencional ou inconscientemente, é se tornar ela mesma, e uma boa educação seria capaz de promover uma pessoa de forma muito semelhante à promovida pela melhor terapia, pois considera que cada pessoa já traz dentro de si a capacidade e a tendência para caminhar rumo a mais maturidade, tendência essa que é apenas liberada e estimulada em um clima psicológico adequado, no qual possa encarar as experiências que por ventura escondeu de si por considerá-las ameaçadoras, reorganizando sua personalidade e sua relação com a vida de maneira mais madura. Assim, a pessoa (re)adquire uma consciência integral e não distorcida de suas experiências por meio de reações sensoriais e viscerais, ciente do que realmente está vivenciando e não apenas do que se permite experimentar mediante um filtro conceitual:

Nesse sentido, a pessoa torna-se pela primeira vez o potencial total do organismo humano, com o elemento enriquecedor da consciência livremente acrescentada ao aspecto fundamental das reações sensoriais e viscerais. A pessoa *torna-se* o que *é*, como o cliente diz com tanta frequência durante a terapia. O que isso parece querer indicar é que o indivíduo *se torna* – na sua consciência – aquilo que *é* – na experiência: O indivíduo *é*, em outras palavras, um organismo humano completo e em pleno funcionamento. (ROGERS, 2009, p. 118)

Para o autor, se pudermos acrescentar à experiência sensorial e visceral, que caracteriza todo o reino animal, o dom de uma tomada de consciência livre e não deformante, teremos, então, uma pessoa construtivamente realista, consciente das exigências da cultura e também de suas exigências fisiológicas e pessoais, vivenciando-as de maneira aberta e consciente, experienciando a si mesma em toda sua riqueza, singularidade e multiplicidade, tornando-se aquilo que é. Ser ela mesma significa descobrir, por meio da experiência e não de algo imposto a si, a unidade e a harmonia que existem entre seus sentimentos e reações. Nesse processo,

[...] o indivíduo se move em direção *a ser*, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele *é* de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira. (ROGERS, 2009, p. 199-200)

Assim, começam a cair as máscaras² defensivas e a pessoa passa a vivenciar plenamente aspectos ocultos de si, num processo de individuação (JUNG, 1987), que a leva a encarnar sua “singularidade mais íntima, última e incomparável” (p. 49), realizando-se como é. A pessoa que aflora nesse processo, segundo Rogers (1985), é uma pessoa que está mais aberta a todos os elementos de sua experiência, que está desenvolvendo uma confiança em seu organismo, aceitando o foco da avaliação como residindo dentro de si mesma, que está aprendendo a viver de modo mais fluido e constantemente descobrindo novos aspectos de si no fluxo da experiência. Para ele, uma forma de ver o processo de tornar-se o que se é, é considerá-lo como uma aprendizagem. Trata-se, portanto, de *aprender a ser* (DELORS, 2006), o que envolve aprender a viver a partir de seu ser autêntico e ser como verdadeiramente é, fiel a sua verdadeira natureza num nível psicológico, assim como também aprender a conhecer o que é num nível espiritual, naquele em que É (NARANJO, 2005). Essa aprendizagem remete à necessidade do resgate da complexa unidade da natureza humana, tornando sua condição objeto essencial de todo processo educativo (MORIN, 2000), e da implementação de ações que proporcionem uma *aprendizagem significativa* (ROGERS, 1985; 2009), experiencial e plena de sentidos, que provoca mudanças na personalidade, no comportamento individual, nas atitudes e na orientação de ações futuras, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da existência da pessoa. Nesse tipo de aprendizagem, conforme Marie Christine Josso (2010), a intencionalidade da pessoa é explicitada no ato de aprender, sendo capaz de intervir em seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e reorientá-lo. É uma aprendizagem cuja essência está no significado, que transforma vivências em genuínas experiências ao promover atenção e reflexão sobre o vivenciado (JOSSO, 2004). Conta, deste modo, com a pessoa como um todo no ato da aprendizagem, com um senso de descoberta, apreensão e

² As máscaras se referem à *persona*, que no latim significa a máscara pela qual passa o som da voz do ator, remetendo aos papéis que assumimos na existência, e servem como mediadoras entre anseios pessoais e exigências sociais, expressando a imagem que mostramos externamente e escondendo nosso verdadeiro eu (WEIL, 1990; JUNG, 1991).

compreensão vindos de dentro dela, ainda que haja estímulos externos. A aprendente a avalia a partir de sua própria estrutura de referência, verificando se atende a suas necessidades e a conduz ao que quer. É uma aprendizagem que combina o lógico com o intuitivo, o intelecto com sentimentos, os conceitos com a experiência, as ideias com os significados: “Quando aprendemos dessa maneira, somos integrais, utilizando todas as nossas capacidades masculinas e femininas.” (ROGERS, 1985, p. 30).

Uma educação que promove aprendizagens significativas ajuda a construir um ser integral que se percebe em sua totalidade e não de modo fragmentado (DELORS, 2006). Daí a relevância da disseminação de uma educação holística no sentido de integrar a pessoa como um todo individualizado e como parte da comunidade planetária (SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005), de uma totalidade maior, enfatizando também a importância do aprendizado da convivência, comprometida com a promoção do desenvolvimento de atitudes transculturais, transreligiosas, transpolíticas e transnacionais, que podem e precisam ser aprendidas. Como vias para alcançar esses objetivos, Delors (2006) destaca o trabalho de descoberta do outro, auxiliando a pessoa a descobrir a si mesma, de modo a poder se colocar empaticamente no lugar de suas interlocutoras e compreender suas atitudes, além da participação em projetos comuns, que permite diminuir ou fazer desaparecer as diferenças e os conflitos interindividuais.

A partir dessas conceituações, tomei como princípio norteador neste trabalho a premissa de que tornar-se pessoa – e no caso deste estudo, tornar-se mulher – é uma aprendizagem. *Há que se aprender a ser mulher*, por meio de um complexo processo de aprendizagem que parece se iniciar na concepção e acabar na morte, fruto de interações com outros seres ao longo da existência, pois no diálogo com aquilo que não é, uma pessoa se constrói e enriquece a si mesma, aberta para o diferente e o novo. Por isso, sua estrutura fundamental é dialética e cheia de tensões, e sua síntese nunca é uma síntese completa, pois ser humano é um mundo por fazer-se. Sempre um processo, portanto, nunca esgotando a profundidade misteriosa de si mesmo (BOFF, 1999).

2.3 SOBRE SER MULHER

2.3.1 Explicitando conceitos importantes

Uma das mais significativas aprendizagens que parte da humanidade realiza ao longo de sua existência se refere a se tornar mulher. Isso porque *ser mulher* não está dado nem

acabado quando nascemos. Se, como vimos anteriormente, nós nos tornamos pessoa, algumas de nós, conforme Simone de Beauvoir (1980) enfatizou, *nos tornamos mulheres*. Mas afinal, o que faz de todas e de cada uma de nós uma mulher? O que nos faz reconhecer e sermos reconhecidas como tal? Talvez o primeiro aspecto que podemos considerar como ponto de partida para responder a perguntas como essas, quando nos debruçamos sobre a questão do *ser mulher*, seja a diferenciação entre a fêmea e a mulher.

O sexo e a condição de macho ou fêmea são atributos biológicos com os quais nascemos, mas que não determinam por si só nosso desenvolvimento posterior em relação a comportamentos, interesses e estilo de vida, responsabilidades, tendências e papéis, nem mesmo a consciência que temos de nós mesmas e outras características psicológicas (STREY, 1998). Assim, conforme Cardoso (1994) argumenta, ao nascer, cada ser humano apresenta características anatômicas e funcionais pelas quais tende a ser classificado como pertencendo ao grupo de homens ou de mulheres, como macho ou fêmea, e assim tem seu sexo definido, mas tais características biológicas impressas em seu corpo físico são apenas o ponto de partida para uma construção pessoal e social do que é ser homem ou mulher, a partir do qual são desencadeados estereótipos, expectativas, desejos e valores que ajudam a determinar essa construção. Nas sociedades ocidentais, são pensamentos, sentimentos, comportamentos, experiências e todo um modo de vida definidos por uma lógica binária que estabelece que *ou se é homem, ou se é mulher* (BOTTON; STREY, 2012), marginalizando ainda outras possibilidades de orientação, e nesse processo de (en)gendramento, meninos e meninas assumem clichês considerados como o melhor pela sociedade até se tornarem homens e mulheres, apreendendo e experienciando as diferenças culturalmente atribuídas a cada sexo, expostos a discursos que ensinam como devem ser e se comportar, incorporando valores e crenças que uma existência inteira pode não ser suficiente para revelar que não são seus.

A compreensão e o estudo desse processo são frutos da noção de *gênero*, construto que surgiu no seio da segunda fase do movimento feminista, no século XX, que lutava pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e pela valorização de especificidades femininas (BOTTON; STREY, 2012). Suas possíveis definições retratam a escolha de uma via de compreensão acerca de homens e mulheres, referindo-se à maneira como as diferenças físicas e sexuais são compreendidas e experienciadas por eles (STREY, 1998; COLLING, 2004) e como cada cultura lhes atribui determinados predicados, considerando o contexto social que os estabelece e que é estabelecido a partir deles (SCOTT, 1995). Neste trabalho, contudo, para abordar as possibilidades de ser mulher, optei por seguir a tendência explicitada por Colling (2004), Louro (2008), Botton e Strey (2012), cujas raízes estão assentadas na terceira fase do

movimento feminista, que busca desconstruir a ideia de homem e mulher e de masculino e feminino simplesmente como pólos opostos para reconhecê-los como complementares e interdependentes, tornando o estudo mais promissor e mais coerente ao que expus anteriormente, pois uma das tarefas que temos, como promotores do desenvolvimento humano, é ir além das dicotomias que geram relações hierárquicas de dominação e submissão e mesmo de privilégios e exclusões, procurando desconstruir noções normativas alegadamente assentadas nas diferenças biológicas que ainda estimulam preconceitos, discriminações e desvalorizações, sem, no entanto, nos opormos às características biológicas e naturais. Precisamos, ao invés disso, fomentar o questionamento desses papéis que temos construído ao longo dos tempos e também o questionamento do que é ser humano, por meio do qual podemos promover mudanças fundamentais em todos os aspectos de nossas vidas, “da sexualidade e espiritualidade à economia e política” (EISLER, 1996, p. 316).

2.3.2 Da pré-história aos tempos atuais, uma história sobre a mulher e muito mais

A reflexão trazida por Torres (2005) parece bastante pertinente e elucidativa dos tempos de transição que vivemos, fortemente marcados por ações e valores que suportam um binômio de dominação e submissão:

Quem somos nós, mulheres emergentes do século XXI? Filhas das filhas do pós-guerra, da revolução feminina, da mudança de paradigma, convivemos com a graça de nascermos em tempos mais abertos e com o absurdo de observamos, nestes mesmos tempos mais abertos, a existência de sociedades ainda escravagistas, dominadoras, cerceadoras do que se considera o mínimo de dignidade pessoal, onde muitas mulheres continuam sob a égide de uma cultura que legitima a castração, a mutilação, a desigualdade. (p. 16)

Inúmeras autoras concordam que as relações de gênero têm-se dado sob a égide da dominação masculina por meio do patriarcado (EISLER, 1989; 1996; MURARO, 1995; BOLEN, 2003; NARANJO, 2005; BOTTON; STREY, 2012; LINS, 2012), uma construção histórica que tem ajudado a modelar a subjetividade humana, atingindo homens e mulheres ao naturalizar papéis, comportamentos e relações, entre eles a desvalorização e a exclusão das mulheres de muitos aspectos da vida humana. A maneira como temos visto o sexo e as mulheres tem sido muito distinta do modo como nossos ancestrais pré-históricos os viam. Nessas sociedades, de acordo com descobertas arqueológicas mais recentes e reinterpretações de escavações mais antigas, não havia distinção entre natureza e espiritualidade, entre sagrado e profano, entre vida religiosa e vida cotidiana (EISLER, 1989; 1995; MURARO, 1995;

LINS, 2012). Os povos da era paleolítica, que compreendeu um período de tempo superior a trinta mil anos, vivendo nas terras mais férteis e abundantes da Europa, percebiam a fonte original da vida na Terra como uma mãe divina e provedora de todas as necessidades, a Grande Deusa ou Mãe Terra (OWEN, 1994). Nessas áreas, floresceu a veneração do princípio feminino, força de vida manifestada também no corpo da mulher e considerada um milagre da natureza. Por conseguinte, o ciclo menstrual da mulher era visto como uma manifestação dos poderes do universo de conceder e nutrir a vida, considerado uma benção e uma dádiva da Deusa, e não algo negativo ou mesmo uma maldição. Como o princípio materno era venerado e a sexualidade das mulheres era associada com poder feminino e não com impotência, as mulheres desempenhavam papéis importantes tanto no plano espiritual, como sacerdotisas, quanto nas decisões políticas e econômicas da vida diária de suas comunidades, como chefes de clãs. Há também indícios de que a maternidade era o meio que traçava a descendência dos filhos, caracterizando essas sociedades como matrilineares, e a educação das crianças era considerada responsabilidade de toda a comunidade. Não há indícios de que os homens ocupassem uma posição de subordinação ou sofressem supressão comparável ao que as características femininas têm sofrido no sistema de domínio masculino (EISLER, 1989; 1996; LINS, 2012). De maneira geral, esses povos, de caráter pacífico, percebiam os vínculos humanos de modo mais íntimo e sagrado, como o vínculo entre mães e filhos por meio do parto e entre mulheres e homens por meio do sexo, e percebiam que somente pela união e pelo amor é que os mais elevados potenciais poderiam se realizar.

Além disso, segundo Eisler (1996), mitos e ritos de alinhamento com os poderes criativos do universo se desenvolveram pela primeira vez entre esses povos. O retorno cíclico da vida a cada ano no início da primavera era celebrado por meio de ritos religiosos nos quais a união sexual dos princípios feminino e masculino era considerada uma forma de sacramento. O sexo parecia ser exaltado em relação à procriação e também como fonte de prazer e de vida. Esses rituais, assim como a arte do período paleolítico, refletiam uma visão da vida na qual a celebração do prazer, ao invés da dor, era primordial. Nessas sociedades, violência, crueldade, opressão e dominação não foram institucionalizadas com a intenção de manter posições de dominação e exploração, nem a sexualidade e a identidade masculina foram associadas com dominação ou submissão. Eisler chamou esse tipo de sociedade de parceria, e também cunhou a palavra *gilania* para satisfazer a necessidade de uma alternativa de gênero enfatizando a ideia de que havia diferenças, mas que estas não eram determinantes em um posicionamento hierárquico e desigual que implicasse um binarismo de valorização e desvalorização (EISLER, 1989).

No neolítico, período posterior ao paleolítico iniciado há aproximadamente dez mil anos, o reconhecimento do sexo e do poder sexual criativo da mulher, centrais para os ciclos de nascimento, morte e regeneração, continuou sendo um tema importante. Além disso, as mulheres continuaram se especializando nos ofícios mais importantes da época, assim como no período anterior, conforme a arte pré-histórica aponta. Cerâmica, tecelagem, manufaturas e artes rituais eram suas atividades. Fiar, tecer, fazer farinha e assar pão eram atividades extremamente valorizadas oferecidas pelas mulheres que prestavam serviços como sacerdotisas (EISLER, 1996). No entanto, se por milhares de anos as mulheres se mantiveram em pé de equidade com os homens sob esses e muitos outros aspectos, por volta de 5000 a.C., período denominado pela arqueóloga Marija Gimbutas de Primeira Onda Kurga, e quando do domínio de Creta, por volta de 3200 a.C., coincidindo com a Segunda Onda Kurga, a mitologia, a arte e a vida começaram a mudar (EISLER, 1989; 1996; MATURANA; WERDEN-ZÖLLER, 2004; NARANJO, 2005).

Povos nômades, também chamados de pastores das estepes, kurgos ou indo-europeus, que viviam em ambientes de extrema escassez no norte das regiões europeia e asiática, assim como o povo semita, também chamado de hebreu, oriundo dos desertos do sul, parecem ter sido os primeiros povos a desenvolver sociedades baseadas na dominação, na hierarquia e no autoritarismo, dirigidas por guerreiros que valorizavam a bravura, a violência e a morte em detrimento da vida e da vida em comunidade, com uma religião baseada em deuses masculinos. Em áreas menos hospitaleiras, a terra dificilmente seria concebida como uma mãe provedora, e por isso os poderes que governam o universo teriam sido percebidos como mais severos ou mesmo punitivos. Assim, os rituais desenvolvidos nessas sociedades não eram de agradecimento ou alinhamento com essas forças da natureza, mas sim tentativas de aplacá-las e controlá-las (EISLER, 1989). Imperava a ameaça da falta e não a abundância, condição ideal para que hierarquias baseadas no medo e na força pudessem se desenvolver. Quando esses povos começaram a invadir as sociedades pacíficas e agrárias, onde a terra era venerada, principiando o estabelecimento de um estilo de vida pastoril, iniciou-se um processo de longo prazo que viria a valorizar os aspectos de vida relacionados ao masculino e denegrir os aspectos femininos, levando à vergonha e à desvalorização do corpo e dos instintos em detrimento do intelecto e do espírito, ainda que até a Idade Média continuassem a ser desenvolvidas atividades de reverência à terra e ao feminino, especialmente no norte da Europa (MATURANA; WERDEN-ZÖLLER, 2004).

Eisler (1996) ainda aponta, como legado cultural das sociedades que viviam sob esse sistema para os tempos atuais, a institucionalização do trauma, do sofrimento e da violência, e

a dominação nas relações entre pais e filhos, homens e mulheres e entre nações, refletindo-se nas constantes guerras, nos padrões de violência contra mulheres e crianças, na disfunção familiar, nos controles despóticos de tribos e estados, nos mitos que idealizam a violência e a dominação masculina como a verdadeira virilidade, a repressão de pessoas e sentimentos considerados inferiores e a erotização de atos de dominação e crueldade. Com a mudança para um modelo dominador de organização social, homens e mulheres foram separados, assim como espiritualidade e natureza, e cada ser humano também foi separado de sua energia criativa e erótica. O sexo, considerado sagrado na pré-história ocidental, passou a ser difamado e associado com o poder do homem sobre a mulher, cujo corpo passou a ser explorado pelo homem de forma justificada e cujo padrão desejável passou a ser historicamente formatado a partir de uma perspectiva masculina, conformada pelo sistema dominador e que definia o desejável numa mulher, em desacordo com seus desejos e necessidades. Aos homens, foi-lhes ensinado que o físico é de uma ordem inferior, assim como as mulheres, convertendo-os em homens *androcratizados*, separados de seus corpos e de seus sentimentos, e também do prazer e da cura possibilitados pelos relacionamentos baseados na cooperação, e não na hierarquia e na dominação (OWEN, 1994). Assim, tornou-se seu dever não só controlar tudo que fosse físico e carnal, colocando-os em guerra contra seus próprios corpos, mas também controlar as mulheres, fazendo eclodir a guerra dos sexos, e nessa nova ordem, as próprias mulheres foram aprendendo a controlar seus corpos e os de suas filhas e, por vezes, a usarem-nos como moeda de troca, como na prostituição e no chamado golpe do baú, ambas ações histórica e predominantemente associadas à mulher.

Além disso, com a passagem para um sistema de dominação, mulheres e crianças passaram a ser vistas como propriedades de homens. A paternidade passou a ser associada com autoritarismo e punição, e das mulheres se esperava que cuidassem dos maridos e dos filhos “como escravas, meramente em troca de comida, roupa e casa” (EISLER, 1996, p. 436). A noção de que os serviços produtivos e reprodutivos da mulher eram propriedade do homem pareceu ter sido inicialmente uma imposição por meio da força e do medo e, posteriormente, uma institucionalização incorporada à organização econômica e política das sociedades. Desse modo, leis foram elaboradas para diminuir os direitos de propriedade das mulheres, passando aos homens o exercício dos papéis mais importantes em todas as instituições sociais. Tal situação passou a ser considerada inevitável e também desejável, como se ordenada divina ou geneticamente. Assim, as mulheres sequer tinham poder para alterar a desvalorização econômica do trabalho que faziam, o que passou a ser denominado *trabalho de mulher*, nem autoridade moral para alterar os desequilíbrios de poder. Elas, assim

como os homens, passaram a aceitar a noção de que é dever das mulheres, ou uma marca de sua feminilidade, permanecerem caladas e obedecerem aos homens como chefes de família e de instituições políticas, econômicas e religiosas, autoridade essa supostamente derivada de Deus, o Pai. Assim tem-se perpetuado a ideia de que poder é a capacidade de dominar e explorar os outros, além da negação do fato de que a maior parte do trabalho produtivo no mundo todo, segundo Eisler, é o trabalho de assistência e de cuidado, sem o qual a sociedade desapareceria.

No período histórico, temos ainda outros exemplos desse perfil social dominador que foi sendo naturalizado ao longo de séculos e milênios. Na Atenas antiga, as mulheres não contavam com muita proteção legal, segundo Eisler (1996). Sua posição social era semelhante a dos escravos, que não eram considerados pessoas, e tinham ainda pior situação se fossem prostitutas ou escravas. Eram consideradas propriedade dos homens desde a infância, com sua movimentação e comunicação controladas, reclusas na vida privada e proibidas de exercerem um serviço público, o voto e acessarem a educação, impedidas de modificarem sua condição subordinada. Daquele contexto surgiram visões como a de Aristóteles, que considerava a mulher como naturalmente inferior ao homem e, portanto, feita para ser governada por ele. Ainda assim, mulheres inteligentes e bem articuladas também faziam parte do cenário ateniense por meio das *heteras*, que desempenhavam diversos papéis como musicistas, *entertainers* e objetos sexuais dos homens, mas que, no entanto, podiam participar de discussões intelectuais, algo negado a filhas e esposas. Havia ainda as concubinas, que cuidavam dos homens, já que às esposas cabia o cuidado da casa e a produção de filhos. Essas três categorias de mulheres confirmam que, para os atenienses, as mulheres se submetiam a um sistema *falocrático* em que imperavam o poder e a autoridade masculina. Já em Esparta, a posição da mulher era um pouco diferente. Conforme Muraro (1995), sendo uma cidade militarista, propunha a educação de meninas junto com meninos em atividades guerreiras, o que as dava certa autonomia, ainda que não tivessem os mesmos direitos políticos dos homens. Essa liberdade se refletia em sua maneira de se vestir com túnicas curtas, que lhes davam maior agilidade nos movimentos, diferentemente das atenienses, que se escondiam em túnicas volumosas que lhes atrapalhavam a ação. Apesar dessas diferenças, de maneira geral a sociedade grega era sexista e misógina.

Leis semelhantes às atenienses foram encontradas entre sumérios e babilônicos, segundo Eisler (1996), outorgando aos homens poder quase absoluto sobre as mulheres nas esferas social, econômica e sexual por serem parte de um sistema coeso maior de relação mantido pela violência institucionalizada, tanto no âmbito privado, contra mulheres e

crianças, como no âmbito público, com guerras, torturas e execuções públicas. Mesmo entre os romanos, cuja cultura também teve imensa influência em nossa história ocidental, havia um histórico de escravidão e violência em sua conquista e expansão territorial, reverenciando qualquer valor masculino e desprezando qualquer coisa associada à mulher e ao feminino, inclusive o amor. Segundo Muraro (1995), chefes de família tinham direito de vida e de morte sobre seus membros, podendo inclusive vendê-los como escravos. Quando casadas, as mulheres estavam submetidas ou ao poder dos maridos ou ainda ao poder dos pais, que seguiam no controle de suas vidas. A falta de reconhecimento das mulheres como indivíduos se evidenciava no fato de que elas não tinham nomes próprios. Se, por exemplo, um pai se chamasse Júlio, sua filha seria chamada de Júlia, diferentemente de um irmão, que teria nome distinto. Ainda assim, as mulheres não viviam reclusas em casa e frequentemente eram educadas quase da mesma maneira que os homens.

Algumas mudanças em como as pessoas veem a si mesmas, suas relações e o mundo começaram a surgir no final da Idade Média e na Renascença, quando as mulheres foram o elemento que manteve as sociedades integradas durante os períodos em que as nações se formaram e se solidificaram, seja como membros da nobreza ou das camadas sociais mais populares, embora as mulheres dessas classes, diferentemente das abastadas que se submetiam às normas, tenham sido reconhecidamente aquelas que questionaram a condição da mulher por meio do exercício de sua sexualidade e de seu saber, sofrendo com a caça às bruxas, que deixou como lamentável herança a ideia de papéis sexuais como conhecemos hoje e o início de um longo processo de disciplinarização dos corpos para se submeterem a um sistema econômico baseado numa cultura claramente patriarcal e excludente da mulher como ser autônomo (MURARO, 1995). Tais mudanças tiveram maior aceleração nos últimos estágios da Revolução Industrial, levando a transformações tecnológicas, econômicas e nos hábitos, no modo de pensar e encarar a vida, proporcionando uma reavaliação de *verdades* há muito estabelecidas, dentre elas a ideia de escravidão e submissão como algo inevitável e a sexualidade feminina como algo ameaçador aos homens. A chamada família moderna começou a emergir por volta do final do século XVIII, sendo que os homens ainda ocupavam posição superior à das mulheres, mas os elos afetivos entre esposo e esposa e entre pais e filhos passaram a ser vistos como mais importantes do que os elos gerados pela simples autoridade (EILSER, 1996). O papel da mãe voltou a ser mais relevante e com isso ganhou força a ideia de uma educação mais gentil da criança. Paralelamente, no entanto, perdurou a visão da mulher voltada à pureza, à piedade religiosa e à submissão, uma figura assexuada

pronta para obrigatoriamente se tornar uma dona de casa e uma mãe dedicada e sofredora (MURARO, 1995).

Como reação, no bojo da civilização industrial dos séculos XIX e XX, surgiu o movimento feminista que, junto ao movimento comunista, lutava por mudanças. Enquanto este último buscava a erradicação da sociedade de classes, o primeiro lutava pela supressão do patriarcado. Segundo Lamas (1994), na segunda metade do século XX, os movimentos feministas radicalizaram a situação da mulher, colocando-a muitas vezes como oponente ao homem. Essa polarização radical foi fundamental para a emancipação da mulher, ajudando a libertá-la de uma posição subalterna e inferiorizada, passando a ter mais maturidade e independência e conquistando direitos e dignidade, especialmente no âmbito profissional. Graças às feministas, hoje as mulheres têm direito ao voto, à função política e ao controle da natalidade, acesso ao ensino superior, liberdade de aceitarem um emprego sem autorização do marido e direito de ficarem com seu salário (EISLER, 1996). Durante a década de 1970 também foi colocada em debate a visão do corpo da mulher como mera ficha de barganha para obter privilégios dos homens. De lá para cá, tem havido uma crescente conscientização do alto preço pago ao se privilegiar o masculino em detrimento do feminino, especialmente nas sociedades que consideram um infortúnio o nascimento de meninas, e um crescente questionamento sobre a maternidade e as noções construídas sobre ela, notadamente em relação à tendência a naturalizar o desejo da maternidade e a culpar as mães por tudo que aconteça a seus filhos, entre outras rotulações de dominação e abuso de poder. Além disso, as mulheres estão reconhecendo como uma infinidade de imagens religiosas, folclóricas e míticas de caráter sexista têm servido para manter o modelo de dominação, imagens essas inculcadas desde a infância (BOTTON; STREY, 2012).

No Brasil, especialmente no último século, vemos uma convivência de diferentes perfis de mulher ante uma estranha mistura de valores no tocante a sua condição. Nas regiões rurais, segundo Muraro (1995), elas são mais oprimidas, trabalhando duas ou três jornadas, tendo muitos filhos e sofrendo mais sanções sociais e sexuais. Dentre as trabalhadoras urbanas, há uma sutil melhora no que tange a seus ganhos, ainda inferiores aos dos homens. Especialmente nas periferias, as famílias são matricêntricas, mas com valores patriarcais. Já as mulheres consideradas de classe média têm maior escolarização e presença no mercado de trabalho, o que aumenta sua capacidade e possibilidade de refletir sobre sua condição e de lutar por mudanças. Ainda assim, há necessidade de ampliar essa conscientização acerca do que, como gênero, todas as mulheres têm vivido historicamente, fazendo um chamado ao seu protagonismo para escreverem novos capítulos da história humana, evitando que situações de

opressão passem despercebidamente, como quando não se sabe que a vida pode ser diferente, nem que sejam aceitas com naturalidade, como quando se acredita que as coisas são e estão como devem ser.

2.3.3 Mas afinal, o que temos pela frente?

Para Naranjo (2005), a raiz de nossos principais problemas está na condição patriarcal de nossa mente e nossa sociedade. Por meio do domínio masculino, vemos “o predomínio da razão sobre a emoção na maior parte do mundo civilizado, assim como o predomínio da exploração sobre o cultivo, da agressão sobre a ternura e da competência sobre a colaboração” (NARANJO, 2005, p. 92). Eisler (1989), ao reexaminar as sociedades humanas desde uma perspectiva holística, estudando dados de ambas metades da humanidade em toda a extensão da história humana, propôs uma nova teoria, a qual denominou *teoria da transformação cultural*, que sugere, subjacente à diversidade cultural humana, dois modelos básicos de sociedade. O modelo dominador, ao qual Naranjo e outras autoras se referem como patriarcal, é aquele em que há supremacia de uma metade da humanidade sobre outra, como se vê em sociedades patriarcais ou matriarcais. O modelo de parceria, ou neomatrístico (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), por sua vez, apresenta relações sociais baseadas no princípio de união e não de supremacia, no qual a diversidade não é comparada a inferioridade ou superioridade. Como ampliação de sua teoria, Eisler (1996) sugere que a organização social humana não seguiu um caminho único, mas uma variedade de caminhos, alguns voltados primordialmente para um modelo de dominação e outros para um modelo de parceria. Ou seja, o modo como temos nos organizado social e culturalmente constitui uma construção e não algo dado a priori, e reside justamente aí a tarefa fundamental da educação, no sentido de trazer à consciência o estado que estamos vivendo e propor sua manutenção ou novas possibilidades de se viver, mostrando que viver é transitar pela possibilidade de ser uma pessoa singular inserida em uma sociedade que lhe imprime marcas e da qual se é simultaneamente construtora (OWEN, 1994):

Navegar neste terreno do desejo pessoal, em contraposição à demanda coletiva, é tarefa do adulto, e o ideal é que os anos de maturidade sejam uma expressão de tudo o que há de melhor em ambos: ser um indivíduo desenvolvido – “conhecer a si mesmo” – e ao mesmo tempo ser um valioso cidadão do mundo, capaz de levar sabedoria e conhecimento ao coletivo. (p. 112)

O poder para dominar por meio da força foi estereotipadamente associado com a masculinidade no curso da história de grande parte das sociedades humanas, e o poder de cuidar da vida, com a feminilidade. Isso não quer dizer que tais diferenças sejam naturais, mas que, diante dessa ideia, homens têm sido tradicionalmente socializados para sentirem prazer no poder que exercem e mulheres têm sido socializadas para sentirem prazer no poder de capacitar os outros a realizarem seus potenciais. Embora nem todos homens e todas mulheres se conformem a esses estereótipos, as diferenças na socialização dos sexos ao longo da história foram reforçadas por uma organização social em que homens são estimulados e recompensados ao equipararem poder com controle e mulheres são desestimuladas ou até mesmo punidas se tentarem exercer algum poder, acabando por se tornarem um borrão de atividade, pressionadas a serem tudo para todos e cada vez mais desconectadas da profunda e autêntica sabedoria que jaz em suas psiques (ESTÉS, 1994). No entanto, é importante mantermos claro que as mulheres não são vítimas nesse processo, mas participantes cooperativas nessa construção, conforme Eisler (1996) repetidamente ressalta. As próprias mulheres têm ajudado, ao longo da história humana, a manter uma supremacia masculina, que não significa a supremacia dos homens, muitas vezes perpetuando os estereótipos de uma masculinidade dominadora e condenando formas de feminilidade que não condizem com o estereótipo feminino como, por exemplo, mulheres ativas e assertivas. Como Owen (1994) muito bem lembra, todos nós, homens e mulheres, fazemos parte da mesma grande família humana, e a maneira como as mulheres se veem e são vistas pelos outros também afeta os homens. Tanto os homens quanto as mulheres tiveram ganhos e perdas nos desequilíbrios da sociedade patriarcal. Esse reconhecimento e a promoção de maior consciência e reflexão sobre isso são outra importante tarefa da educação para os tempos atuais, de modo a evitar a polarização de homens e mulheres como opressores e vítimas e para despertar a compreensão de que todos estão vivendo diante de um sistema ainda demasiado opressivo e sendo amplamente influenciados pelo que lhes é ensinado, possibilitando também o reconhecimento de que as mulheres não são mais passivas, submissas ou manipuladoras do que os homens de modo natural, mas sim mediante uma construção histórica. É um grande desafio superar essa polarização e essa hierarquização que nos fazem ver pessoas de ambos sexos desempenhando papéis masculinos por meio dos quais o poder de oprimir pode ser exercitado, disseminando estratégias de fragmentação por classes, idades, grupos ou culturas minoritárias (OLIVEIRA, 1991; STREY, 1998; COLLING, 2004), de modo que se alcance uma harmonização e uma complementaridade entre homens e mulheres como *pessoas* inteiras de uma única espécie (POZATTI, 2007).

De acordo com Naranjo (2005), para superarmos qualquer programação disfuncional que gera sintomas e dificuldades de convivência em nossa vida individual, precisamos nos remeter ao trauma original que, com frequência, é uma situação permanente frente à qual devemos aprender a nos defender com a adoção de um falso eu e a traição de nosso eu verdadeiro. Com relação à vida coletiva, não pensa diferente, considerando que a cura de nossa condição coletiva alienada deve passar pela consideração do nosso trauma histórico original. Se a construção social da sexualidade e dos papéis e relações dos sexos masculino e feminino estão unidas e ambas afetam e são afetadas por todas as instituições, conforme Eisler (1996) argumenta, é também tarefa para nossos tempos abordar de forma lúcida os modos como nossas sociedades têm construído e mantido suas instituições econômicas, políticas, religiosas e educacionais, de modo que possamos mudar a forma como construímos e lidamos com os gêneros, a sexualidade e a espiritualidade. E além da esfera pública, há questões a serem examinadas na esfera privada. Ainda que a maneira como vemos nossos corpos e o que fazemos com eles sejam um ato extremamente político e com implicações sociais, trata-se de algo que tem suas sementes na família. De acordo com a autora, o modo como vemos a nós mesmas e nossas relações com as outras é amplamente moldado no seio de nossas famílias e em outras relações íntimas, quando se formam os primeiros padrões de pensamentos, sentimentos e relacionamentos, e por meio dessas relações íntimas é que esses hábitos se tornam arraigados “não somente em nossas mentes, mas também em nossos corpos, em nossos padrões neurais e musculares” (p. 239), reforçados diariamente. É na infância, período em que somos mais dependentes dos adultos, que começamos a aprender a reconhecer e aceitar os direitos dos outros ou sua violação em nossas relações familiares. Se formos condicionados a aceitar como normais a submissão e a dominação, esses padrões afetarão todas nossas demais relações, o mesmo ocorrendo se aprendermos o carinho e o respeito mútuos. Nossas relações mais íntimas são um importante fator na construção social de todas nossas relações posteriores. Precisamos, portanto, nos questionar sobre como temos educado nossos filhos e nossas filhas, que valores e visões – de dominação ou de parceria – temos ensinado a crianças e jovens com quem convivemos.

Há ainda outro aspecto que também precisa ser levado em conta se desejarmos mudanças no cenário vindouro. A maioria dos estudos sobre as sociedades ainda tem como protagonista, ou mesmo como único ator, o homem (EISLER, 1996; BORYSENKO, 2002; COLLING, 2004). Como resultado desses estudos, surgem dados incompletos e distorcidos, isso porque muitas pesquisadoras, inclusive mulheres, aprenderam a aceitar a noção de que uma sociedade de dominação é algo dado por uma ordem maior, e não uma construção e uma

interpretação da realidade. Ainda há uma enorme desconsideração e, portanto, um amplo desconhecimento sobre os ciclos das mulheres, assim como sobre seus aspectos arquetípicos, intuitivos e sexuais (ESTÉS, 1994). A própria noção que se tem do ciclo vital humano é mais uma visão do ciclo vital do homem do que de homens e mulheres, pois inúmeros estudos excluem as mulheres na totalidade ou em algumas de suas faixas etárias, o que ajuda a perpetuar o desconhecimento a respeito das peculiaridades inerentes a cada fase do ciclo de vida feminino, revelando as diferenças que há entre as próprias mulheres, assim como as semelhanças entre estas e os homens que, segundo alguns estudos mais recentes, demonstram ser muito maiores do que culturalmente tem-se concebido (BORYSENKO, 2002). Portanto, precisamos seguir proporcionando condições para que a real ciência com consciência (MORIN, 2000; 2005) possa emergir, promovendo a revolução que Eisler (1996) e outras pensadoras tanto consideram como necessária e que movimentos de homens e mulheres têm tentado criar:

Como vimos, é nisto que consiste basicamente a revolução na consciência: a desconstrução e reconstrução gradual das histórias e imagens que por tanto tempo moldaram nossas mentes, corpos e almas para se ajustarem às exigências de um sistema ativado pela punição, medo e dor. [...]. [...]: uma jornada que é ao mesmo tempo interna e externa, conduzindo-nos a níveis cada vez mais profundos de consciência e a caminhos cada vez mais amplos e satisfatórios. Paradoxalmente, quanto mais integrados nos tornamos ao nos esforçar para construir o roteiro de nossa própria vida, mais abertos nos tornamos para as mudanças na consciência. E quanto mais tentarmos novos caminhos, como os exploradores de um novo território, mais abrimos caminhos que tornam possível experimentar a vida de uma maneira que antes acreditávamos impossível.” (1996, p. 477)

2.4 HOLÍSTICA, UMA OUTRA VISÃO SOBRE A REALIDADE

2.4.1 Sobre a cosmovisão³ holística

Segundo Cardoso (1995), a humanidade, especialmente a que vive na parte ocidental do planeta, tem sua história marcada por três grandes modelos de percepção e ação sobre a realidade. O modelo teocêntrico englobou o pensamento mítico humano mais primitivo e uma versão mais racionalizada na Idade Média. O antropocêntrico teve suas raízes na experiência grega do *logos*, dando origem à ciência moderna. Por fim, o ecocêntrico ou holístico é o modelo mais recentemente reconhecido, convivendo com o modelo antropocêntrico, mas que,

³ Segundo Guareschi (2004), *cosmovisão* se refere a uma visão de mundo individual e social, traduzindo a forma como o compreendemos e nos relacionamos com ele, indo além da referência científica, que justificaria a utilização do termo *paradigma* como mais adequado.

segundo Weil (1990), diferencia-se deste por integrar o antigo e o novo modelo da ciência assim como a visão pessoal e transpessoal do Real e da existência, constituindo-se num caminho do meio.

Derivada do grego *holos*, que significa “todo”, “inteiro”, *holística* é um adjetivo que se refere a uma totalidade em suas relações com suas partes, à inteireza do mundo e dos seres (WEIL, 1990). Em 1926, apareceu na obra *Holism and evolution*, do sul-africano Jan Smuts, tendo sido ele o primeiro autor a utilizá-la, assim como *holismo*, referindo-se à força vital responsável pela formação de totalidades, desde átomos, moléculas, células a ideias e à personalidade humana, inclusive. Passou a ser mais utilizada a partir da descoberta do princípio do holograma, no qual o conjunto de uma imagem pode ser recuperado em todas as suas partes, e de seus desdobramentos em diversos estudos na física, na neurologia e, mais recentemente, em outras áreas do conhecimento. Conforme o autor (1987a), o termo *holístico* também recebeu uma definição no Estatuto da Universidade Holística Internacional, em Paris, em 1986, indicando que o paradigma holístico, enquanto modo de perceber e construir a realidade, considera cada elemento de um campo como um evento que reflete e contém todas suas dimensões, surgindo como reação à visão reducionista, dualista e positivista do universo, enfatizando a unidade, as relações de parentesco e o inerente significado a toda existência (SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005), traduzindo uma perspectiva na qual o todo e cada uma de suas partes estão estreitamente ligados por meio de interações constantes e paradoxais, algo nem sempre percebido por nós humanos (CARDOSO, 1995). De fato, o que percebemos cotidianamente como separação e isolamento é apenas uma percepção, uma aparência, o que Weil (1987b) denomina de *fantasia da separatividade*, pois ontologicamente a realidade é concebida como um holograma em que não se separa todo e parte. No plano cósmico, todas as coisas se identificam como partes de um Ser, nomeado de inúmeras formas pelo ser humano: Totalidade, Real, Unidade, *Tao*, *Holos*, entre outras.

A cosmovisão holística, enquanto forma de perceber, compreender e relacionar-se com o mundo, ganhou força a partir do mal-estar e das inquietações surgidas nas últimas décadas em nossa civilização, configurando-se como uma abordagem alternativa da realidade. Traz, como características fundamentais, a busca da inteireza, incentivando uma ampla compreensão sobre a relação interativa e simbiótica entre partes-todo e todo-partes; a diversidade, considerando que o universo é composto de uma multiplicidade de seres cujos traços singulares o compõem numa espécie de sinfonia cósmica; interdependência e complementaridade, considerando que todos os seres, elementos e fenômenos do universo são interdependentes e se complementam mediante relações dinâmicas; movimento, por meio das

transformações rítmicas e constantes dos ciclos, da compreensão de que tudo muda e de que somente o movimento é que permanece; e espiritualidade, a dimensão energética e sinérgica sutil que conecta o ser humano com outros seres, e que os une em prol de uma solidariedade cósmica (ARAÚJO, 1999). Assim, uma abordagem holística implica, conforme Cardoso (1995), que cada ser humano seja considerado parte do grande sistema cósmico, e separá-lo dessa totalidade é aliená-lo de uma de suas dimensões essenciais.

Outro aspecto fundamental dessa perspectiva é a ideia de que interioridade e exterioridade interagem e se modificam mutuamente. Daí a necessidade de se perceber a realidade como um todo em que ambas instâncias sejam consideradas de forma complementar e inseparável, e de se construir a noção da realidade em seus diversos níveis por meio da razão e da sensação, mas também do sentimento e da intuição, apontando para a importância de se pensar de forma analítica, mas levando em conta também os dados provenientes dos processos intuitivos, emocionais e espirituais. Desse modo, tem-se feito tentativas de relacionar os dados provenientes das Tradições, baseados na vivência experiencial, com os da Ciência, cujo fundamento é racional e experimental. Surgem, assim, as ideias de *holologia*, que é a abordagem do real de forma racional e especulativa, por parte da Filosofia, e experimental, por parte da Ciência, levando a uma construção teórica do conhecimento acerca da realidade; e de *holopraxis*, que constitui o conjunto de métodos experienciais de vivência direta do real pelo ser humano, além da concepção racional e experimental (WEIL, 1987b).

2.4.2 Educação holística: uma abordagem possível e necessária para novos tempos

A missão à qual o campo da educação histórica e tradicionalmente tem-se dedicado é a transmissão do conhecimento acumulado por uma cultura de uma geração para outra (YUS, 2002). No entanto, numa época em que a quantidade de informação aumenta vertiginosamente em tão pouco tempo, essa missão parece se tornar inviável, fazendo com que o papel da educação tenha de ser reconsiderado e ampliado para, neste século, proporcionar algo mais e além da perspectiva tradicional, como propiciar maior capacidade de reflexão e dar às pessoas a possibilidade de criarem uma visão do futuro que desejam. Precisamos, portanto, de uma perspectiva educacional, conforme Pozatti (2007), abrangente o suficiente para permitir a promoção da inteireza do ser humano, de modo que possa se tornar um ser inteiro em cada fase de sua existência, conectado com a Totalidade da qual é parte; que, conforme Naranjo (1991), leve a pessoa a um ponto de maturidade em que passe da perspectiva de individualidade isolada e mentalidade tribal para o sentimento plenamente

desenvolvido de comunidade e perspectiva planetária, numa educação do eu como parte da espécie humana com senso de humanidade; uma educação em e para uma era planetária e para o despertar de uma sociedade-mundo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2007), pressupondo uma civilização planetária e uma cidadania cosmopolita sem perder de vista nem menosprezar os singulares universos pessoais.

A perspectiva holística influenciou diferentes campos científicos, dentre eles a educação, trazendo a possibilidade de curar as muitas divisões cultivadas no paradigma newtoniano-cartesiano, que estabeleceu separações entre corpo e mente, intelecto e emoção, razão e intuição, ciência e arte, indivíduo e comunidade, humanidade e mundo natural (SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005) e que, além disso, tratou de hierarquizar tais dimensões, favorecendo algumas, como mente e corpo físico, e reprimindo outras, como emoção e espírito (YUS, 2002), agindo sob a tutela de um modelo de dominação. No entanto, sob uma perspectiva holística, a educação, conforme Weil (1990), passa a lançar pontes entre esses fragmentos pessoais e estimula a percepção e a formação de relações com outros seres e com o universo, sinalizando para necessárias mudanças nos valores e nas atitudes pessoais por meio de experiências reeducativas que atentem para todas as potencialidades humanas. Passa a se dedicar à pessoa como um todo, portanto, adotando uma orientação voltada à integração cultural e uma visão planetária das coisas, proporcionando equilíbrio entre teoria e prática e a consideração do futuro juntamente com presente e passado (NARANJO, 1991).

Atendendo a essa nova perspectiva, foi criado o termo *educação holística*, proposto, segundo Yus (2002), pelo norte-americano Ron Miller para se referir ao trabalho de um conjunto de profissionais que têm em comum a convicção de que a personalidade global da pessoa aprendente deve ser levada em conta na educação, considerando-se seus aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais, além dos aspectos racionais e das responsabilidades de cidadania e vocação. Antes disso, o canadense John P. Miller já utilizara a expressão *currículo holístico*, baseando a educação num princípio de interconexão entre disciplinas e aprendentes, procurando um equilíbrio dinâmico entre elementos como conteúdo e processo, aprendizagem e avaliação, pensamento crítico e criativo, incluindo um amplo leque de estudantes e uma diversidade de visões de aprendizagem.

Ao contrário das ideias de John Miller, a educação holística, para Ron Miller e outras autoras, não se reduz a uma técnica ou um currículo, pois tem como foco principal a ênfase numa mudança de perspectiva e não numa proposta acabada, que promova o desenvolvimento da pessoa em sua globalidade e na criação de uma comunidade de aprendizagem que estimule

seu crescimento criativo e interrogativo, nutrindo pessoas saudáveis, completas e curiosas, que possam aprender qualquer coisa em qualquer contexto de desenvolvimento. Adota um perfil igualitário e aberto de relações humanas, envolvendo um senso de comunidade não limitado por autoritarismo ou burocracia. Tem interesse pela experiência vital, considerando a educação como crescimento, descoberta de horizontes e envolvimento com o mundo, indo além do que apresentam os currículos convencionais, livros didáticos e provas padronizadas. Assim, capacita as aprendentes a se aproximarem criticamente de contextos culturais, morais e políticos, reconhecendo as culturas como instâncias criadas que podem ser mudadas a fim de melhor servirem às sociedades.

Um aspecto que merece destaque na educação holística é o fato de priorizar a formação humana por meio do autoconhecimento rumo a sua plena realização e não apenas para resolver problemas de ordem prática no cotidiano, levando em conta aprendizados proporcionados pelas diversas sabedorias da humanidade, o desenvolvimento de uma consciência reflexiva, sobretudo das relações entre mente e corpo, eu e Eu, indivíduo e sociedade, assim como a promoção das habilidades necessárias para transformá-las (WEIL, 1987b; ARAÚJO, 1999; YUS, 2002), considerando a aprendizagem como a realização das potencialidades do Ser no ser, valorizando a experiência interior tanto quanto a exterior, de modo a dissolver a ilusória distinção entre ambas (WEIL, 1987b). Tem como fontes de inspiração uma diversidade de tradições educativas e de posições filosóficas com aspectos comuns, ainda que contraditórias em alguns pontos. Talvez por isso a expressão utilizada por Weil (1987b) possa ser ainda mais apropriada: *abordagem holística em/da educação*.

Essa abordagem tem origem no entrelaçamento entre as sabedorias oriundas de diversas tradições e as descobertas científicas contemporâneas de diversas áreas de conhecimento, apontando para a relação entre ciência, arte, filosofia e tradições (ARAÚJO, 1999). Suas raízes podem ser encontradas em abordagens sistêmicas e em uma sabedoria essencial que embasa vários ensinamentos e tradições espirituais (YUS, 2002; SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005; MILLER, 2007), conhecida como *filosofia perene*⁴. Essa filosofia apresenta uma visão de mundo ecológica, encarando todos os fenômenos da natureza como interconectados num universo interdependente em todos os seus aspectos, fazendo com que as educadoras valorizem os saberes tradicionais de modo a complementar o conhecimento lógico-analítico tradicionalmente legitimado pela educação, incluindo processos de

⁴ Expressão usada pela primeira vez por Agostino Steuco ao se referir ao trabalho do filósofo renascentista Marsilio Ficino, sendo possível identificá-la dentro de muitas religiões e psicologias espirituais. No século XVIII, Leibniz utilizou-a, e no século XX, Aldous Huxley escreveu sobre ela (MILLER, 2007).

pensamento intuitivos, metafóricos e narrativos. Assim, o conceito de aprendizagem adquire uma conotação especial, diferindo muito do conceito que se tem na educação de tradição cartesiana e mecanicista, pois implica diferentes níveis e dimensões da consciência humana, envolvendo o afetivo, o físico, o social e o espiritual, ultrapassando o puramente cognitivo (LARA, 2002).

A tradição holística em educação tem suas raízes também em filósofos e pedagogos do século XVIII, destacando-se entre eles Jean-Jacques Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi, e também pensadoras do século XX, como María Montessori, Rudolf Steiner, Francisco Ferrer, John Dewey, entre outros. No entanto, só mais recentemente é que passou a ser vista como um novo paradigma na educação (YUS, 2002; NARANJO, 2005). Foi a partir de alguns acordos internacionais entre educadores holísticos como, por exemplo, a Declaração de Chicago, oriunda da Oitava Conferência Internacional de Educadores Holísticos, realizada em 1990, que a educação holística tomou corpo e passou a ser melhor reconhecida. Como diferenciais de outras perspectivas em educação, pode-se destacar que essa abordagem considera os elementos não-humanos na experiência humana, situando nossa espécie em uma relação igual com todas as manifestações do cosmos, e valoriza o papel dos seres humanos como participantes autorreflexivos. Não exclui ou privilegia um tipo de aprendizagem, assim como também não se opõe à instituição escolar, mas coloca-se contra a primazia dos sistemas educacionais, reconhecendo que as escolas não são o único lugar que legitima a aprendizagem, considerada como um processo ativo de construção de conhecimento a partir de experiências no mundo quando a aprendente está envolvida pessoalmente em projetos significativos.

Três princípios embasam uma educação de caráter holístico (YUS, 2002; MILLER, 2007): equilíbrio, inclusão e conexão. As raízes filosóficas da ideia de equilíbrio, segundo Miller (2007), advêm das concepções taoístas e da teoria *yin* e *yang*, em que estes são considerados como princípios complementares e interconectados, existindo apenas em regime de coexistência para que o sistema ao qual se referem esteja saudável. Sob essa perspectiva, podemos considerar que a educação e a cultura ocidentais ainda estejam demasiadamente *yang*, tendendo a enfatizar aspectos racionais, materiais, masculinos e individuais, menosprezando aspectos intuitivos, espirituais, femininos e grupais, associados ao princípio *yin*. Uma educação verdadeiramente holística busca o equilíbrio entre a parte e o todo e ajuda a manejar dicotomias a partir de uma ótica equilibrada (YUS, 2002), reconhecendo que, embora em determinados momentos um aspecto da pessoa possa ser predominante, não se pode perder de vista sua globalidade. A tendência em equilibrar, segundo o autor, leva à

inclusão, outra característica desenvolvida pelo holismo ao buscar um sincretismo sintetizador entre diferentes visões, ainda que não anule o conflito intrínseco à coexistência de orientações pedagógicas diversas. Por fim, a educação holística também envolve fazer conexões como tentativa de partir da fragmentação pessoal e social rumo à conectividade, focalizando as relações entre corpo e mente, entre pensamento linear e intuitivo, entre indivíduo e comunidade, relacionamento com a alma e com o cosmos.

Com base nesses princípios, uma educação holística propicia a transformação de pessoas e comunidades por meio de duas formas complementares (WEIL, 1990): a *holologia*, que leva a um conhecimento intelectual e experimental e que constitui a tendência científica de uma educação holística; e a *holopraxis*, que leva a um conhecimento obtido por meio de uma vivência direta do real, ainda que possa ser posteriormente investigado e racionalizado, constituindo a tendência tradicional e experiencial dessa abordagem em educação. Como resultado de um trabalho holístico, surge uma pessoa holocentrada, que aprende que o universo e os seres constituem um conjunto sem fronteiras e que passa por uma série de experiências pessoais que fazem com que saiba, na prática, o que é um *hólon*. Por fim, realiza-se como esse *hólon* e vive como sendo o Ser, comportando-se como uma pessoa que sabe, que vê e ajuda outras a se iluminarem e dissolverem a dualidade (WEIL, 1987a; 1987b). Para que tal possibilidade educativa se consolide, requer transformação de políticas, ações e instituições educacionais, resultando em práticas holísticas em todos os níveis, em perspectivas multi/inter/transdisciplinares, com foco na inteireza durante o desenvolvimento humano e uma interdependência entre teoria, pesquisa e prática. Por isso, necessita diferentes ferramentas e diversas abordagens (SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005), devendo tornar-se cada vez mais objeto de pesquisas, práticas e teorizações, de modo a sustentar a nova perspectiva paradigmática que tem despontado desde o final do último século, sem pretender com isso ser uma verdade que detenha as respostas para os problemas da humanidade, mas antes uma atitude de abertura incondicional e permanente para o novo, para as infinitas possibilidades de realização do ser humano (CARDOSO, 1995).

2.5 SOBRE CÍRCULOS DE MULHERES

Segundo Angeles Arrien (1998), as pessoas de diferentes culturas dão significados similares a cinco formas básicas que aparecem especialmente no campo das artes. A cruz representa os relacionamentos, o triângulo remete a sonhos e metas, a espiral indica crescimento e o quadrado, estabilidade. Sem começo nem fim, o círculo simboliza inteireza e

experiência de unidade, remetendo-nos à forma, à atividade e ao processo de circularidade que constitui os ciclos da natureza e da vida, sendo por isso associado à mudança e às ideias de incorporar, dar e receber. Em culturas orientais mais antigas, representa também a confiança rumo à individuação. Como propriedades simbólicas, segundo Ostetto (2009), traz a perfeição e a ausência de distinção ou divisão, constituindo uma forma e um espaço em que não há lugar para assimetrias e hierarquias.

Círculos de mulheres, também conhecidos como círculos femininos, conforme Jean Shinoda Bolen (2003), têm sido realizados em todo o mundo com ênfases das mais diversas, passando a ser considerados como uma ferramenta para acelerar a mudança social, cultural e psicoespiritual da humanidade para uma era pós-patriarcal:

Círculos de Mulheres, apoiando-se mutuamente, círculos de cura, círculos de sabedoria, círculos de irmandades, círculos de mulheres sábias, de mães de clãs, de avós. Círculos de anciãs, círculos de mulheres maduras, círculos vitalícios e específicos, até círculos de mulheres no espaço cibernético e em locais de trabalho. Círculos estão se formando por todo lado. (p. 29-30)

Por serem uma forma arquetípica⁵ familiar à psique da maioria das mulheres, segundo a autora, os círculos funcionam como grupos de apoio que oferecem uma base de operações a partir da qual mudanças de vida podem ser realizadas, pois possibilitam uma aproximação emocional e uma relação menos hierarquizada entre pessoas, tornando-as conscientes das diferenças e facilitando com que se deem conta de que podem perpetuar ou modificar um *status quo*. Para cada mulher que o compõe, estar em um círculo torna-se uma experiência de aprendizado e crescimento que une experiência e sabedoria, coragem e compromisso, pois ali pode falar sobre suas experiências, ansiedades e sonhos, manifestando o desejo de caminhar em conjunto, viver outras vidas, poder sentir outras emoções e sensações, compreender a si mesma e desenvolver uma consciência cooperativa e uma atitude de apoio.

No prefácio da obra de Bolen (2003), a ativista May East também coloca que compreende os círculos femininos como um modo de as mulheres abrirem espaço na cultura ocidental, de orientação masculina, para se reaproximarem do saber feminino, do qual se distanciaram historicamente para se moldarem de forma mais rígida, linear, racional e competitiva. Os círculos também têm inspirado novas formas de ser e estar no mundo a mulheres com forte atuação política, originalmente inspiradas pela ideia de que o feminino pessoal é político, abrindo-se para práticas da espiritualidade feminina, e a mulheres que

⁵ Imagens arquetípicas são imagens, geralmente inconscientes, que manifestam um tema universal que sofre influência de fatores individuais e socioculturais (JUNG, 1967).

buscam crescimento espiritual e que invocam o retorno da Deusa e a reconexão da mulher moderna com os mistérios sagrados femininos, estimulando-as a aplicar sua sabedoria intuitiva na transformação social. Da forma como têm se concretizado, podem ser uma importante ferramenta para uma educação de cunho holístico, disseminando novas possibilidades de se fazer humano e de se (re)construir enquanto mulher.

2.5.1 Tenda da Terra e Tenda da Lua: círculos que formam mulheres que formam círculos

Iniciados em 1994 na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, os Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua foram concebidos por Lúcia Torres (2005), educadora e terapeuta, como uma metodologia de trabalho visando oportunizar a vivência dos diferentes papéis e das diferentes facetas do feminino a mulheres de diversas faixas etárias, profissões, estados civis, classes sociais e opções políticas, filosóficas e religiosas. Têm procurado ser um caminho onde se expressam a consciência e a cidadania sem perder de vista os aspectos sagrados e transcendentais que a tudo permeiam. Junto dos Guerreiros do Coração, constituem o Movimento dos Guardiães do Amanhã, numa parceria com o campus gaúcho da Universidade Internacional da Paz - Unipaz-Sul, por meio do qual homens e mulheres buscam harmonizar-se e integrar suas energias masculina e feminina em encontros temáticos e ritos de passagem, de modo que possam se tornar guardiães do amanhã e permitir um futuro para si mesmos e para os que virão (POZATTI, 2007), proporcionando também formas de parceria mais fraternas, amorosas e harmônicas intra e intergêneros, com o planeta e com o universo.

Em entrevista⁶ com Lúcia Torres, pude compreender quais foram as sementes desse trabalho no qual cerca de três mil mulheres já ingressaram, e que tem-se mantido e renovado ao longo de quase vinte anos. No início da década de 1990, Lúcia trabalhava com astrologia e yoga, e passou a fazer parte de um grupo de estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado por Mauro Pozatti, por meio do qual uma trama de contatos lhe traria uma inspiração fundamental para seu trabalho e as primeiras mulheres a ingressarem na jornada empreendida por essa caravana feminina ao longo dos anos:

[...] tinha um grupo dentro da universidade que se chamava Holos, Abordagem Holística em Saúde, e eu entrei no grupo porque eu já pesquisava em Astrologia Médica e queria trazer este

⁶ De modo a ampliar o corpo referencial sobre os Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua, foi realizada uma entrevista com Lúcia Torres, conforme detalhes no capítulo sobre metodologia, para que nesta seção se pudesse contar um pouco sobre sua história.

aporte para o grupo. [...] tinha um monte de gurizada lá que eram estudantes de Medicina, mas que tinham interesse em outras áreas. É que eu tinha vários alunos, estudantes de medicina, meus alunos de astrologia. [...] E aí, nesse meio tempo, eu fui me aproximando mais do Mauro e tal, e um ano e meio depois, sei lá, a gente começou a namorar, e aí, quando a gente começou a namorar, o Craig [Gibson] e a May [East], que ele já conhecia da Unipaz de Brasília, vinham pra cá fazer trabalhos com o masculino e o feminino. Vinham separados. Aí o Mauro e um outro grupo de amigos dele promoveram esses encontros. Então ele promoveu o dos homens, agora não me lembro mais, acho que era “indo ao encontro da identidade masculina”, e o das mulheres era “resgatando a identidade feminina”. Foi o primeiro trabalho que a May fez aqui em noventa e três, e aí o Mauro divulgou o trabalho no grupo Holos.

Lúcia, então, decidiu participar do *workshop* coordenado pela artista e ativista May East em Porto Alegre, sendo profundamente tocada pelo que vivenciara:

[...], e quando eu participei desse encontro, aquilo assim me surpreendeu, sabe, por tudo, porque era uma coisa que tinha uma proposta completamente diferenciada, que falava das questões do feminino, em que se cantava, se dançava.

Num retorno de May East para novos trabalhos em Porto Alegre, Lúcia arrebanhou amigas e alunas de Astrologia para participarem juntas desse trabalho, que nelas despertou o interesse em prosseguir estudando as questões do feminino:

Então, começou por aí, “vamos estudar mais a respeito do feminino”. [...] a gente criou um grupo em novembro de noventa e quatro pra estudar como é que era ser mulher e quais eram as questões do feminino, [...], de troca entre amigas. [...] Daí a gente leu aquele livro “As deusas e a mulher”, da Jean Shinoda Bolen, que na época era o *must*, né, [...]. Aí as gurias, foi bem isso, elas me pediram “faz um grupo pra gente estudar esse assunto”, porque eu tinha vários grupos de Astrologia nessas alturas, nível intermediário, nível avançado, eu dava aula e fazia mapas, né, [...].

A partir de 1994, então, foi-se delineando o “Círculo Feminino Tenda da Lua”, em que as mulheres participantes, que constituíram sua primeira geração de *tendeiras*, se encontravam na lua nova de cada mês, abrindo espaço para outras mulheres na lua cheia:

Começou assim, encontros fechados e encontros abertos. Nesses encontros abertos, a gente convidava as filhas, as amigas, as mães pra falar coisas de mulher, mas as pessoas queriam participar dos encontros fechados de lua nova (risos).

A Tenda da Lua, de acordo com a tradição indígena da América do Norte, é o lugar das mulheres por excelência, onde elas se reúnem durante o sagrado Tempo da Lua, seu período menstrual, para ficarem juntas e se sintonizarem com as mudanças ocorridas em seus corpos (SAMS, 1993). Durante esse período do ciclo lunar, as mulheres ficam afastadas dos trabalhos domésticos e recebem permissão para ficarem na Tenda da Lua em companhia de suas irmãs e vivenciarem um processo de renovação em que honram os dons recebidos da Mãe Terra no mês passado e se religam a sua fertilidade, da qual serão portadoras durante o

próximo ciclo lunar. Ali partilham sonhos, visões, experiências e habilidades, reforçando seus laços fraternais e fortalecendo sua energia feminina grupal. Essa foi a inspiração para a criação do Círculo Feminino Tenda da Lua. Inspirada nessa Carta do Caminho Sagrado, Lúcia escolheu esse nome por chamar atenção ao momento mais *yin* do ciclo mensal, a lua nova, tradicionalmente associado à menstruação e ao período de se voltar para dentro para sonhar e refletir sobre o feminino, aspectos esses também em acordo com sua experiência como astróloga.

Em março de 1995, foi feito o primeiro encontro aberto, em que algumas mulheres levaram suas filhas e amigas para conhecer essa proposta de trabalho. Desse encontro e da crescente demanda de mulheres para ingressarem no grupo, surgiu o embrião da “Tenda da Terra”, que viria a ser um grupo de iniciação aos trabalhos da Tenda da Lua:

Então eu disse “tá, então, vou criar um outro grupo, Tenda da Terra, pra ser um grupo inicial, né, e depois que as pessoas tiverem esse conteúdo, em comum, elas entram na Tenda da Lua”. Então, esse grupo da Tenda da Terra, ele começou em julho ou junho de noventa e cinco, [...], e aí, depois que teve, então, esse ritual final, o encontro final, essas pessoas entraram na Tenda da Lua. Então, assim que começou [...] e assim o negócio começou a ter todos os anos [...].

De um caminho que foi se delineando ao caminhar, surgiu a Tenda da Terra, com o objetivo de propiciar autoconhecimento às participantes, dentro da perspectiva de uma ecologia pessoal. Seu nome surgiu como uma tentativa de homenagear e reforçar a ideia de um feminino vinculado à natureza:

[...] dentro da astrologia, a lua rege o signo de câncer. Família, água. Os dois elementos femininos, a terra e a água. Então, foi meio que natural assim, a Terra com seu satélite natural, a lua, e foi por essas associações, por serem elementos mais vinculados à essência feminina, por serem mais receptivos e de estarem muito, de uma forma arquetípica, predominantes na psique das mulheres.

Os encontros nas noites de lua nova foram mantidos por quatro anos, quando surgiu a necessidade de se criar um calendário específico, independentemente da fase lunar, devido à dificuldade das mulheres se desvincularem de seus compromissos familiares e profissionais para poderem se encontrar. Na fase dessa mudança, em 1998, os Círculos Femininos se juntaram ao movimento orientado por Mauro Pozatti que congrega homens desejosos de se desenvolverem enquanto homens, os Guerreiros do Coração, e assim formaram o Movimento Guardiães do Amanhã:

Em noventa e oito surgiu, assim, numa roda de conversa, “por que que esses dois grupos não começam a trabalhar juntos?”, “por que a gente não cria um espaço pra dialogar entre homens e

mulheres?”. Então, aí, surgiu a ideia de fazer o Movimento Guardiães do Amanhã, [...], pra que houvesse um espaço de partilha entre homens e mulheres.

Com o crescimento dos Círculos e por haver uma crescente demanda de mulheres interessadas em participar deles, em 1999 Lúcia criou um curso de formação de facilitadoras para as tendeiiras que já haviam concluído sua jornada e que desejavam se tornar líderes multiplicadoras. Ao longo dos anos, passaram a surgir outras atividades paralelas que têm permitido a todas as mulheres, das várias gerações, se encontrarem novamente e se manterem em atividade nesse grande Círculo, inspiradas pelo sagrado reverenciado dentro e fora de cada uma, respondendo a um imperativo de mudança individual, social e planetária.

Nos meses de março, costumam ocorrer as palestras de divulgação do trabalho realizado nas Tendas. É a oportunidade de outras mulheres conhecerem um pouco desse trabalho por meio dos relatos daquelas que estão em jornada ou que já a concluíram. Aquelas que decidem encarar a aventura ingressam na Tenda da Terra, constituída por uma serie de nove encontros mensais, realizados durante um ano, em que as participantes têm um contato inicial com o feminino e suas diferentes facetas e papeis, sendo convidadas a refletirem sobre suas escolhas e comportamentos, suas maneiras de ser e estar no mundo, numa caminhada muito pessoal. As mulheres que cumprem essa jornada durante um ano e vivenciam um ritual de passagem final podem, se assim o desejarem, continuar sua jornada na Tenda da Lua. Num ciclo de encontros mensais distribuídos em três anos, em que se dá continuidade ao trabalho iniciado no Círculo anterior, a Tenda da Lua propõe um aprofundamento nas questões iniciáticas da jornada pessoal de cada participante enquanto mulher, repensando o papel das mulheres e redirecionando sua atuação social e planetária. Nela são abordados vários temas relacionados às mulheres num processo de espiral, de tomada de consciência através das faixas etárias, dos ciclos da vida e dos chamados *mistérios de sangue da mulher*: a menarca, a maternidade e a menopausa, seguindo uma orientação de culturas tradicionais no que se refere à ritualística iniciática feminina por meio do corpo, associado aos ciclos da lua. Ao ingressar nos Círculos, cada mulher estabelece um vínculo com as gerações de mulheres que vieram antes dela, aprendendo com elas e orientando também as gerações que chegam a cada novo ano (TORRES, 2005). Assim, busca-se a cura para os desequilíbrios femininos ancestrais e uma ampliação de consciência, de modo a dissolver a ilusão da separatividade e possibilitar a emergência de vínculos mais fraternos entre as mulheres e em todos seus relacionamentos:

[...] a proposta é que a pessoa realmente, assim, aprofunde na investigação das suas escolhas, trabalhe com maior seriedade ou consciência esses fatores, essas motivações inconscientes, o que a leva a ser como é. Ela vai reconhecendo os padrões subjacentes as suas escolhas, [...] revendo

crenças e pontos de vista, ou comportamentos. [...]. É tu revisar as tuas escolhas, tua trajetória, as tuas construções enquanto mulher e aquelas questões que tu te dá conta que elas foram profundamente inconscientes, que elas serviam pra responder a uma determinada necessidade da época e que hoje se tornaram obsoletas, como é que tu pode redecidir, remodelar, reorientar isso. Resgatar, talvez, algumas partes perdidas ou, então, curar algumas questões que ficaram mal decididas.

Por meio de uma estrutura e um conteúdo programático próprios, as Tendências têm como objetivo principal promover reflexão, autoconhecimento e ferramentas de autorregulação. Trabalham dentro de uma perspectiva holística entrelaçando hologia e holopraxis, propondo vivências e sua significação como essência do trabalho:

Tu não precisa ler nenhum livro, tu sente, tu vê como é que isso bate. Se depois tu quiser estudar, tá aqui a bibliografia de apoio. Mas é pra ser basicamente um trabalho vivencial e de autorreflexão. [...] sempre assim, uma primeira parte [de cada encontro] com, digamos assim, uma reflexão, uma coisa mais de explanação, vamos chamar entre aspas de mais teórica, depois uma parte mais vivencial, e a partilha, sempre a partilha em algum momento ou como fechamento, [...].

Os encontros iniciam com um momento de harmonização, incluindo canto, dança, dentro de uma perspectiva transcultural, e a reverência às forças encontradas na natureza e dentro de cada mulher, de acordo com tradições xamânicas ameríndias e africanas, abordando os quatro princípios arquetípicos que constituem o universo e cada ser humano (ARRIEN, 1997). Para as vivências são oferecidos exercícios com músicas, posturas corporais, ferramentas simbólicas e mitológicas, entre outras, por meio de atividades que envolvem aspectos lúdicos e de autoexpressão:

A argila, o desenho, a confecção de algumas coisas artesanais com as mãos, porque aí tu tá trabalhando com o símbolo. Cartazes, colagens, tu não tem como racionalizar. [...]. Então, nesse contraponto de trabalhar com os dois hemisférios, as duas memórias, e principalmente nessa memória icônica, do símbolo, tu decifrar as coisas inconscientes e subconscientes. Então o processo se torna muito revelador pra ti. [...] por isso, essa proposta de, na metodologia, ter esses dois elementos, que tu trabalhe com as coisas mais racionais, mas que tu dê voz e espaço à linguagem da alma através dos símbolos. Por isso o canto, a dança e todas essas outras práticas mais de autoexpressão.

Como fio condutor do trabalho, são abordadas as diversas fases do desenvolvimento humano feminino associadas aos ciclos da lua, como evidencia o trecho a seguir:

Então, a tua fase da primeira infância, da segunda infância, né, ligadas arquetipicamente à lua nova, algo que tá brotando, que tá gerando. Aí tu entra na adolescência, puberdade, menstruação, então, essa fase de lua crescente, tu tá mudando tua identidade, tu tá expandindo os teus diversos papéis agora. Depois a tua fase mais adulta, mas adulta jovem, onde tu tem três questões fundamentais a decidir, né, é uma questão arquetípica também: qual é a profissão que tu vai seguir, como é que tu vai te sustentar no mundo, que tipo de relacionamentos tu vai instituir, casar ou não

casar, e ser mãe ou não ser. Então isso, pelo menos em algum momento na nossa cultural ocidental.

Como principais referências teóricas e inspiradoras para o trabalho, Lúcia cita autores como Riane Eisler, Marija Gimbutas e James Mellaart, que contribuem para a construção de um aporte teórico que possibilite compreender a dinâmica das sociedades de parceria e de dominação, esclarecendo “contratos implícitos e acordos tácitos entre homens e mulheres” ao longo da história. Destaca a obra de Joseph Campbell, que contribui para sua compreensão acerca dos ritos nas sociedades antigas e as formas de ver o mundo em estruturas femininas e masculinas, e também cita autoras como a psicóloga e cientista médica norte-americana Joan Borysenko, com seu trabalho sobre os ciclos vitais desde uma perspectiva feminina, a filósofa feminista francesa Elisabeth Badinter, que tem se debruçado sobre a questão da maternidade, assim como a psicopedagoga argentina Laura Gutman, que também trabalha sobre paternidade, maternidade, infância e dinâmicas de violência, e por fim a jornalista norte-americana Lynne McTaggart, com suas pesquisas sobre ciência, espiritualidade e saúde.

Ainda que não se proponha a ser um processo educativo nos termos convencionais, as possibilidades educativas dos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua são inegáveis, constituindo-se como um tempo, um espaço e uma ferramenta capaz de agenciar uma educação desde a perspectiva holística, integrando conhecimento intelectual e sabedoria experiencial, resgatando e revalorizando dimensões e atividades humanas, especialmente aquelas ligadas ao feminino, e assim proporcionando condições para aprendizagens significativas que levem a autoconhecimento e transformação às mulheres cidadãs do século XXI que desejam fazer diferença no mundo (em) que vivem:

[...] a Tenda, ela cria o espaço de reflexão, provoca uma desacomodação, promove o diálogo e a partilha e, com isso, acaba sendo uma ferramenta de autoconhecimento, autocura, então, nesse sentido, ela cria as condições pras pessoas refletirem ou talvez aprenderem umas com as outras. [...] No coletivo, no diálogo, no reflexo, na projeção, na luz e na sombra. [...]. Através da convivência eu me conheço e eu aprendo com ela, eu me reconheço. [...] Eu vou indo em direção a mim mesma.

3 DOS OBJETIVOS PRETENDIDOS PARA MINHA JORNADA DE PESQUISA

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como uma educação holística, proporcionada pela participação nos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua, contribui para o processo de aprender a ser mulher.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as temáticas e aprendizagens mais significativas proporcionadas pela participação nesses Círculos Femininos de acordo com a percepção das participantes;
- Analisar como ocorreram as mudanças em seus modos de ser e estar no mundo propiciadas pela participação nesses Círculos Femininos.

4 SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO TRAÇADO PARA MINHA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar aspectos metodológicos que adotei em minha jornada de investigação, versando sobre a opção metodológica, o instrumento de coleta de dados, os procedimentos, as participantes e a forma como os dados foram analisados após sua coleta.

4.1 SOBRE A METODOLOGIA QUALITATIVA DE HISTÓRIAS DE VIDA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento de minha pesquisa baseou-se numa abordagem qualitativa, partindo do princípio, já explicitado anteriormente na seção sobre a cosmovisão e a educação holísticas, de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma relação interdependente entre sujeito e objeto e um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade desse sujeito (CHIZZOTTI, 1991). Para tanto, escolhi trabalhar com histórias de vida (JOSSO, 2004; ABRAHÃO, 2004; 2006) como instrumento de coleta dos dados.

Conforme Mosquera e Stobaus (2004), narrativas são uma forma de representação do mundo subjetivo. Quando produzidas por solicitação de uma pesquisadora com a intenção de construir uma memória pessoal ou coletiva de determinado tempo histórico, constituem o método (auto)biográfico (ABRAHÃO, 2004), abordando vivências e trajetórias rememoradas que articulam presente, passado e futuro. Nesse tipo de pesquisa, o sujeito se desvela para si e se revela aos demais utilizando o exercício da memória como componente essencial na construção de sua subjetividade e na constituição dos elementos de análise que possam auxiliar a compreensão de uma pesquisadora acerca de seu objeto de estudo. Por constituir um processo de construção que desvela histórias de vida, essa metodologia possibilita autocompreensão, autoconhecimento e o conhecimento de uma complexa e multifacetada realidade,

[...] socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e inter-relacionado, [...]. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica. (ABRAHÃO, 2004, p. 203)

Segundo Josso (2004), os contos e as histórias de nossas infâncias são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam nossa compreensão das coisas da vida. As histórias contam o que se aprendeu experiencialmente, e a narrativa da própria história conta as vicissitudes de um diálogo entre o individual e o coletivo, introduzindo uma reflexão sobre como essas duas ordens de realidade se articulam, apresentando-se como uma possibilidade de tomada de consciência dos múltiplos significados possíveis de uma mesma vivência. Assim, contar sobre si toca as fronteiras do racional e do imaginário, pois, por um lado, organiza a herança visitada no aqui e agora, à luz de questões do presente, e também porque é narrada numa linguagem racional e convencional, mas por outro, leva a pessoa a compor uma visão imaginária de si mesma de acordo com as referências que escolhe para sua história e também pela ótica com que tal história é interpretada.

Outro aspecto que reforçou a escolha dessa metodologia reside no fato de que essas histórias possibilitam redescobrir dimensões humanas que vêm sendo esquecidas, como a sensibilidade, a afetividade e o imaginário, de acordo com Josso (2004), de modo a mostrar que continuam vivas e têm importante papel na formação do modo de ser que assumimos. As histórias de vida, portanto, abarcam a globalidade da vida em todos seus aspectos, em todas suas dimensões passadas, presentes e futuras e em sua dinâmica própria, permitindo trabalhar a partir de narrativas compostas pelas recordações que suas narradoras consideram como experiências significativas de aprendizagem, de evolução nos itinerários socioculturais e de representações construídas sobre si mesmas e sobre seu ambiente. Não constituem, como assinala Abrahão (2006), a vida na integralidade, mas sim a vida contada, com sentido e significado.

4.2 SOBRE OS PROCEDIMENTOS

Visando a alcançar os objetivos estabelecidos para este trabalho, foram realizadas entrevistas individuais com as participantes e a idealizadora dos Círculos delineadas por algumas questões norteadoras. Inicialmente, todas foram contatadas via e-mail (APÊNDICE A) de modo que se pudessem agendar suas entrevistas, ocorridas presencialmente, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas para sua análise. Posteriormente, novo e-mail foi enviado a elas solicitando alguns dados para composição de sua apresentação pessoal (APÊNDICE C).

Como mote inicial da pesquisa, foi solicitado a todas as participantes que contassem sobre suas vidas como mulheres, de modo a compreender como tem se dado esse processo de aprenderem a ser mulheres e que contribuições percebem como oriundas de sua participação nos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua. A entrevista com Lúcia Torres, idealizadora desses Círculos, foi realizada de modo diferenciado das demais ao focar a história das Tendões, subsidiando sua compreensão, apresentada no capítulo anterior, no que diz respeito às referências que têm embasado esse trabalho, os objetivos gerais e específicos de cada etapa, os resultados percebidos por ela e recebidos como *feedback* por parte das participantes, além de sua visão sobre os desafios de ser mulher nos tempos atuais e sua percepção das Tendões como processo educativo.

As entrevistas com as demais participantes, visando a alcançar os objetivos estabelecidos para a pesquisa, também tinham como mote inicial a solicitação para contarem sua história como mulheres, de modo a explicitar como foram aprendendo a ser mulheres ao longo de suas vidas e como as Tendões contribuíram para esse processo. Para obter mais detalhes e melhor compreensão sobre alguns aspectos por elas trazidos, utilizei-me de algumas perguntas semiestruturadas, pedindo-lhes que destacassem as experiências e aprendizagens mais significativas em cada etapa e na jornada como um todo, o que aprenderam e experienciaram unicamente nas Tendões, o que mudou em seus modos de ser e estar no mundo, além de sua visão sobre os desafios para ser mulher nos tempos atuais e sua percepção das Tendões como processo educativo.

4.3 SOBRE AS PARTICIPANTES

De forma intencional, para facilitar nosso contato e a realização das entrevistas, foram escolhidas para participar desta pesquisa a idealizadora dos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua, Lúcia Torres, e seis mulheres residentes em Porto Alegre que participaram da 16ª geração das Tendões e que, ao final do ano de 2012, concluíram o ciclo de três anos de Tenda da Lua, precedido de um ano na Tenda da Terra, a serem apresentadas a seguir:

4.3.1 Amanda

Amanda, 28 anos, nasceu na cidade de Jaguarão, vivendo lá até completar um ano de vida, quando sua família se mudou para Porto Alegre. Tem apenas um irmão e considera ter

sido cúmplice de seu pai no início de sua jornada, mas com o tempo foi estabelecendo seus próprios gostos e aliando-se também à mãe. Gosta de viver em Porto Alegre, e de Jaguarão e da fronteira diz ter herdado o gosto pelo Espanhol, pelo tango e pelo povo uruguaio. Por caminhos que diz terem sido tortos, escolheu ser professora, tornando-se pedagoga, pois sempre gostara de crianças e tinha vontade de ensinar coisas novas de um jeito diferente. Entre os anos de 2008 e 2009, começou a estudar Astrologia e descobriu seu desejo de ser doula. Naquele período, assumiu o cargo de técnica em assuntos educacionais em uma universidade da capital e iniciou o curso de doula, trabalho, paixão e bandeira que a faz se sentir feliz por ser mulher e acompanhar outras mulheres. Faz parte do Grupo Parto Alegre, espaço de informações, vivências, partilhas e reflexões visando a uma nova consciência sobre o nascimento e, por meio de suas atividades, percebe que continua sendo uma professora com um perfil menos convencional. Mora sozinha há três anos e há dois namora um guerreiro do coração. Não tem filhos, mas pretende ter. Gosta muito de natureza e de tudo que envolva estética e beleza. Gosta de cantar e dançar, especialmente dança de salão. Tem forte senso de justiça e diz ser muito mobilizada pela causa ecológica, tendo participado do *Greenpeace* dos 16 aos 19 anos. Acredita na educação e no papel de educadora como instrumento de mudança de consciência.

4.3.2 Carla

Nascida em Encruzilhada do Sul, mas tendo crescido em Dom Pedrito, interior do Rio Grande do Sul, de onde vem sua ascendência materna e também suas lembranças de infância e adolescência, Carla, 42 anos, saiu de casa aos dezesseis e há muitos anos mudou-se para Porto Alegre para estudar. É professora de séries iniciais da rede municipal da capital, com experiência em laboratórios de aprendizagem, alfabetização, projetos culturais voltados para dança nas escolas, e psicóloga especialista em Psicopedagogia. Além disso, ama dançar e é bailarina desde sua infância. Teve experiências em grupos de dança flamenca e folclore, atuando também como professora de danças de salão. Atualmente também é bailarina e professora de tango e folclore. É a mais velha de três filhos, tendo uma irmã e um irmão. É mãe de uma menina de sete anos, e ambas vivem com um casal de gatos. Está separada, mas vive o que considera um grande amor com seu namorado, que compartilha muitos momentos dessa convivência em família. Gosta de dança, música, arte e cultura popular. Ama o presente e o que vive a cada dia

4.3.3 Giordana

De espírito leve e descontraído, cultivado pela passagem do tempo, Giordana, 33 anos, nasceu em Porto Alegre, é filha de uma tendeira – que ela levou para as Tendas –, e tem um irmão. Na infância e na adolescência foi praticante de ginástica rítmica desportiva, abrindo caminho para que se tornasse licenciada em Educação Física, com pós-graduação em Dança e Consciência Corporal e também em Psicologia Transpessoal. Atualmente trabalha com crianças e adultos como professora de danças de salão, dança folclórica, *jazz*, alongamento e dança para a terceira idade. Mora sozinha desde que se divorciou, em 2011. Gosta muito de música popular brasileira e dança, que considera sua maior paixão. Outras paixões que tem são o chimarrão, sem o qual diz não viver, e a praia, onde se sente em harmonia quando está perto do mar. Adora ler, meditar, pisar na grama e tomar um bom banho de mar.

4.3.4 Miriam

Nascida no pequeno município gaúcho de Ivorá, onde viveu até seus dezesseis anos, Miriam, 49 anos, vive há cinco na capital gaúcha. Primeira filha e primeira neta de uma família com quatro filhos, tem seu pai e sua mãe como responsáveis por sua característica de “árvore que dobra até o chão, mas não quebra”. Formada em Enfermagem, atua na área de gestão em saúde pública trabalhando na secretaria estadual de saúde do estado. Aos vinte e quatro anos já era mãe de quatro filhos e vivia seu primeiro casamento, e há sete está casada com um guerreiro do coração, que lhe apresentou as Tendas. Aprecia o silêncio e encara as artes manuais como sua forma pessoal de meditar. Considera-se uma boa mãe, uma boa profissional e uma pessoa que não desiste de lutar por um acesso mais igualitário e equânime à saúde. A proximidade dos cinquenta anos tem lhe trazido o desejo de ser menos devotada à vaidade física e mais integrada à natureza, à simplicidade e à harmonia.

4.3.5 Sonia

Nascida em Ilópolis, no interior do estado, numa noite de lua cheia do primeiro dia de um inverno, Sonia, 56 anos, é neta de italianos, a mais nova de uma família com três filhos, e passou a infância convivendo com seus avós paternos, seu avô materno, suas madrinhas, além de muitos tios, primos e primas, estes últimos tendo sido seus grandes parceiros de brincadeiras e traquinagens. Aos onze anos mudou-se para Porto Alegre com seus pais para

poder seguir estudando, uma vez que sua cidade natal só oferecia ensino até o quinto ano do antigo curso primário. Perdeu seu irmão aos 39 anos. Sua irmã lhe deu seu único sobrinho. Vive seu segundo casamento e, por opção, não teve filhos. Na década de 1970, iniciou e não concluiu o curso de Administração de Empresas com ênfase em Análise de Sistemas. Ainda assim, trabalhou na área de informática por aproximadamente trinta anos até se aposentar há cerca de dois anos. Atualmente cursa uma formação como facilitadora de danças circulares. Gosta de teatro, cinema e música, de uma boa comida e um bom vinho, de dançar, ler, juntar gente, abraçar seus amigos, estar num círculo de mulheres, aquietar-se nos braços de seu companheiro, viver e ser uma eterna aprendiz.

4.3.6 Suzeina

Com 41 anos, nascida numa vila da periferia de Porto Alegre, Suzeina é a filha mais velha de uma família de três mulheres, abandonadas pelo pai e com cinco irmãos por parte paterna, os quais conhece apenas de vista. Desde os dezoito anos, trabalhou com publicidade, mas se desgostou da profissão. Então, resolveu investir na profissão de culinária e atualmente está muito feliz cozinhando em pequenos eventos, fazendo congelados e levando alimento com amor para as famílias. Está casada pela segunda vez, tendo um filho de seu primeiro casamento. O que a move é amar a vida, a dança e a cozinha, sua família e seus amigos. Detesta violência e luta contra o estado de normose⁷ em que vivemos, procurando estar presente em cada ato que realiza. Seus talentos são a dança, a alquimia dos alimentos e a alquimia dos tecidos. Por três anos auxiliou na reconquista da auto-estima de mulheres em recuperação de drogas, o que a deixava muito feliz, e atualmente está em busca de algo assim novamente. Como filosofia de vida, procura ter a presença da verdade e de felicidade real e não aparente.

4.4 SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE E SÍNTESE DOS RESULTADOS

Para trabalhar com o material coletado, o primeiro passo que adotei foi transcrever as entrevistas e juntar a elas os conteúdos recebidos por e-mail para, então, submeter todo o material à análise de conteúdo, conforme Bardin (2009), caracterizada como um conjunto de técnicas de análise de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de

⁷ Normose refere-se ao conjunto de hábitos considerados normais numa determinada sociedade e que, na realidade, são patogênicos e levam o ser humano à infelicidade e à doença (WEIL, 2011).

descrição do conteúdo das mensagens de modo que permita inferências de conhecimentos relativos a suas condições de produção e recepção. O método consiste em três pólos cronológicos: a *pré-análise*, a *exploração do material* e o *tratamento dos resultados*, com inferência e interpretação.

Na pré-análise, estabeleci um esquema de trabalho com os procedimentos a serem seguidos. Partindo de uma leitura fluente das entrevistas com a idealizadora e com as participantes e dos conteúdos enviados por e-mail, identifiquei os temas mais significativos. Na segunda fase, realizei um quadro para análise dos dados por meio da decomposição do material escrito e transcrito e de sua codificação. Por fim, as unidades foram categorizadas, de modo a possibilitarem a proposição de inferências e interpretações levando em conta os objetivos específicos previstos inicialmente para o trabalho.

Para complementar o tratamento dos dados, utilizei-me também do aporte metodológico oferecido pela análise textual discursiva, conforme Moraes (2003) e Moraes e Galiazzi (2006; 2007), de modo a gerar e posteriormente reorganizar categorias e subcategorias emergentes de forma sintética até chegar à proposição final que será apresentada a seguir. Esse tipo de análise constitui um processo recursivo continuado que pode melhor qualificar o que foi produzido na decomposição do material, apontando para a característica processual da produção do conhecimento que, mesmo capturado em determinado momento, segue aberto a novas possibilidades de desconstruções e reconstruções (MORAES; GALIAZZI, 2006). Consiste na *unitarização* dos textos, implicando um exame dos materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades referentes aos fenômenos estudados; *categorização*, quando são construídas relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as categorias; e *construção do metatexto*, gerando uma nova estrutura textual a partir das categorias e de sua análise e interpretação (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Em cada etapa do trabalho de análise, encarei o desafio de me manter atenta para preservar a singularidade que cada participante trouxe em sua história. Ainda assim, precisei ir além para tecer uma trama relacionando as histórias narradas entre si, de modo a obter uma compreensão global de como a participação nos Círculos Femininos contribuiu para o processo de aprender a ser mulher. Ciente de que minha autoria também se expressa na maneira como trabalhei com o material transcrito, decidi realizar duas intervenções nos excertos apresentados no próximo capítulo. Visando a manter uma melhor fluência nos trechos reproduzidos, optei por eliminar repetições da linguagem oral que se apresentaram

frequentemente, como *assim*, *né*, *hã*, *e*, entre outros. Além disso, aproximei e reorganizei alguns dos elementos narrados para que se tornassem mais evidentes suas relações temáticas, ainda que estivessem apresentados em diferentes momentos das narrativas.

Depois de uma organização inicial dos dados apurados, novos arranjos foram surgindo e reorganizando as categorias inicialmente identificadas. Conforme permitia que esse movimento acontecesse, intuitivamente seguindo os passos que sentia serem necessários, percebia que minha compreensão do fenômeno estudado se ampliava e organizava uma espécie de escrita sequencial acerca do que as participantes trouxeram sobre suas experiências nas Tendas e sobre minhas reflexões a esse respeito, embora tenha consciência de que essa aparente linearidade seja meramente uma forma de capturar e reproduzir em tela e papel a complexidade da vida em suas múltiplas e misteriosas dimensões.

5 MEUS SENTIDOS: O QUE ENCONTREI EM MINHA JORNADA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentarei as categorias às quais cheguei num processo que envolveu meus sentidos: os sentidos que me fizeram perceber a riqueza de dados que tinha em mãos, permitindo que eu chegasse a outros sentidos ao construir uma compreensão muito própria a respeito de como o processo de aprender a ser mulher pode ser influenciado por uma educação holística, por meio da participação dessas mulheres nos Círculos Femininos.

As três categorias que, de acordo com minha percepção, se sobressaíram nas histórias das participantes foram *Conhece-te a ti mesma*; *A (re)descoberta do poder feminino*; e *Aproximando e equilibrando masculino e feminino*.

5.1 CONHECE-TE A TI MESMA

Os primeiros indícios desta categoria surgiram ainda durante as transcrições das entrevistas, mas ela só tomou corpo e se evidenciou como uma categoria necessária conforme o trabalho de análise transcorria. Uma vez que as participantes foram solicitadas a contar suas histórias de vida como mulheres, iniciavam suas narrativas com elementos norteadores que julgavam significativos para sua constituição como tais, especialmente aqueles referentes ao início de suas existências e que foram objeto de reflexão nas Tendências. Assim, duas subcategorias emergiram no processo que, repito, foi de análise, mas também de síntese: *Ressignificando relações primordiais*; e *Tirando as máscaras e iluminando a sombra*.

5.1.1 Resignificando relações primordiais

Antes mesmo de nascermos, somos marcadas e modeladas pelas expectativas e os valores da cultura na qual fomos concebidas. Nas narrativas pesquisadas, a família apareceu como elemento primordial nesse processo, tanto os membros do núcleo familiar como os da família estendida, com menções especialmente a mães e pais, assim como ao próprio sistema patriarcal, que modela as expectativas dessas familiares e da sociedade como um todo, com sua característica de dominação e imposição de valores, conforme Amanda refletiu:

Ele [o pai] que deu meu nome, ele que escolheu meu nome, ele que queria uma menina, a mãe já preferia um menino. Então, acho que isso também me constitui como mulher, e a coisa de eu ser moleca, filha do pai, né, e ter esse desejo da mãe também, isso influenciou muito na forma como eu fui ser, desde pequena. [...] Eu acho que se construir como mulher é desde, desde pequena, né. Na verdade, eu entendo que, embora tenha isso que tu falou, de a gente se tornar mulher, eu não

sei, eu percebo também que é muito claro pra uma mulher que tu é mulher dentro de uma sociedade patriarcal, porque desde sempre algumas coisas não te é permitido, outras te são permitidas. Então, tu começa a perceber “ah, isso é da mulher e isso não é da mulher”, né, “isso a mulher pode, isso a mulher não pode”. (AMANDA)

Dessa forma, contribuindo para o regate da inteireza de muitas mulheres, as jornadas nas Tendas têm servido para curar feridas que muitas delas trazem em suas relações com pais, mães, amigas e outras familiares (TORRES, 2005), mas também em relação com o patriarcado. Isso porque, de acordo com Marion Woodman (APUD MURDOCK, 1998), todas as mulheres são filhas do patriarcado, e apesar de estarem mais conscientes da opressão desse sistema, ainda tendem a se identificar profundamente com valores patriarcais, interiorizando mensagens de seus pais e do meio social sobre seu sexo e continuando a apoiar o prosseguimento da dominação masculina, especialmente por meio da competição e da comparação, seja entre mulheres com quem crescem, como contou Suzeina, ou em relação a ideais compartilhados socialmente, como no relato de Carla:

[...] quando eu nasci, foi uma alegria, né, porque eu era a primeira mulher, então uma série de expectativas, um monte de coisas, assim, que eu cresci ouvindo, que eu, enquanto mulher, deveria ser ou deveria fazer. [...]. Desde pequenininha, sempre tinha, começava com as minhas primas a história de “ah, a fulaninha, olha que bonito o cabelo da fulaninha!”, “ah, porque a fulaninha tem não sei o que mais bonitinho, ou mais...”, “ah, vem cá!”, sabe, “o brinquedo da fulana...”, “ai, olha, não tira teu sapatinho, a fulaninha tá tão bonitinha com o sapatinho dela, olha só, fica com o teu também”. Então, esse tipo de coisa gera uma, gera uma competição, mesmo que a gente não perceba enquanto mães e tias e avós. A gente vai construindo isso. A gente vai construindo essa coisa de comparar, de chamar atenção porque, né, até a forma como a outra senta, “Ai, olha, a tua priminha lá senta tão bonitinha na cadeira, com as pernas pra baixo. Tu não pode mostrar as calcinhas!” (risos). [...] eu acho que é aí que a gente começa a construir isso tudo que fica no inconsciente da gente, a gente traz isso, eu trouxe durante a minha vida inteira. (SUZEINA)

[...] a minha mãe, assim, sempre muito distante do ser mulher, tudo, tudo, tudo, desde criança, eu botava uma roupa, na adolescência, e “ai, mas tu tá muito assim, porque não tá seguindo a moda!”. Eu sempre me achei muito diferente, sabe. “Ai, porque essa roupa...”. Nunca me identifiquei, [...]. Eu tive que me achar sozinha, porque ali não, nem de relacionamento, nem de como ela se relacionava com ela, e desde identificação com roupa. (CARLA)

Carla e Suzeina se referiram a um hábito das culturas de dominação, em que crescemos sendo comparadas a outras pessoas e internalizamos essa atitude. Aquelas que aceitam essa atitude buscam se harmonizar a quem são comparadas, seja a um estereótipo socialmente partilhado ou a uma pessoa especificamente referenciada. É assim que, por exemplo, conseguimos fazer do Brasil o segundo país no mundo que mais realiza cirurgias plásticas de caráter estético (PRATES, 2013), em que homens e mulheres cada vez mais cedo buscam modelar seus corpos para atingirem um ideal socialmente desejável. Isso demonstra uma visão de pessoa sem valor inerente. Seu valor é considerado relativo, sendo

constantemente comparado ao de outras pessoas e devendo ser conquistado para ser reconhecido. Como resultado, acabamos tendendo a acreditar que algumas têm valor e, conseqüentemente, poder, enquanto outras têm como destino se submeter a ele. Para Murdock (1998), as raízes dessa desigualdade estão na família, onde o poder geralmente é inerente ao pai, mesmo que este esteja ausente, ao que eu acrescentaria que também é inerente a mulheres cujo perfil é mais masculinizado porque precisam dar conta desse lugar vago diante de uma ausência masculina, real ou simbólica, como ilustra o seguinte relato de Suzeina:

As mulheres na minha família era muito fortes, assim, todas, muito independentes, elas faziam as coisas como elas queriam, desde a minha avó, uma família, era um matriarcado, que a minha avó mandava em tudo, ela que dizia, a última palavra era sempre a dela, sabe, e o vô não questionava jamais. Então, as coisas aconteciam da forma como ela queria, e aí (risos) eu me criei dentro dessa forma, né. (SUZEINA)

Além das expectativas que recaem sobre elas, os exemplos que as mulheres encontram nos comportamentos de sua família são fundamentos sobre os quais constroem seu jeito de ser. Todas temos a propensão biológica a imitar, e não imitamos somente características individuais de nossos pais, mas também tudo que é admirado e que acaba sendo transmitido pela cultura, e esse é um mecanismo funcional e necessário para nossa formação durante a infância (NARANJO, 2005). Assim, tais comportamentos e características se tornam modelos a serem seguidos, como no relato de Sonia sobre sua mãe e sua irmã, ou evitados, como Carla indicou quando se referiu ao relacionamento de seus pais, e no seio dessas expectativas e desses comportamentos alheios, cada mulher vai se tornando quem supõe ser:

Então, eu fui aprendendo as coisas, acredito eu, mais com a minha irmã, me espelhando nela, porque ela já era grande pra mim (risos), mas ao mesmo tempo vendo as coisas que eram vivenciadas pela minha mãe. (SONIA)

E desde que eu era criança, eu olhava, assim, tipo a relação dos meus pais, a minha mãe e o meu pai, e eu via que aquilo não era eu, não era pra mim. Eu não me identificava com o jeito como eles se relacionavam entre eles. (CARLA)

Em todas as histórias apareceu como importante tarefa, na jornada rumo a serem quem são, a ressignificação das relações com pai e mãe, seja no âmbito real ou simbólico. Por meio de diferentes vivências propostas durante a jornada tendeira, esse processo pareceu iniciar por meio de uma espécie de diagnóstico, no qual as participantes examinavam as relações que têm mantido com seus pais, tomando consciência do lugar que eles ocuparam e ainda ocupam em suas vidas e, em muitos casos, da necessidade de revisitarem e darem novo sentido a essas relações:

Hum, o primeiro encontro já, [...], eu lembro que já mexeu horrores, um exercício supersimples, tu já sente o quanto ainda ta vinculada à família e o quanto ainda às vezes é difícil caminhar sozinha, com as próprias pernas. Ah, lembro algumas vivências com a questão da infância, pai e mãe, também bem importantes. Porque acho que traz um ressignificado pra isso, com um olhar de novo. É, entendendo algumas coisas do próprio processo, de por que a gente é assim, por que foi criado desse modo, por que tem determinados pensamentos. Questão de entender os pais também. [...] e aí a gente tentar dar uma leveza pra isso, tentar perceber o que que é dela [da mãe], o que que é meu, que eu não preciso, acho que essas separações são bem importantes também, que acontecem na Tenda. Qual é que é o teu processo, qual é que é o da tua mãe, do pai. Saindo dessa simbiose também, saindo desse processo de querer agradar, porque também tinha uma questão de querer agradar a mãe, de querer corresponder a um projeto de filha dela, né. (AMANDA)

Tem um momento em que a gente começa a trabalhar essa questão com o pai, né, o que que o pai representa pra gente, como o pai entra na nossa vida, porque isso também estabelece a nossa forma de ser mulher. A partir do momento que tu consegue ter essa relação com o homem, é a forma como tu vai trazer isso pra tua vida enquanto mulher, né, começa lá de bebezinha com o papai (risos). Meu pai herói, meu pai monstro, e aí vai embora. (SUZEINA)

A ressignificação da relação com a mãe proporcionada pela participação nas Tendas apareceu nas histórias. Conforme Zweig (1998), é fundamental investigar as bases dessa relação para que se possa alcançar um feminino mais consciente, pois o sentido essencial que toda menina tem de si mesma, de seu corpo e de suas relações com outras pessoas tem como base o vínculo com sua mãe. Uma vivência que metade das participantes citou como uma das mais significativas envolveu a escrita de uma carta para a mãe que foi lida durante o ritual realizado no final da jornada da Tenda da Terra, possibilitando o reconhecimento e a expressão de aspectos até então reprimidos, distorcidos ou desconhecidos, assim como a possibilidade de se colocar em seu lugar e adicionar uma dose de empatia a essa relação:

A carta pra mãe, [...], foi muito difícil, foi muito duro, foi muito bom ter feito, assim. Porque... tinha muita distância, muita coisa distorcida. Talvez mágoas ou ruídos dessa relação com a mãe. Eu já sendo mãe, eu tão distante da minha mãe, escrever aquela carta, pra mim, e ler a carta e toda a história, foi bem marcante. (CARLA)

Aí, eu achava a minha mãe o máximo, tu não percebe os defeitos, tu acha que a pessoa é perfeita, não perfeita, mas “a minha mãe é a minha mãe!”, tu acha ela a melhor mãe do mundo. [...] eu achava que ela tinha um egoísmo muito forte nela, [...], e eu já tava reproduzindo aquilo, mas eu achava aquilo ruim em mim, e eu me lembro que eu coloquei muito isso na carta. [...]. Uma carta pra mãe, e aquilo mexeu muito comigo, porque meio que é uma decepção, sabe, tu idolatra a pessoa e daqui a pouco não é por aí. Tudo que eu imaginei, assim. Cai o ideal! Mas ao mesmo tempo, aí eu vi coisas minhas que eu tava reproduzindo, eu disse “não, mas eu não quero isso pra mim”, sabe. (GIORDANA)

Enquanto Giordana trouxe uma visão idealizada da mãe, que foi se desfazendo em sua jornada tendeira, o relato de Carla indicou uma realidade cada vez mais comum, em que mulheres carecem de uma relação com a mãe baseadas em intimidade e independência, fazendo com que anseiem pela mãe que nunca tiveram e que nunca terão. Como parte de um

trabalho que busca sanar essa carência, terão como tarefa aprender a ser suas próprias mães, despertando dentro de si as qualidades maternas que buscam fora e retomando o vínculo com sua menina interior, ou ainda exercendo a maternidade da forma mais consciente possível, e até mesmo sendo acolhidas por uma mãe real substituta ou uma avó sábia, de modo a revitalizarem seu elo com a mãe real (ZWEIG, 1998). Trabalho para uma existência toda, sem dúvida, e que nas Tendências se inicia ou é aprofundado, propiciando importantes mudanças àquelas que corajosamente encaram esse trabalho interior.

Além disso, as mulheres precisam investigar sua relação com o pai, e nas entrevistas esse tema também apareceu como tendo importante e necessária ressignificação, conforme Carla colocou ao descrever outra vivência:

[...] teve uma vivência que foi no último ano, agora, que a gente pegava frases [...] e eu peguei uma frase que dizia, assim, “você não é competente”. Isso tinha muito a ver com a relação com o meu pai, de como ele nos trata, [...]. E ali, como foi importante pra mim, limpar, dessa questão do “você não é competente”, de “você é competente”, de que tu pode, [...], foi uma vivência que naquele momento me marcou muito, na minha relação com o meu trabalho, com o que o meu pai dizia, e de limpar isso. (CARLA)

As raízes dessa relação estão no entrelaçamento entre o pai pessoal com outros homens significativos, com a cultura patriarcal em que as mulheres vivem e com o princípio masculino, o *animus*⁸, em sua psique. Todas essas influências compõem as imagens e expectativas dos homens e do mundo masculino conforme as mulheres vivenciam, e a maior consciência sobre sua dinâmica possibilita que essas mulheres também se tornem pais de si mesmas. Nesse sentido, é importante examinar qualidades do pai pessoal que foram rejeitadas ou absorvidas, se há ou não identificação com ele e os sentimentos ainda mobilizados por essa relação. Refazer esse trajeto interno referente ao pai implica que as mulheres se tornem mais conscientes de seu *animus* e de suas possíveis projeções nos relacionamentos com outros homens (ZWEIG, 1998).

Para amadurecer, portanto, é preciso renunciar à idealização dos pais, reconhecendo as feridas da perda e da decepção (MURDOCK, 1998). Como consequência, as mulheres que se identificam mais com o pai e, conseqüentemente, com um modelo mais masculino, deixam de viver única e obrigatoriamente o que o pai mais valoriza ou deixam de encarnar tudo que ele desvaloriza. Podem, por exemplo, lutar menos para se mostrarem independentes, podem se permitir fraquejar quando o peso da vida lhes parecer demasiado, assim como acessar mais livremente suas emoções e seus sentimentos, sem renegar sua natureza feminina. Já as

⁸ Os arquétipos universais do *animus* e da *anima*, postulados por Carl Gustav Jung, são padrões da psique humana correspondendo, resumida e respectivamente, ao lado masculino das mulheres e ao lado feminino dos homens (ZWEIG, 1998).

mulheres que se identificam mais com a mãe tipicamente feminina dentro da cultura ocidental podem cultivar mais autonomia, maior senso de praticidade e racionalidade, entre outras características. E só a partir desse movimento de aprenderem a ser quem autenticamente são, buscando não mais repetir os padrões estabelecidos por outrem e ressignificando suas relações com seu pai e sua mãe, é que passam a enxergá-los e aceitá-los de outra forma. De mãe ou pai para filha, o modo de se relacionar se torna amadurecido e passa a ser de mulher para mulher, de homem para mulher, de adulto para adulta, como demonstram os relatos de Sonia e Suzeina:

Ah, principalmente reconhecendo que minha mãe é uma mulher, ela não é a minha mãe, ela é uma mulher. Que fez as escolhas delas, e que eu concorde ou não, eu tenho que entender. Bem, as escolhas foram dela. [...]. Temos um vínculo, sabe-se lá desde quando (risos), porque eu acredito que a gente não tá junto por acaso, não sei desde quando vivemos juntas. É o fato de respeitar as escolhas que ela fez, mesmo não concordando com elas, porque isso é com ela, não é comigo. (SONIA)

[...], e isso foi muito, muito relacionado à Tenda, a aceitar a minha mãe da forma como ela é e perdoar o que eu achava que ela deveria ter feito diferente do que ela fez. Em relação a mim, e até as minhas irmãs também, né. [...], e isso é uma das coisas que eu agradeço muito à Tenda, essa minha relação com ela é supertranquila e sincera, verdadeira, sabe. (SUZEINA)

Considerando que a opressão que qualquer autoridade, interna ou externa, exerce sobre a regulação instintiva e orgânica de uma pessoa representa o resultado de uma aprendizagem, não resta dúvida de que existe a possibilidade e a necessidade de uma educação que leve a um desaprender (NARANJO, 2005), já que toda nova aprendizagem nos obriga a desaprender o que havia sido anteriormente integrado, de modo a recompor certa coerência existencial formando uma nova configuração dos elementos apreendidos, e a descobrir novos modos de pensar e de fazer diferente (JOSSO, 2010). Mas para isso, é preciso abrir espaços educativos em que as mulheres possam refletir sobre tudo que está implicado em seu desenvolvimento como pessoa e especificamente como mulher.

5.1.2 Tirando as máscaras e iluminando a sombra

No processo do desenvolvimento humano, toda criança pode aprender que o poder e a autoridade são internos ou externos. As crianças a quem não é permitido escolher de acordo com sua vontade aprendem que devem reagir às expectativas de seus pais e confiar numa autoridade externa, pois não lhes é dada a chance de desenvolverem uma consciência a respeito de seu poder pessoal. Conforme crescem, passam a se submeter, mesmo que de modo inconsciente, ao poder das instituições, dos profissionais especialistas, de tudo que *deve ser*.

Já outras podem desenvolver esse senso de poder interno quando lhes é permitido aprender a fazer escolhas por si mesmas, baseadas em seus próprios sentimentos, sendo suas escolhas ratificadas ou não por seus pais, que são suas pessoas-críterio (MURDOCK, 1998; ROGERS, 2009). Por conseguinte, desenvolvem um senso de valor pessoal, competência e confiança em si mesmas para tomarem decisões e fazerem escolhas saudáveis. Conseguem, assim, se manter mais fieis a sua estrutura interna de referências. Nesse processo de se tornarem quem são, portanto, algumas vidas podem ser deformadas ou desvirtuadas já na primeira infância, para as quais o desenvolvimento da personalidade pode ser penoso. Outras mais afortunadas conseguem se manter em processo de descobri-la e sua busca se torna mais fácil. Seja como for esse processo, todas as pessoas têm, ao longo da vida, a interminável tarefa de aprenderem a se afirmar enquanto pessoa, construindo valores baseados em suas próprias experiências (ROGERS, 1985). Para tanto, um importante passo nesse processo se dá quando se conscientizam e começam a se desprender do que não é seu. As histórias que escutei e posteriormente li estavam impregnadas desse reconhecimento e dessa mudança, como ilustram os trechos seguintes:

E eu segui o script: “ah, casar, se formar, ter uma situação um pouquinho razoável, um apartamento...”, e eu vivi um script. Assim, era o que todo mundo fazia ou era pra fazer. [...] que até então eu entendia que era meu, né. E eu achava que tava bem, tava feliz, tava tudo bem. (CARLA)

A mãe, por um lado, me dizia “vai fazer tua vida! Não casa cedo. Vai ter tua independência, vai fazer a tua vida”, né. [...], e aí eu acabei seguindo isso, sabe, do “vai fazer tua vida, vai estudar”, e eu fui deixando essas coisas mais do feminino em segundo plano. (SONIA)

Tipo assim, eu precisava cuidar da casa e sustentar a casa, as mulheres na minha família faziam isso. Então, como é que eu não ia fazer isso, né? Então, em alguns momentos eu me dava conta de que eu não precisava fazer isso, mas eu corria enlouquecidamente atrás disso porque o meu padrão enquanto mulher, de família, enfim, era esse. (SUZEINA)

Considerando que nosso processo de evolução é uma metamorfose que implica um constante morrer e renascer, precisamos atravessar diversas mortes psicológicas que vão deixando para trás esses aspectos postivos da personalidade forjada durante a infância, adotados como modos de defesa ou internalizados a partir da patologia social (NARANJO, 2005). Do ponto de vista junguiano sobre a personalidade humana, a primeira camada da psique consciente é constituída pela *persona*, a máscara com a qual nos identificamos, utilizada como veículo de contato com o mundo externo e constituída pelos papéis que representamos no palco da vida, evidenciando o caráter fragmentário e ilusório do eu e existindo para ser retirada, de tal maneira que o ser humano descubra aquilo que estava

coberto: sua verdadeira natureza, a autêntica natureza do espírito (WEIL, 1990; JUNG, 1991; CREMA, 1995). Conforme Crema, é tarefa humana transcender essa programação herdada e vivida de forma não consciente, essa mitologia pessoal, esses planos de existência adotados e expressos em *scripts*⁹, embarcando em uma jornada em direção ao propósito intrínseco de cada pessoa, de modo a revelar suas autênticas potencialidades. A jornada tendeira possibilitou a essas mulheres o reconhecimento desses aspectos que estavam colados em seu ser e também um processo de mudança, a partir do qual puderam deixar cair algumas máscaras e romper com certos *scripts*. O relato de Carla trouxe um interessante exemplo nesse sentido:

Se tu me perguntasse antes de eu fazer as Tendas, eu ia falar “ah, a Carla, é uma professora, a Carla é uma companheira, a Carla é uma mãe e uma filha, assim, assim, assim, uma amiga assim, assim, assim, né. Ah, é uma trabalhadora assim”. “Ah, é uma filha assim, se acha isso”. Aí, depois das Tendas, eu refleti que a gente não é só os papeis. E aí, tu te descolar desses papeis, e o quanto é teu, o quanto é tu, e saber estar só contigo, e não só nos papeis. (...) é importante, assim, pra saúde mental da gente, senão tu te perde, te perde de quem tu é, assim. (CARLA)

Outro importante aspecto do desenvolvimento humano se refere ao contato da pessoa com sua sombra, considerada a segunda camada da psique e centro do inconsciente pessoal, constituída por tudo que destoa da *persona* e que uma pessoa recusa e reprime a seu respeito (CREMA, 1995). Na sombra podem ser encontrados seu lado infantil, suas emoções não assumidas, seus sintomas não reconhecidos, mas também seus dons e talentos não desenvolvidos. É fundamental aceitá-la e integrá-la de modo consciente, pois somente quando uma pessoa aceita o que está sendo, inclusive seu lado sombra, é que se faz inteira. Esse processo de inteireza pessoal, segundo Crema, gera um transbordamento de energia que a impulsiona adiante, superando impasses e transpondo obstáculos:

Bom, na Tenda da Terra, [...], isso foi uma coisa bem complicada, assim, porque pra mim a sombra da Afrodite é muito forte, e quando eu me dei conta que eu era uma Afrodite bastante sombra, eu, nossa, eu entrei em crise (gargalhadas)! Foi, assim, pra mim, aquele momento foi bem confuso, assim, porque usar isso tudo e de uma forma negativa não era legal, não era legal. [...]. Foi fantástico, assim, descobrir como eu inconscientemente exercia cada papel dentro daquela vida que eu levava na época, né. Então, mesmo inconscientemente, em determinado momento eu queria ser uma coisa, mas na verdade eu era outra, e ao mesmo tempo, horas em que eu acabava sendo o que eu não queria e aí sendo o que eu queria, né, a partir daquilo que eu conhecia, que até então era muito inconsciente, isso veio pra consciência. [...]. Sim, eram papeis de família, eu enquanto mulher dentro da minha família. (SUZEINA)

Foi um dos meus primeiros aprendizados, aí desconstruir isso, poder acolher a sombra, que é o inconsciente que fala muito, né, foi muito curador. Poder olhar a sombra foi uma coisa

⁹ *Script*, segundo Eric Berne (1988), é um plano de vida que toda pessoa possui, formado já na primeira infância sob pressão parental. Constitui “a força psicológica que impulsiona a pessoa em direção ao seu destino, independente da luta contra ele ou da afirmação de que é sua livre e própria vontade.” (p.42)

extremamente curadora. [...]. E no momento que eu acolhi a sombra, a verdade pôde vir. Então, começou a vir uma Amanda mais autêntica. (AMANDA)

À medida que colocaram luz sobre a sombra, trazendo à tona os processos e elementos até então inconscientemente depositados sob o tapete ou projetados sobre outras pessoas, e que tomaram contato com as tantas máscaras e *scripts* adotados, essas tendeiras puderam começar a mudar suas histórias, fazendo surgir mulheres mais conectadas consigo mesmas, mais capazes de se reconhecerem e se respeitarem, como Carla e Miriam exemplificaram:

Me sinto mais conectada, mais conectada comigo mesma, acho que antes eu, eu era mais encaixotada, e depois, é como se eu abrisse, me instrumentalizasse pra ser livre, assim. Antes eu me sentia muito presa a padrões, me sentia, tinha muito mais mal-estar. Não vou dizer que hoje eu não tenho coisas que eu não tenho que resolver, que não tenha problemas, que não tenha coisas que me incomodem, mas a sensação que eu tenho hoje é que “sim, eu posso!”, né. “Sim, eu posso, eu sei que é por aqui o caminho, eu sei que eu me sinto bem aqui!”, ou nesse círculo, ou naquele, fazendo isso ou fazendo aquilo. É como se eu soubesse onde eu estou e o que que eu tô buscando, e como se antes eu tivesse muito amarrada, muito amarrada, muito amarrada, muito presa a coisas que não eram minhas. Acho que essas são as principais mudanças, assim. (CARLA)

Eu tinha aquele comportamento de dizer, assim, “não, não vou deixar de trabalhar porque, porque tô me sentindo mal ou porque eu passei a noite ruim ou porque...”, [...]. Tanto que eu trabalho em serviço público de saúde há vinte e seis anos e até entrar nas Tendras, eu não tinha faltado nem um dia de trabalho (risos). Nem um! [...]. Ia me arrastando, mas ia. E eu comecei a me respeitar mais, a respeitar meu corpo, sabe, e eu disse, assim “não, pára aí, se eu não tô bem, eu não tô bem. [...]. Meu corpo tá dizendo isso, eu tenho que respeitar”. (MIRIAM)

Conforme se conectavam melhor consigo mesmas, essas mulheres se tornaram mais autênticas e autônomas, reinvestindo a energia, antes empregada para sustentar as máscaras e reprimir a sombra, em movimentos proativos e congruentes com sua essência. Começaram a tomar contato com um poder pessoal que é interno, como ilustra o relato de Giordana, e um senso de autoridade e autoconfiança em seu próprio jeito de ser, como Sonia evidencia quando resolveu assumir a cor natural de seus cabelos, que pode ser construído ou reforçado no trabalho desenvolvido nas Tendras:

Antigamente eu acho que eu era muito dependente, eu acho que eu era muito insegura e dependente até na questão do companheiro, assim. [...], eu acho que eu me escondia um pouco na sombra dele, eu era uma sombra dele, e, bom, com o tempo a gente, acabou vindo a separação, e tudo isso fui trabalhando na Tenda, minha relação com outra pessoa, com o companheiro. [...], mas eu me sinto, acho que hoje eu sou uma mulher mais madura, mais independente, tenho mais vontade de fazer as coisas, de investir em mim, em trabalho, na vida e nos relacionamentos. (GIORDANA)

Eu deixei meu cabelo branco, sabe, deixei meu cabelo como ele é, e quando eu fiz isso, sabe, e hoje eu me sinto muito, mas muito mais leve e muito mais inteira do que quando eu pintava o meu cabelo, e porque eu me reconheço agora. [...] e ainda eu acho que isso mostra a questão do tempo, que passa. Então, eu acho que tu conseguir respeitar isso, saber que esse meu tempo, que nesse meu tempo eu sou assim ou eu estou assim, daqui a pouco vou estar diferente, né, vou ser diferente... nem sempre isso é tão fácil. (SONIA)

Nem sempre é fácil, como Sonia colocou, e na maioria das vezes não é indolor, mas como na transformação de uma lagarta em borboleta, o processo apresentado nesta subcategoria expressa a riqueza e a beleza da vida, como resumiu o trecho a seguir, da entrevista com Miriam, em consonância com a percepção que Lúcia referiu ter a respeito das mulheres que terminam a jornada tendeira:

Olha, eu vi mulheres entrar nesses círculos de todas as formas possíveis, algumas delas eu, no meu primeiro diagnóstico, no alto da minha sabedoria, eu diria “isso aí não tem solução! [...]”, e no final, principalmente dos três anos da Tenda da Lua, eu vi um grupo de vinte e quatro, vinte e três ou vinte e quatro, não me lembro bem, mulheres completamente inteiras, inclusive aquelas! Sabe, se enxergando de um outro jeito, vendo o mundo de outro jeito, profissionalmente elas tavam diferente, como mães, como parceiras, sabe. O discurso mudou, fisicamente elas tavam diferentes, tavam mais bonitas, tavam sabe aquela coisa de gente que se ama, que tu só enxerga em gente que se ama? Então, eu acho, realmente, que é um grande espaço de construção do feminino, não tenho nenhuma dúvida disso. (MIRIAM)

As pessoas vão percebendo como elas vão mudando de expressão, sabe. O próprio corpo, o próprio rosto, a própria postura vai demonstrando isso. E algumas pessoas vão se apaziguando também com algumas arestas que tinham, então decidem ser mães, por exemplo, outras reorganizam sua vida profissional, outras conseguem se reconciliar com a família de origem ou reconhecer o seu papel na dinâmica do relacionamento afetivo e sexual. Então mudam os testemunhos das pessoas quando a jornada termina. (LÚCIA)

Ser tudo de si mesmo em cada momento é um objetivo difícil, se não impossível num sentido absoluto (ROGERS, 2009), pois implica assumir toda a complexidade do seu ser em mutação em cada momento significativo. No entanto, ainda que a busca por se tornar a pessoa que mais exclusivamente se é seja a desafiadora tarefa de uma existência inteira, mais comparável a uma direção do que a uma realização estática, a pessoa que encara com coragem esse processo avança no sentido de se aproximar mais do que experimenta interiormente, tendo mais consciência dessa experiência e tendendo a se aceitar como uma pessoa com uma enorme variedade de sentimentos, atitudes e potenciais, deixando de se esconder atrás de fachadas e fingimentos, tendo estes sido assumidos conscientemente ou não. Uma educação holística, assim como uma psicoterapia sob a mesma perspectiva, são fundamentais para propiciarem esse processo, trabalhando toda a complexidade humana que se expressa na luz e na sombra, na *persona* e no ser autêntico, pois quanto mais uma pessoa se reconhecer, mais apropriadamente poderá *ser* e apreciar todas suas experiências, ao invés de temê-las ou não aceitá-las, já que na visão de Crema (1995), nós seres humanos nascemos para *ser*: “Nesse sentido, a existência é uma escola de perfeição em que, com dores e amores, aprendemos a ser quem somos.” (p. 75), e comprometer-se com essa jornada de quem busca atravessar o deserto

das miragens e o campo das ilusões deve ser a tarefa primordial de toda educação que se comprometa em proporcionar o pleno desenvolvimento humano.

5.2 A (RE)DESCOBERTA DO PODER FEMININO

Esta categoria emergiu tendo em conta a constante repetição e ampla ênfase que as participantes deram à convivência entre si e ao contato consigo mesmas como aprendizagens significativas proporcionadas por sua participação nas Tendas. Assim, surgiram duas subcategorias cujos temas, conforme compreendo, levam à (re)descoberta do poder feminino: *convivências significativas com outras mulheres*; e *ressacralização da mulher e ritualização da vida*.

5.2.1 Convivências significativas com outras mulheres

Desde muito cedo em nossas vidas, especialmente por meio de nossa vida escolar, estamos rodeadas de mulheres, o que pode parecer banal e corriqueiro, mas nem sempre estamos a elas vinculadas de forma cuidadosa, amorosa e nutridora. No entanto, as participantes entrevistadas para este trabalho conseguiram perceber uma qualidade diferenciada nas relações entre as mulheres que compunham sua geração nas Tendas. De acordo com sua percepção, as Tendas proporcionaram a possibilidade de aprenderem a conviver com outras mulheres, abrindo espaço para um modelo visto em muitas culturas tradicionais e que vem se perdendo nos tempos atuais, como bem ilustraram os relatos de Lúcia e de Suzeina, resgatando essa possibilidade em que as mulheres cultivam uma presença conjunta, em que as mais novas podem aprender com as mais velhas, sem que isso se limite à relação entre uma filha e sua mãe, como Amanda apontou:

Uma das nossas feridas enquanto mulheres é que a gente às vezes não se sente abençoada pela mãe. Tu é órfã de mãe viva! Então assim, tu vai aprender a ser mulher com quem, se tu não tem uma figura de referência na mãe, na avó, numa madrinha... ou se não tem irmã mais velha. Vai aprender como? Com quem? (LÚCIA)

Na verdade, o que eu acho que eu buscava lá era um grupo de amigas, mulheres pra sentar num círculo, de mulheres pra chorar junto, e aquilo que talvez até aquele momento, talvez não, com certeza até aquele momento eu não tinha, eu não tive, nunca tinha tido. E eu, eu acho que até por esse meu jeito competitivo de ser a vida inteira, por todo esse aprendizado, a minha família só trabalhava, as mulheres nunca sentaram pra realmente fazer uma roda de conversa, de troca, de mãe pra filha, de avó pra neta. (SUZEINA)

Isso é outra coisa que as Tendas proporcionam, é o contato com mulheres de idades diferentes, né, mulheres mais velhas que não são tua mãe, que podem ter outras ideias diferentes das da tua mãe,

outras referências, também foi muito curador poder me relacionar com as mulheres mais velhas com ideias completamente diferentes, muito mais progressistas. [...]. É, acho que as sociedades em tribo têm muito esse aprendizado que a gente perdeu na família nuclear, né. Ter a possibilidade de ter outras referências que não seja a tua mãe e o teu pai, outras formas de ser mulher e de estar no mundo. Dentro das famílias nucleares a gente não tem! (AMANDA)

Segundo Borysenko (2002), cada vez mais cedo as mulheres estão adquirindo poder e consciência social à medida que as diferenças de idade se tornam indistintas. Para ela, talvez o dom mais importante da vida de uma mulher seja a dádiva que faz a outra mulher: “Quando dou por mim, estou aprendendo alguma coisa com mulheres na casa dos vinte anos e com amigas que já chegaram aos setenta.” (p. 322-323). Por meio de um “*self-em-relacionamento*” (p. 317), toda mulher pode desenvolver e aprimorar sua noção de si mesma, baseado nos relacionamentos que estabelece com outras pessoas – neste caso, outras mulheres –, e não em independência em relação a elas, num contexto em que ela e as pessoas com quem convive podem crescer se estimulando mutuamente. Os relatos de Miriam, Giordana e Sonia também evidenciaram que, independentemente das diferenças quanto à idade cronológica, é possível aprender a conviver com cada mulher presente no círculo, que personifica um universo de experiências e de potencialidades vividas:

[...] colocar mulheres de idades tão diferentes conversando sobre os mesmos assuntos, os mesmos temas, conversando sobre suas vidas! Eu achava que isso não era possível, que mulheres jovens não, não teriam assuntos em comum, de interesses comuns com mulheres mais velhas, e mulheres mais velhas, idem. [...], quando a conversa surgia e quando a roda se alimentava da energia de cada uma, a idade realmente não fazia a menor diferença, não fazia a menor diferença, e as mulheres meio que se alternavam naquela posição de que “hoje eu estou precisando de ajuda” ou “hoje eu estou querendo ajuda”, independente da idade, sabe. Achei muito fantástico isso, porque tem também um conceito predefinido de que mulheres mais jovens precisam da experiência de mulheres mais velhas e que as mais velhas não têm nada a aprender com as mais jovens. E ver esse processo ser invertido, e invertido várias vezes, é muito interessante! (MIRIAM)

E isso que eu acho legal, o encontro das idades. Tem meninas de vinte anos, de trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, isso que é o mais interessante, eu acho, a troca. Isso, mulheres que já tiveram filhos, mulheres que já perderam filhos. Mulheres que já casaram, não casaram ou separaram, tem de tudo, né. (GIORDANA)

Acho que quanto mais a gente for se descobrindo, for se transformando em mulher, e conseguir passar isso pra quem vem vindo, de certa forma conviver com quem vem vindo, é uma possibilidade de aprendizado. Porque tu aprende muito com o novo, tá, mas o novo também aprende contigo. Então, acho que quanto mais esses movimentos crescerem, a gente for fazendo uma roda, um círculo, não importa se tem cinco, se tem dez ou se tem cem. Que bom, né! Mas onde duas mulheres, onde duas pessoas se encontrem, há uma possibilidade de crescimento. (SONIA)

Ao resgatarem esses vínculos, surge uma sensação comum a muitas delas, um senso de pertencimento, de estar voltando para casa, que Giordana, Amanda e Lúcia mencionaram em suas entrevistas:

A palestra me chamou muito a atenção, parecia que eu pertencia àquele mundo. [...] o que me chamava a atenção era aquela questão da irmandade, aquela coisa de mulheres com mulheres, eu achava lindo aquilo, eu sentia necessidade de fazer parte daquilo. (GIORDANA)

Aí, quando foi o primeiro encontro, era muito o sentimento de várias naquele momento e era o meu, de tá voltando pra casa. (AMANDA)

Essa é uma coisa que a gente ouve como um lugar comum, uma coisa que se repete. “Ah, eu encontrei a minha tribo!”, “Ah, eu voltei pra casa”, “Ah, eu achei as minhas irmãs”, entende? Então, assim, realmente por ter esse espaço de diversidade é que contempla um número maior de pessoas com essa sensação. (LÚCIA)

As Tendias, segundo as participantes entrevistadas, também proporcionaram um espaço em que é possível uma aprendizagem fundamental para a construção de um mundo alicerçado numa visão mais inclusiva e menos polarizada: aprender a confiar em outras mulheres e se relacionar de forma mais genuína, exercitando o não julgamento a partir da experiência de não se sentir julgada, numa atmosfera em que predominam uma escuta empática e o exercício de uma consideração positiva incondicional (ROGERS, 2009), ainda que esta possa ser falha em alguns momentos, possibilitando a cada mulher o desenvolvimento de uma melhor apreciação e uma maior aceitação de si a partir desse olhar e dessa escuta mais acolhedores e que reconhecem o valor que cada ser humano tem em si simplesmente por *existir e ser o que é*, aspectos fundamentais num processo de mudança e desenvolvimento:

Acho que isso fez muita diferença, encontrar um grupo onde eu me sentia aceita, onde eu me sentia ouvida, onde eu podia simplesmente falar e só ser escutada, sem ninguém poder dar algum palpite ou dizer “ah, não, mas isso tá errado, tem que ser assim”, né. Isso foi maravilhoso. Foi único encontrar esse espaço, porque eu nunca tinha encontrado. (AMANDA)

Não sei se limpa é a palavra, mas é, é isso! Se relacionar com as mulheres, estar com as mulheres dessa maneira mais, mais de coração, mais sincera, sem essas coisas externas que nos oprimem tanto ou até mais, porque nas nossas relações tem tanta competição, assim... Esse círculo das Tendias ensinou a confiar que isso é possível, sim, que tu pode ser tu, do jeito como tu é, com todas. (CARLA)

Acho que a coisa mais importante que só as Tendias me proporcionam é aceitar a mim mesma, enquanto mulher, como eu sou. [...]. Eu acho que isso só aprendi nas Tendias a partir de tá me relacionando com outras mulheres, que isso pra mim é o mais forte, essa irmandade, essa coisa de poder confiar em outra mulher na hora dessa troca, né. (SUZEINA)

Nas Tendias, aquilo que parece único, vivido por apenas uma mulher, encontra reverberação em outras histórias, evidenciando o que Rogers (2009) aponta como uma de suas descobertas em seus muitos anos de trabalho como facilitador do desenvolvimento humano: “aquilo que é mais pessoal é o que há de mais geral” (p. 30). Assim, o problema de uma mulher pode ser a variação da história de outra, ou a lembrança da infância difícil de alguma

outra, ou similar à situação que outra mulher esteja passando (BOLEN, 2003), como ilustra a colocação de Sonia. E diante de outras experiências partilhadas, a intensidade emocional e o significado atribuído às próprias experiências passam a ser percebidos de forma diferente, como quando Miriam falou sobre como foi para ela escutar os dilemas de duas tendeiras, mãe e filha, que se deparavam com a finitude da existência devido a uma doença da mãe que acabou falecendo durante sua jornada:

E eu acho que o exercitar, isso de tu tá na frente do outro, tá reconhecendo esse outro, essa outra mulher como uma mulher que ela é, sabe, igual a ti. Com todas as diferenças, mas ela é como tu. E isso fica, fica muito claro nas partilhas, nessas coisas, quando tu vê situações tuas ou de outras que tu julgava que eram únicas. “Ai, me parece, não, isso é só meu, isso...”. E aí, numa roda de trinta mulheres, tem quatro ou cinco situações idênticas. Então, aquilo que é teu é meu também. Não é uma coisa isolada, não é uma coisa única. (SONIA)

Eu lembro de que, num encontro, quando essa mãe disse que ela tinha que decidir entre viver mais, e com menos qualidade de vida em função do tratamento, ou viver menos e com mais qualidade de vida, e que ela tinha decidido viver menos, eu tive uma ideia tão exata de quão, quanto os nossos problemas são pequenos. Eu disse “que que são os meus dilemas perto dos dilemas dessa mulher?”. Os meus dilemas são insignificantes. Tudo perde, as coisas são tão relativas, são tão relativas mesmo. Eu disse “quer saber? Eu vou valorizar o que eu tenho e não achar que tudo é problema”, sabe. (MIRIAM)

O trecho a seguir, oriundo da entrevista com Lúcia, resume o que sua experiência em quase vinte anos de atividades nas Tendas tem lhe mostrado, evidenciando a relevância do que as participantes entrevistadas apontaram como mais significativo nessa convivência entre mulheres tendeiras:

Então, não vamos reproduzir aqui o que a gente reclama lá fora. Vamos aprender, as mais velhas, a cuidar e a abençoar as mais moças. [...]. Por isso, celebrar os momentos em que as mulheres estavam vivendo alguma coisa importante no seu processo de mulher. Então, resolveu ter um filho, casou, esses momentos, ou menstruou a filha, sabe, celebrar esses momentos, dar pra eles um outro olhar, resgatar os vínculos, abençoar, fazer diferente do que a cultura faz ou nega, ou nem faz, né, mas também acolher os momentos de dor quando as pessoas se separam, quando alguém fica doente, também tem isso! Então, sabe, ter espaço pra ancorar essas coisas, e de fortalecer o não julgamento, a inclusão, a solidariedade. (LÚCIA)

Fica evidente, por meio dos excertos apresentados, que juntas as mulheres podem reconquistar o poder que têm buscado há séculos, mas um poder tipicamente seu, diferente do poder dos homens. Não se trata, conforme Murdock (1998), de um poder externo, que vem do alto, ligado à dominação, à hierarquia e ao controle, mas de um poder que vem de dentro, ligado ao seu sangue, que desperta a partir do senso de ligação com outros seres humanos e com o meio ambiente, que nutre e sustenta a vida, que atua com base nas intrincadas raízes que unem cura e cuidado, enquanto o poder do alto a governa. Para isso é preciso conviver. Viver com. Trilhar juntas um caminho que se faz ao caminhar, mas que há milhares de anos deixa

rastros pelas noites dos tempos. Estar juntas. No silêncio, escutando a si mesmas e a cada uma, mas também no grito e no choro da dor, na risada da alegria e no canto que embala a dança. Uma ciranda de amorosidade com o poder feminino no centro. Como argumenta Sams (1993), para que as velhas feridas cicatrizem de maneira eficaz e criativa, está na hora de as mulheres se refugiarem na santidade da fraternidade, aprendendo a amar, compreender e, assim, curar umas às outras, ressoando com as poéticas palavras de Torres (2005, p. 10):

Aprendi, realmente, que cada pessoa, cada mulher, é uma lenda viva, que não tocamos só um corpo quando nos abraçamos, que não somos apenas nossas qualidades e defeitos, que o Mistério que nos une é muito maior do que as ilusões que nos separam; e eu sempre amei o Mistério. Tenho igual certeza que ele me ama. Através dele, venho conhecendo pedaços de minha alma nos olhos e nos corações destas mulheres que caminham nas Tendras. Peregrinamos juntas. Estamos aprendendo a amar e a Ser.

5.2.2 Ressacralização da mulher e ritualização da vida

Vimos anteriormente que nas sociedades humanas, centradas no poder da Deusa, não havia separação entre profano e sagrado. A mulher, por representar a Grande Mãe, era a chefe da família. Toda vida emanava dela e por isso era considerada sagrada (EISLER, 1989; 1996; MURARO, 1995; MURDOCK, 1998; LINS, 2012). A vulva era venerada como portal mágico da vida, possuindo poder de regeneração física e de transformação e iluminação espiritual. Provas disso são a arte e os mitos de culturas mais antigas, em que se vê como tema central a regeneração cíclica da vida, diferentemente das culturas posteriores, que enfatizaram o castigo, o sacrifício e a morte. Os temas da arte religiosa paleolítica e neolítica são os mistérios do sexo, nascimento, morte e regeneração, fundamentos de vida considerados tanto de ordem natural quanto espiritual.

Com o passar dos séculos, a sexualidade e a mulher foram apartadas dessa qualidade espiritual e também do seu poder feminino, tendo o profano e o impuro se tornado predados naturalizados. Especialmente nos últimos séculos, quando emoções e intuições foram menosprezadas e até mesmo ignoradas nos processos de formação humana, as mulheres começaram a se adequar a um novo modo de se relacionar consigo mesmas e com o feminino em geral. Como resultado desse processo, atitudes que procuram separar as mulheres de sua natureza seguem sendo disseminadas, como apontou Amanda:

Porque a sociedade te faz acreditar que a mulher é deficiente, né, que menstruar é um negócio muito estranho, que tua bacia não é muito grande, que ter um bebê é um negócio muito complicado, amamentar é muito complicado, [...]. Hoje as mulheres têm uma capacidade de

informação, de acesso a que que é o parto, como é que é a gestação, esses processos de parir, que muitas mulheres não tinham há alguns anos, na década de 80 e 90, mas tem que haver um desejo de querer tomar contato com isso, e ainda hoje a gente vê muitas mulheres apavoradas e com medo, que não querem nem falar em parto normal! E aí eu me pergunto: o que que há com essas mulheres? [...]. Muitas mulheres não conseguem ter seus filhos porque foram abusadas ou porque têm uma dificuldade enorme de lidar com isso, né, principalmente porque não tiveram esse aprendizado, aquela falta de um aprendizado, por não ter mãe presente ou uma ideia de feminino legal, saudável [...] em vez de eu me olhar e me interiorizar, é mais fácil eu tirar os seios e colocar um silicone, né. Em vez de eu vivenciar um parto de uma forma em que eu me transformo, é mais fácil fazer uma cesárea marcada. Então, o mundo nos exterioriza de várias formas pra que a gente não tenha contato com esse feminino. Hoje em dia há um grande movimento de mulheres “viva sem menstruar”, [...]. Como a gente também não tá olhando pras questões de dentro, nossas, femininas, a gente também não olha pro feminino planetário. Então, parece que o corpo também tá sendo deixado de lado pela máquina, não é mais algo que te traz simbolismos, e cada vez mais eu acredito que o que o corpo te traz é muito inteligente, capaz de trazer muitas, muitas informações a respeito da gente mesma, coisas que a mente esquece, mas que o corpo não esquece. (AMANDA)

O final do relato de Amanda aponta para uma realidade em que o corpo da mulher ainda permanece sob domínio externo, o poder que permitiu a exploração do corpo feminino e que levou as mulheres a considerarem seus corpos a partir de uma perspectiva masculina, conformada pelo sistema dominador e pelo que era social e culturalmente definido como desejável numa mulher, e não de acordo com seus próprios desejos e necessidades, conforme Eisler (1996) argumenta. Há, portanto, um importante resgate a ser feito por todas as mulheres, num movimento de reapropriação do corpo feminino (STREY, 2011) e de ressacralização da mulher (EISLER, 1996), enfatizando seu poder de conceder e nutrir a vida, de dar e receber amor e prazer e não de dominar e controlar os outros por meio do medo, da força e da dor. É preciso recuperar a natureza instintiva (ESTÉS, 1994; NARANJO, 2005), aprender sobre a sabedoria que o corpo traz, reverenciando a memória que cada célula carrega, e resgatar a dimensão esquecida sem, contudo, provocar uma inversão de valores, pois não se trata de supervalorizar o corpo em detrimento do espírito, nem de considerá-lo a partir da perspectiva mais difundida atualmente, que o transforma numa máquina a serviço de um sistema político e econômico que coisifica o humano, promovendo relações de exploração entre as pessoas da mesma forma que as mantém entre estas e o meio ambiente.

Nas histórias que escutei, a menstruação aparece como o importante elo que reconecta cada mulher ao que possui de mais feminino e representativo de sua corporalidade e de sua espiritualidade. É possível ver traços de um modo de se relacionar com a menstruação fundados numa cultura que nos faz desconhecer nossos corpos, sem compreender nem confiar em seu ritmo e em seus processos. Como bem assinala Torres (2005), uma mulher desorientada nesse sentido talvez amaldiçoe a menstruação, que a coloca num ritmo diferenciado dos que a cercam. A ela talvez seja imposto que esconda de si e dos outros seu sangue menstrual para ser aceita no mercado de trabalho e ocupar determinados papéis

sociais. Pode ainda ter como únicas referências mães e avós, também vítimas do sistema patriarcal, que nutrem sentimentos negativos a respeito da menstruação. No entanto, de acordo com Sams (1993), as mulheres honram seu caminho sagrado quando confiam nos ciclos de seus corpos e permitem que as sensações venham à tona dentro deles. Ao se conscientizarem de que seus corpos constituem uma extensão sagrada da Mãe Terra, compreendem que atos de prazer, abundância e fertilidade fazem parte da natureza feminina. Nas tradições indígenas, toda mulher estava preparada para viver sua sexualidade, considerada um ato natural de fertilidade, por meio das lições transmitidas por outras mulheres na Tenda da Lua, e nas Tendões as mulheres tiveram a chance de se reaproximarem desse processo construindo novos significados para ele, reapropriando o sentido roubado para ampliar sua compreensão e fomentar novas possibilidades de experimentar a menstruação a cada mês, como ilustram os relatos de Giordana e Carla:

Naquela época [da adolescência] eu não gostava de menstruar. Eu sentia muita cólica do primeiro ao último dia, eu menstruava sete dias às vezes direto, eu era muito pequeninha pra usar um absorvente grande, eu me sentia esquisita, realmente não gostava! [...] Da menstruação, eu só fui resignificar na Tenda. Na Tenda da Terra já teve um encontro em que eu “ó, peraí, não é por aí...”. Na Tenda da Lua, mais ainda. Comecei a ler o “Seu sangue é ouro”, daí me abriu, daí eu comecei a resignificar, comecei a curtir, comecei a sentir menos cólica, comecei a (risos), comecei a usar o abiosorvente e comecei a curtir a questão da menstruação. Isso, isso é uma das coisas mais marcantes pra mim da Tenda. [...]. Eu acho que antes eu nem pensava no ser mulher (risos). Eu acho que eu não tinha essa consciência de pensar em mim como mulher. Sabe, não tinha, simplesmente não pensava. [...]. Não sei, pra mim era isso, tinha coisas que eu não sabia, que eu não tinha noção de como era importante, [...], como é importante pra mulher ouvir aquele tipo de coisa, viver aquele tipo de coisa, ter aquelas experiências. Essa parte do feminino, do ser mulher, da importância na menstruação, da relação, das fases, da fase da mulher, eu não tinha consciência de nada, eu nunca tinha lido, eu nunca tinha, não sabia mesmo. Eu acho que se não fosse a Tenda, não sei se eu, se eu teria ido atrás desse tipo de assunto. Eu acho que eu teria outra consciência. (GIORDANA)

Minha relação com a menstruação, de tocar no meu sangue, de botar na máscara, de não ter nojo do sangue, de ter toda uma outra relação com o sangue. Tanto que hoje eu quase não uso absorventes descartáveis, eu uso os paninhos, o copinho. Eu faço as rezas, lua nova eu procuro sentar aqui, fazer uma reza com as cartas da Deusa. [...] a questão da menstruação, isso aí foi uma coisa que eu aprendi muito, assim. Esse conhecimento que eu busco mais agora, também, da relação com meu corpo, com a menstruação... [...]. É, bem de aproximação com a terra, com a Pachamama, toda essa coisa, toda essa espiritualidade. (CARLA)

Além de um resgate pessoal, essa nova percepção muda a relação dessas mulheres com a natureza. Tanto Giordana quanto Carla mencionaram usar alternativas aos absorventes menstruais descartáveis, que demoram cerca de cem anos para serem degradados no meio ambiente (MENZ, 2011). Apontam, portanto, para uma reconexão e a retomada de uma visão sagrada tanto da mulher quanto da natureza, mas também, e fundamentalmente, uma retomada

do contato que cada mulher pode estabelecer com seu corpo, como podemos ver no trecho a seguir:

Teve um encontro que falava de menstruação, tomar anticoncepcional ou não, que tinha a função da real menstruação, e aí eu comecei a pensar muito sobre isso e naquele mesmo dia eu parei de tomar anticoncepcional e mudou muito a minha relação com a menstruação e com a sexualidade, porque o anticoncepcional me inibia muito, assim, minha libido, [...]. Na mesma noite, cheguei em casa e decidi que eu não ia mais tomar. (GIORDANA)

A pílula anticoncepcional, que aparece como um importante avanço na segunda metade do século XX e que abriu caminho para outros métodos anticoncepcionais, ainda é vista como a ferramenta que possibilitou às mulheres se tornarem donas de seus próprios corpos, oportunizando uma aparente liberdade sexual numa fase em que as mulheres começavam a consolidar certa independência financeira, mas por isso também pode ser vista como uma ferramenta que tem subjugado as mulheres e a vida a um sistema econômico que prioriza a produtividade, no qual períodos menstruais e pós-parto têm pouco lugar. Com seu uso, segundo Ribeiro, Hardy e Hebling (2007), tem sido possível manter relações sexuais sem engravidar, adiando ou renunciando à maternidade, contornar os desconfortos relacionados à menstruação e até mesmo evitá-la por completo. Se por um lado dá às mulheres a oportunidade de escolha sobre essas questões, por outro pode trazer efeitos indesejados, além de desconectá-las de seu ritmo mensal natural, trazendo à cena uma dose de artificialismo típica dos tempos atuais, configurando-se como uma forma moderna de esmagar a natureza instintiva feminina e transformar seus ciclos naturais em ritmos artificiais para se subordinar à cultura ou ao outro. A pílula, portanto, vem no bojo de um movimento que historicamente tem denegrido e desprezado a menstruação, considerada como a origem do poder maligno da mulher, a marca do demônio, o castigo dado a Eva e conseqüentemente a todas as mulheres por terem transgredido as regras de obediência e submissão, cortando seus vínculos com sua fonte interna de saúde e sabedoria (ESTÉS, 1994; FAUR, 2001; BORYSENKO, 2002).

Cabe aqui fazer uma ressalva. Não advogo que precisemos reproduzir um estilo de vida feminino centrado na Deusa nem lutar contra os avanços tecnológicos que temos visto especialmente nos últimos cem anos. Isso seria sair de um extremo e pender a balança para o outro lado. O que este trabalho tem demonstrado é a importância do que Eisler (1996) chama de *política emergente da escolha íntima*. Trata-se do direito de escolha em questões que afetam diretamente o corpo da mulher e de quem pode controlar tais escolhas. Para tanto, é preciso que as mulheres cada vez mais tomem contato com o que lhes diz respeito, que se sentem juntas, conversem sobre os temas centrais em suas vidas e suas interações com

outros seres planetários, de modo que possam fazer escolhas de forma mais autêntica, consciente e responsável, menos influenciadas por opiniões alheias e dinâmicas inconscientemente atuantes. Nesse sentido, outro tema que mostrou importante significado para as tendeiras entrevistadas foi a maternidade, compreendida como uma escolha e não o destino imutável de toda mulher, destacando a importância de poderem (re)avaliar suas escolhas e as terem reconhecidas perante o grupo, além de poderem aprender ao escutarem outras mulheres partilhando suas experiências:

[Um encontro] em que se tratou maternidade, né. Eu não tenho filhos, e não os tenho por opção minha. E até hoje, eventualmente eu ainda escuto “mas como tu não teve filhos?”, como se, pra ser mulher, tu fosse obrigada a ter filhos! Se tu não os tiver, então tu não é mulher, ou tu não pode ser completa se tu não teve filhos ou, pior ainda, “e agora? Tu tá ficando velha, como vai ser?” (risos). [...]. Então, nessa fase de quando se trabalhou isso, pra mim isso foi muito, foi significativo. É, acho que isso da maternidade, foram as coisas que mais, foram bem marcantes. (SONIA)

Relação com outras mulheres, até relação com o nascimento, o parto, que não é o meu caso, mas tu já vivencia isso com outras mulheres, compartilha a questão de querer ser mãe, mais forte ou não, tudo isso acho que vem no trabalho com a Tenda. (GIORDANA)

Por fim, a menopausa, que com a cessão do processo menstrual representa o fim no período fértil na vida das mulheres, biologicamente falando, também foi um tema abordado, sobre o qual as mulheres tiveram oportunidade de partilhar suas experiências, especialmente aquelas que já passaram por esse processo, podendo ressignificá-lo ou, então, como Miriam referiu, prepararem-se para inaugurar uma nova fase de vida:

Em dezembro do ano passado eu parei de menstruar e foi muito, muito tranquilo. Isso era uma coisa que me assustava, sabe, me assustava, e eu dizia “Nossa, o que que vai acontecer depois e...”. Aquele mito de perda da sexualidade, né, e eu fui construindo esse processo nas Tendas porque tu vê, tu vê mulheres inteiras de todas as idades, e tu vê mulheres precisando de ajuda em todas as idades. E foi fundamental, porque eu tô passando por esse processo de menopausa agora de uma forma muito tranquila mesmo, muito tranquila. (MIRIAM)

Se em nossa cultura ocidental as meninas passam pela menarca com pouca ou nenhuma preparação, e muito menos com celebração, na menopausa é comum a mulher se sentir marginalizada, desprezada e envelhecida, sem saber como atravessar e aproveitar essa nova fase, inclusive sem saber que pode aproveitá-la. Portanto, é importante resgatar a visão das tradições mais antigas, nas quais a menstruação é fonte de celebração da vida e da possibilidade de regeneração cíclica, oportunizando outro sentido para a sociedade como um todo (FAUR, 2001). Diante disso, torna-se evidente a necessidade de promovermos uma pedagogia feminina, como Amanda apontou num trecho já apresentado, que possa colocar

meninas e jovens mulheres em contato com o que têm de mais singular em sua condição enquanto mulheres, assim como dar oportunidade àquelas que já passaram por importantes fases do ciclo feminino sem muita consciência para atribuírem um sentido ao que já viveram e se prepararem para o que poderão vivenciar. Tomemos como exemplo a tradição indígena nativa norte-americana, que busca explicar às meninas em fase de crescimento cada estágio da vida de uma mulher, marcando-os por meio de ritos de passagem. Assim, cada mulher tem a honra de se tornar parte da grande energia criativa, aprendendo a reconhecer o ciclo da lua e também o seu, respeitando seu corpo e suas necessidades (SAMS, 1993). De maneira geral, as culturas indígenas costumam aprovar a mudança e a cura, a transição e os ritos de passagem por meio de estruturas míticas e pela incorporação da arte, da ciência, da música e da dramatização à vida cotidiana. Todas as culturas possuem cânticos, danças e histórias que são contadas, de modo a facilitar essa aprendizagem (ARRIEN, 1997). E todas as mulheres que entrevistei indicaram o quanto se sentiram profundamente mobilizadas pelos rituais vivenciados nas Tendões, por vezes sem encontrar palavras para descrever suas impressões, especialmente sobre o ritual que marca o final da jornada na Tenda da Terra e que possibilita às mulheres ingressarem na Tenda da Lua:

É, eu acho que muito, que me marca muito nas Tendões, e isso, de certa forma, acho que é uma falta que eu ouso dizer que muita gente sente, são os rituais, as coisas dos rituais. Porque nós não temos mais esses rituais, ou são muito diferentes, e pra mim isso foi muito importante. Essas coisas do poder confiar, sabe, da entrega mesmo. (SONIA)

Eu acho que o ritual é uma coisa mágica. O ritual, essa coisa do contato e do convívio com o feminino na sua essência, desde a natureza, do contato com a terra, com o fogo e com a água, é uma coisa mágica. O ritual é transformador mesmo! É transformador. Tanto que eu saí do ritual e chorei muito, muito, muito. Fazia muito tempo que eu não chorava e eu chorei muito, mas não sabia por que que eu tava chorando. Não sabia e eu chorava. (MIRIAM)

O ritual final foi indescritível, maravilhoso. [...]. Pra mim, aquele ritual foi, eu lembro que eu, eu me espantava com algumas mulheres que se sentiam mal ou que tinham medo, porque aquilo pra mim era tão vivo, era um lugar tão seguro, estar naquele lugar. Ali foi uma afirmação, assim, “eu gosto muito de ser mulher!”. (AMANDA)

Os ritos de passagem, segundo Pozatti (2007), são um processo educativo integrador que trabalha a fronteira entre as fases da consciência humana, podendo auxiliar a marcar a saída de uma fase obsoleta para uma nova fase com novos significantes, possibilitando a morte do que já não tem vida para o nascimento de uma nova consciência. Segundo Campbell (1997), em sociedades primitivas, os rituais levam as pessoas a processos de transformação que requeiram mudanças de padrões, não apenas da vida consciente, como também da inconsciente. Os rituais de passagem, que se realizam por meio de cerimônias de nascimento, atribuição de nome, de puberdade, casamento, morte, entre outros, provocam um afastamento

de atitudes, vínculos e padrões de vida do estágio que fica para trás, possibilitando uma abertura para novas formas de ser e de viver que são apresentadas a heróis e heroínas que encaram uma jornada de transformação. Os ritos marcam, assim, processos de morte e de renascimento e, além disso, também traduzem o vivido de uma forma impessoal e atemporal, tirando o foco da experiência de uma vivência centrada apenas no eu para ampliá-la, adicionando um sentido que existe somente em relação àquelas pessoas com quem se convive, assinalando a unicidade essencial entre indivíduo e grupo e assim fortalecendo um senso de pertencimento.

Ainda que tenhamos alguns rituais que marcam momentos importantes da existência humana, como batismos, casamentos e formaturas, por exemplo, eles não parecem ser suficientes para abarcar e marcar o ingresso ou a passagem pelos diferentes estágios da vida, devendo ser resgatados especialmente aqueles que reverenciam a importância e a santidade do corpo humano (EISLER, 1996), revestindo de significado o mistério que homens e mulheres encarnam.

5.2.3 APROXIMANDO E EQUILIBRANDO MASCULINO E FEMININO

Especialmente nas histórias de Amanda, Miriam, Sonia e Suzeina, pode-se identificar claramente quão forte é a marca impressa pela cultura patriarcal em nossas vidas, que desvaloriza características ligadas às mulheres e ao feminino em detrimento dos homens e de valores masculinos, promovendo um estado das coisas que tem se perpetuado inclusive por parte das próprias mulheres e que se evidencia, por exemplo, no modo como educam suas filhas, como podemos ver no trecho em que Lúcia falou sobre si. Sob essa lente, surge uma visão parcial e distorcida da mulher, considerada como mais frágil, mais fraca e com a qual algumas mulheres podem não querer se identificar, desejando, por isso, estar entre homens e ser como eles:

Porque eu, eu fui uma criança, uma adolescente que a minha mãe também, fruto um pouco da sua época, muito me estimulou pra estudar, pra ser independente, pra ser autossuficiente, então eu não trouxe um modelo de casar e filho, né. Isso meio que depois foi uma escolha minha, mas não era uma prioridade. Então, sempre tive uma facilidade maior de ser amiga de homens do que de mulheres. Depois que eu fui entendendo por quê, essas coisas todas, [...]. (LÚCIA)

Então, o meu conceito em relação às mulheres era um conceito de que as mulheres eram seres frágeis, porque eu via as mulheres com dilemas em relação ao seu corpo, em relação ao trabalho e, de uma forma geral, eu admirava o comportamento masculino, eu achava isso, admirava a objetividade masculina, a praticidade, enfim, de uma forma geral. E hoje eu entendo que isso tem a ver com a minha identificação paterna, e inclusive os meus melhores amigos sempre foram homens e, de uma forma geral, me identificava mais com homens mesmo. (MIRIAM)

Durante algum tempo eu brigava com isso e queria competir com os homens, com os guris e tal, me colocando como querendo ser melhor, e eu acho que isso só foi mudar dentro das Tendões, assim. [...]. É, eu lembro que eu queria muito, estar muito mais no meio dos homens do que das mulheres, e era uma coisa que me incomodava às vezes não conseguir participar tanto dos grupos dos homens, dos meus amigos, assim. [...]. E aí eu me tornava meio menino ali, ficava sabendo o modo como eles pensavam e eu achava o máximo, assim, tá naquele lugar (risos)! Só que eu também não conseguia me relacionar com nenhum homem, na verdade, né. Assim, eu fui ter um primeiro beijo aos dezenove anos. (AMANDA)

Há um preço que as mulheres pagam por essa escolha. Conforme Murdock (1998), se por um lado a mulher é levada a se identificar mais com valores masculinos e o mundo dos homens, preferindo estar entre eles, podendo mais facilmente desenvolver um sentimento de autoconfiança e competência no mundo por meio de características e valores masculinos, por outro lado pode ter sua feminilidade ferida, evidenciada nas dificuldades de relacionamento com seu próprio corpo, com a criatividade e a espiritualidade, assim como prejuízos na habilidade de se relacionar especialmente com outras mulheres, mas também com homens, como Amanda relatou.

Na história de Sonia, podemos perceber outra questão recorrente entre as mulheres: a dificuldade de confiar umas nas outras. Essa visão da mulher como não confiável e da histórica concorrência e competição entre mulheres, como Suzeina também levantou, parece surgir na ideia disseminada em nossa história humana mais recente, quando à mulher foi incutida uma visão de pecado e perigo, relacionando-a ao indigno, impuro e não confiável (EISLER, 1996). Embora algumas encarnem esse ideal de mulher, colocando-se como objeto nas relações que tecem com homens em troca do suprimento de carências físicas, psíquicas e materiais, essa é uma concepção que povoa a sombra coletiva, e sabidamente um dos mecanismos de atuação da sombra se dá por meio das projeções, diante das quais vemos em outras mulheres aquilo que não reconhecemos em nós mesmas. Portanto, que mulher teria orgulho de ser assim, tema de sátiras masculinas e um objeto, não um ser, desejável? Melhor, então, seria não ser mulher, preferindo ser como um homem, ou, pelo menos, estar entre homens:

Por que que eu passei anos da vida, assim, bom, evitando mulheres? [...]. Eu podia, por exemplo, ir almoçar com as mulheres ou almoçar com os homens, e normalmente eu almoçava com os homens! [...]. Talvez concorrência feminina, né, sentir-se como concorrentes. Por alguma razão eu não confiava, sabe, não tinha, não confiava. (SONIA)

Por que que as mulheres competem tanto entre si? Sabe, e até onde isso vai nos levar enquanto mulheres, né, porque a gente aprende desde pequenininha lá “ah, porque o teu tenzinho é mais bonintinho, a tua sandalhinha, a tua varinha de condão da fadinha que tu é”, enfim, essas coisas. Isso é nos passado de geração pra geração, isso não é, é uma coisa que a gente pode quebrar, é um padrão que a gente pode quebrar, e a gente pode desconstruir isso enquanto mulheres pra que

possamos viver melhor, né. Então, isso também me fez, me fez olhar pra Tenda de uma forma diferente. [...] hoje eu tenho amigas mulheres que [antes] eu não conseguiria me relacionar. (SUZEINA)

Outro aspecto que surge nesse processo é a preferência por atividades consideradas mais masculinas, como Miriam contou, e a evitação ou o abandono de atividades tradicionalmente ligadas ao feminino, que Sonia e Suzeina também trouxeram em suas histórias, mas que o trabalho desenvolvido nas Tendas pôde auxiliar a perceber e modificar, equilibrando o modo como as polaridades masculina e feminina se expressam em suas atividades cotidianas:

Por exemplo, eu, eu não gostava de cozinhar e não queria aprender. Hoje eu acho isso legal, sabe, acho legal, curto e vou. Não gosto de fazer todos os dias, mas vou e curto. [...] tudo que era tipicamente masculino me atraía, me atraía às vezes forçosamente. Vou te dar um exemplo, eu dirijo desde os treze, treze anos de idade. Eu só me dei conta de que eu odeio dirigir agora! [...] sempre ficava muito tensa, mas eu nunca admitia nem pra mim nem pra ninguém que eu não gostava daquilo. Então, eu dirigi trinta anos e hoje, assim, eu dirijo muito pouco. Ainda dirijo, mas me dou o direito de “não, não gosto, quero andar de ônibus e pronto!”, sabe. Tenho carro, mas quero andar de ônibus porque isso, eu me sinto melhor e pronto. E não importa o que os outros pensam, mas antes era, era algo sobre o qual eu nem admitia falar porque dirigir era uma coisa, né, “os homens têm que saber dirigir, então eu também tenho que saber”. (MIRIAM)

Lá, quando eu era menina, tava aprendendo desde a bordar, a fazer essas coisas que hoje, véspera dos cinquenta e sete, eu começo a retomar. [...]. Quando eu tinha onze anos, eu tava bordando, eu bordava! Antes dos onze anos. Onde ficou isso? (SONIA)

[...], esse cuidado com a família, com a casa, isso pra mim era uma dificuldade, era uma coisa que pra mim eu não conseguia enxergar isso, eu queria muito mais tá lá na rua trabalhando e fazendo as coisas. É, isso que pra mim não existia. Eu, eu achava, tratava como subemprego, [...], o quanto eu era cruel com esse tipo de pensamento. (SUZEINA)

Renegar o que se relaciona ao feminino e preferir o que se relaciona ao masculino acabam se configurando como um modo de ocupar um espaço pelo qual as mulheres historicamente têm lutado. Como exemplo disso, segundo Owen (1994), para se autoafirmarem socialmente, hoje em dia as mulheres precisam ser duras. Têm de dirigir seus próprios carros, ganhar seu próprio dinheiro, muitas vezes cuidar de seus filhos sozinhas, entre outras atividades. Essas características de firmeza e independência, que se tornaram parte de sua sobrevivência, acabam sendo uma escolha que proporciona mais autonomia na vida privada e representa mais poder no espaço público, em acordo com uma visão patriarcal e de dominação social. No entanto, para sobreviverem e exercerem poder de uma forma mais plena, não há por que serem tão duras ou procurarem se equiparar aos homens. Ao invés disso, as mulheres podem usar essa firmeza para traçar seus próprios limites, determinar suas próprias necessidades e criar estilos de vida que respeitem seus padrões corporais cíclicos.

“[...] [o] mundo necessita da nossa força – mas necessita da força de mulheres, não da pseudoforça de pseudohomens.” (p. 187).

Por meio do que experienciaram nas Tendas, surgiram importantes mudanças no modo de se relacionar com o feminino e com as mulheres, mas também com os homens e o masculino. A partir da conscientização de seu modo de ser e perceber essas polaridades, conforme ilustram os trechos das histórias de Suzeina e Miriam, fica clara a presença de um maior equilíbrio tanto internamente, reconciliando características e valores historicamente masculinos e femininos, quanto externamente, com o cultivo de atitudes e relacionamentos mais maduros e saudáveis com homens e mulheres:

Na Tenda da Lua, o que eu vi de mais significativo foi a questão do meu relacionamento com o masculino, né, e aí masculino eu tô falando de gênero mesmo, com os homens, como eu enxergo, ou como eu enxergava esses homens e como eu, muitas vezes, eu achava que eu conseguia manipular e fazer as coisas de uma forma que tudo fosse da forma que eu queria que fosse. Então, me dar conta disso, trabalhar isso, buscar, viver mais harmoniosamente, viver em harmonia. Eu, enquanto mulher, eu tenho isso muito forte em mim, eu sou muito yang, eu também sou muito masculina, muito forte. Então, fazer essa relação com o mundo exterior partiu por enxergar isso em mim, né. Com o meu masculino, enxergar como é que é o meu masculino, e até equilibrar isso. [...] e lá pelas tantas, perceber, é tomar as rédeas, é decidir tomar as rédeas e dizer “não adianta eu ficar nesse padrão e desenvolvendo essas coisas, eu preciso é mudar isso”. Realmente, é ressignificar tudo isso. (SUZEINA)

Eu me percebia como uma mulher cartesiana, prática, matemática em tudo, tudo se explica matematicamente, sabe, racional, dura, de uma certa forma. Eu acho que eu sempre fui carinhosa com os meus filhos, mas impondo limites muito rígidos, e com muito pouca compreensão do universo feminino e das mulheres em geral. Hoje, hoje eu não abandonei totalmente a Miriam de seis anos atrás. [...], mas eu tirei a rigidez do processo, sabe, tirei o moldezinho, e eu acho que hoje eu consigo me entender mais, entender mais meu corpo e entender mais as mulheres em geral, e me permito aproximar mais de mulheres, aproximar mais. [...]. Eu tive três relacionamentos estáveis e vivo o melhor deles e o que eu quero que dure pra minha vida toda, e as Tendas têm muito a ver com isso. Porque, provavelmente, por ele ser um homem muito diferente daquele padrão masculino, eu teria destruído essa relação no início, se não fossem as Tendas. E, felizmente, eu consegui ver a riqueza e o valor dessa relação e de quanto o equilíbrio entre masculino e feminino, tanto em homem como em mulher, ele é importante. [...]. Conciliar o equilíbrio entre o masculino e o feminino, né, e é conseguir se colocar numa relação, numa sociedade, no trabalho sem perder a feminilidade, porque existe um, um conceito disseminado, assim, de que uma mulher, quando ela se permite ser feminina, ela não tem certas capacidades, ela não tem algumas competências. (MIRIAM)

Eu te digo assim, com toda a certeza de que, ao longo desse tempo, em várias coisas eu fui reconhecendo pontos cegos dentro de mim, fui atenuando algumas posições que eu tinha muito rígidas ou muito fechadas, sabe. Então, essa convivência com o feminino de uma certa forma também foi me aproximando dum feminino saudável dentro de mim. Que pode ser firme sem ser duro, que pode ser firme e ser doce, porque eu acho que a ternura, ela tem muito a ver o feminino, em homens e mulheres, né. (LÚCIA)

Pelo que viveram nos quatro anos de jornada tendeira, masculino e feminino, homens e mulheres passaram a ser percebidos como diferentes a partir de um olhar que não hierarquiza nem prioriza um aspecto em detrimento do outro, mas que celebra as diferenças com respeito e reverência e que anseia por seu reconhecimento, ainda que sejam fruto de

construções históricas e vividas de forma singular por cada homem e cada mulher. De fato, embora toda pessoa seja capaz de tudo que é humano e se transforme conforme aquilo que vive, nada pode acontecer a ela que não seja permitido por sua biologia, ainda que esta não determine tais acontecimentos (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). Por isso, podemos pensar que há tantas maneiras de ser homem ou mulher quantas são as pessoas, e que essa é uma (re)construção que se dá ao longo da existência de cada uma (STREY, 2011), imprimindo um *continuum* de cores onde costumeiramente vemos uma cor só:

[...] depois da Tenda eu vi que não é isso, né! A gente tem que lutar pra ser, ser respeitado o ser mulher, não querer ser igual aos homens ou ter os mesmos direitos que os homens. Porque nós temos diferenças e a gente não se dá conta disso, porque a gente não quer olhar pra essas diferenças. A gente tem útero, a gente tem seios que dão leite, os homens não têm isso e nenhum vai saber o que que é isso, assim como a gente nunca vai saber o que é ter um pênis, o que que é brochar, por exemplo. É um sentimento que a gente nunca vai saber o que que é. Então isso foi muito legal, e aí, foi aí que eu comecei a me encontrar e aí que eu comecei a colocar uma energia mais proativa nessa relação que eu estabelecia com o ser mulher, porque um dia aí eu comecei a me afirmar mais como mulher, e aí me engajei, aí me engajei totalmente nisso, né. (AMANDA)

É trabalhar junto, é caminhar junto, é buscar as coisas junto, buscar o sucesso juntas, enquanto mulheres e, enfim, trabalhar pra que a gente tenha cada vez um futuro melhor enquanto mulher e juntas, unidas, né. Isso não tá relacionado a ser contra os homens ou ser contra uma sociedade que precisou ser de determinado jeito. Não é nada disso. É simplesmente olhar pra tudo isso e dizer “é a hora da gente dar a mão e ficar juntas”, sem, sem ficar pensando no que foi ou no que vai ser ou naquilo que é ruim ou que é bom. E também, enquanto mulher, poder tá inteira pra poder caminhar junto e ao lado de um homem, porque a gente também vê isso nos homens, de uma forma diferente, mas a gente vê, e acho que o único jeito da gente conseguir tá do lado de homens inteiros é ser inteira. (SUZEINA)

Somente com a progressiva aproximação rumo ao equilíbrio e à integração de masculino e feminino e de homens e mulheres é que poderemos encarnar plenamente a capacidade de atualização do ser humano, ainda que não nos tornemos totalmente plenos ou iluminados. Contemplando o sentido de transformação e impermanência de tudo que é manifestado na experiência, conforme Weil (1987b), e deixando de lado a ilusória separação, solidificação e dicotomização dos objetos, dos acontecimentos e das pessoas, percebendo que tudo muda a todo instante e permitindo que isso aconteça, somente assim poderemos chegar a nos transformar como Suzeina colocou com uma ampla profundidade envolvida numa estreita simplicidade a respeito da experiência pessoal construída a partir da participação nas Tendas:

[..] é interessante, assim, a gente falar da Tenda porque a Tenda é um marco. Tu é uma pessoa antes e uma pessoa depois da Tenda. (SUZEINA)

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES POR ORA FINAIS

*Quem me chamou?
 Quem vai querer
 Voltar pro ninho
 Redescobrir seu lugar
 Pra retornar
 E enfrentar o dia-a-dia
 Reaprender a sonhar¹⁰*

Enquanto (re)escrevia o projeto que deu origem a esta dissertação, constantemente me perguntava sobre o que me levava a fazê-lo. Posso dizer que foi uma espécie de chamado; um chamado cuja autoria me remetia a várias vozes cantando motivos diversos, espalhadas pelo mundo (em) que vivo. Dei ouvidos a elas com meu corpo e minha alma e resolvi mergulhar no solitário, mas também solidário processo de cantar junto a um coro de pessoas que pensaram, falaram e escreveram antes de mim, cantando com meu timbre singular a linha melódica que coube unicamente a mim. Não por acaso me vi encarnando diversos aspectos do que tratou esta dissertação, e destaco alguns deles que tiveram marcada importância no tom dado a esta obra. O primeiro aspecto se refere às irrevogáveis transformações pelas quais tenho passado desde que comecei a me construir mais concretamente como mãe, após o nascimento de meu filho Martín, poucas semanas antes do processo de qualificação do projeto de minha pesquisa. Essa experiência diária tem confirmado o quanto viver e aprender são indissociáveis, pois implicam transformações a todo instante. Também tem me feito refletir muito sobre o fato de ser mãe de um menino cuja história de vida pode ser mais uma repetição do que temos visto predominar ou, então, uma possibilidade de mudança em maior ou menor grau, e da importância do meu papel como mãe e como mulher para uma ou outra possibilidade de desfecho. Enquanto observo e reflito a cada dia sobre como tenho criado e educado meu filho, também o faço pensando em como nós, pais e mães, homens e mulheres adultas do século XXI, temos educado a nós mesmas e àquelas com quem convivemos. Isso tornou minha pesquisa ainda mais plena de sentido para mim, pois evidencia a necessidade premente que temos de tempos e espaços para que cada pessoa se desenvolva da forma mais integrada possível, consciente das relações que estabelece com outros seres e com o universo, sinalizando para necessárias mudanças nos valores e nas atitudes por meio de experiências (re)educativas que reconheçam e contemplem todas as potencialidades humanas.

Outro aspecto bastante significativo que vivi se refere ao fato de ter experienciado e compreendido algo que Naranjo (2005) aponta como uma importante tarefa de uma educação

¹⁰ Todos os trechos em itálico são partes da canção “Brincar de viver”, de Guilherme Arantes.

holística, que é equilibrar as características apolíneas e patriarcais de lucidez, do domínio e do desapego com a capacidade matrística e dionisíaca da entrega ao mistério da corrente da vida. Nesses dois anos, vivi as ansiedades próprias de calendários e roteiros a serem cumpridos, de métricas e medidas nas quais precisei me enquadrar para que minha pesquisa pudesse ser considerada válida, mas também vivi a (ins)piração, ora suave, ora tempestuosa, por meio de sonhos, devaneios e sincronicidades. Olhei para o alto e para frente, mas tratei de fincar meus pés no chão, abrindo meus braços para abraçar quem encontrava na jornada. Assim, conheci inúmeras colegas, algumas das quais se tornaram queridas amigas, e vivi a experiência relativamente incomum de ser orientada na primeira metade de minha jornada como mestranda pela professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão e, numa reviravolta do processo, passar a ser orientada pelo professor Juan José Mouriño Mosquera e, por fim, pelo professor Claus Dieter Stobäus, o que paradoxalmente me forçou a exercitar uma escritura ainda mais autoral, dando um tom bastante singular às ideias que expressei e também ao modo como busquei fazê-lo. E nessa dança de roda, tive a possibilidade de conhecer melhor o poder das histórias de vida como instrumento de pesquisa, que possibilitam um fazer científico apreendendo a beleza singular das existências traçadas em meio a dores e amores. Ao escutar as seis tendeiiras que ousaram contar suas histórias para mim, assim como Lúcia, que teceu uma história das Tendas que se origina em sua própria história de vida, percebi mudanças bastante significativas em seus modos de ser, estar e conceber o mundo, proporcionadas pela educação holística por meio de sua participação nos Círculos Femininos Tenda da Terra e Tenda da Lua.

Ao narrarem suas histórias e suas experiências nas Tendas, essas mulheres apontaram para as importantes contribuições que uma educação holística pode dar ao processo de aprender a ser quem se é, abrindo espaço para que as pessoas possam aprimorar o conhecimento acerca de si mesmas. Um dos passos desse processo envolve o exame das relações primordiais que as constituem e que, marcadamente influenciadas por um sistema dominador, tendem a incentivar a competição, a comparação e um jeito de ser e viver a vida um tanto inautêntico e desconectado de si, fortemente pautado pelas expectativas tanto parentais quanto socioculturais. Somente com esse exame poderão ser curadas eventuais feridas oriundas dessas relações, especialmente as relações com pais e mães, que em muitos casos constituem a origem das expectativas que aprisionam desejos e vocações genuínos e que acabam se tornando fonte das primeiras aprendizagens sobre desrespeito e desigualdade. Examinar e ressignificar essas relações pode favorecer um processo de amadurecimento de cada mulher enquanto pessoa, reconfigurando sua existência de forma mais autêntica e

consciente de si. Uma educação verdadeiramente holística pode ser, portanto, também terapêutica, sem se isentar de cuidar e curar as feridas que historicamente, enquanto campo, ajudou a perpetuar por ação ou omissão na (con)formação das sociedades e na (de)formação dos indivíduos, uma vez que, conforme as histórias pesquisadas demonstraram, é capaz de promover uma crescente conscientização acerca do poder pessoal inerente a cada pessoa, cultivando um senso de autoridade e de autoconfiança baseados em seu próprio jeito de ser sem, com isso, desrespeitar outros seres ou desinvesti-las de seu próprio poder. Aprender a fazer escolhas de acordo com sua estrutura interna de referências também é fruto dessa educação, de modo que cada pessoa possa se despir de falsos mantos e se desprender de tudo que não é verdadeiramente seu ou escolha sua para escrever uma nova história de vida e da vida humana, em que as máscaras possam ser usadas como adereços com motivos festivos e carnavalescos e não como objetos torturantes e escravizadores.

A pesquisa também revelou que uma educação holística pode ajudar as mulheres a redescobrirem um poder diferenciado, caracteristicamente feminino, ao proporcionar a convivência com outras mulheres, o que vai muito além de simplesmente se tolerar uma fortuita presença alheia ou vivê-la de forma neutra, resgatando a possibilidade de aprenderem umas com as outras e reconhecendo a beleza e a ternura desse processo, contribuindo para a construção de uma noção de um *eu em relacionamento*, mas ao mesmo tempo com uma presença autêntica e inteira. A educação também pode facilitar que aprendam a confiar na mulher, nas mulheres e em si mesmas enquanto mulheres, podendo assim agenciar o desenvolvimento de um senso de fraternidade com o qual as pessoas aprendam a amar, compreender, cuidar e se curar. Além disso, pode promover a ressacralização da mulher por meio do reinvestimento na natureza cíclica e singular de cada uma e da valorização do corpo feminino, respeitando-o como fonte de autoconhecimento e conhecimento do mundo, fazendo reemergir o *eu instintivo* que foi progressivamente desvalorizado pela cultura dos últimos séculos e integrando-o às dimensões racional e afetiva. Somente assim cada mulher poderá chegar à capacidade de fazer escolhas genuinamente em concordância com seus anseios pessoais mais profundos e se desenvolver rumo à plenitude, de modo que possamos ver cada vez menos pessoas fixadas em padrões infantis de comportamento, pensamento e sentimento.

Valorizando as experiências ao longo da vida como possibilidades de formação ao ritualizá-las, uma educação holística convoca mulheres e homens a deixarem para trás existências baseadas em automatismos inconscientes para torná-las plenas de sentido e significado, reincorporando ferramentas que facilitem a aprendizagem por meio de cantos, danças, histórias, entre outras tantas que possam dar mais graça e beleza à vida humana. Além

disso, uma maior conscientização de que masculino e feminino são polaridades e qualidades inerentes a homens e mulheres, assim como a tudo presente no universo, também pode ser consequência de uma educação holística, como demonstraram as entrevistadas, possibilitando maior aceitação e apreciação do feminino historicamente renegado e fazendo com que as mulheres deixem de considerar homens como os melhores amigos simplesmente por serem homens, conforme algumas histórias das entrevistadas evidenciaram, ou mesmo como inimigos das mulheres. Esse é o caminho que precisa ser aberto para que a humanidade possa passar da guerra à dança dos sexos, alegrando-se e enriquecendo-se com as diferenças pertinentes a cada ser e possibilitando modos de viver menos hierarquizados, no sentido de promover maior equidade e respeito às diferenças.

Se não restam dúvidas de que somos herdeiras do patriarcado e de que ainda vivemos assentadas senão em sua presença, mas em sua sombra, a própria ciência tem nos mostrado que também somos um universo de novas e renovadas possibilidades. Nesses tempos de transição, portanto, presentificando hibridamente um passado que já morreu e um futuro que está por nascer, precisamos tornar acessível uma nova historicização da vida humana, contemplando fatos e fenômenos pertinentes ao universo feminino que foram ignorados ou esquecidos em páginas perdidas, para que homens e mulheres tenham maior consciência a respeito do que lhes constitui e possam traçar um futuro com mais autoria e coerência. É papel de uma educação holística ser compreensiva com o atual estado das coisas, sem deixar de se colocar firmemente disposta a transcendê-lo, tornando-se uma ponte para um mundo mais integrado e convocando todas as pessoas ao compromisso ético para com a educação das crianças e dos jovens que estão se tornando homens e mulheres, a fim de oferecer espaços de diálogo que reverenciem e incluam as diferenças entre as pessoas, abrindo e ampliando vias experimentais e experienciais que promovam modos mais saudáveis de se aprender a ser mulher, mas também de se aprender a ser homem. Se quisermos nos libertar, individual e nos tornar capazes de transformar o contexto que nos forma, precisamos nos (re)encontrar e (re)aprender a (nos) amar(mos):

*E eu desejo amar
A todos que eu cruzar
Pelo meu caminho
Como eu sou feliz
Eu quero ver feliz
Quem andar comigo...
[...]*

Prestes a terminar esta escrita, reafirmo que minha jornada não acaba aqui, e há nisso um duplo sentido. Minha jornada como tendeira da 18ª geração entra em seu último ano, ocasião em que poderei ampliar minhas próprias experiências, meus aprendizados e minhas transformações pessoais acerca do ser mulher, certamente com uma qualidade diferenciada depois de me debruçar tão intensamente por tantos meses estudando sobre essa temática. É a holopraxis do meu processo evolutivo pessoal que tem ainda continuidade. No entanto, o Mestrado, que poderia dizer que constitui sua hologia, está-se encerrando, e novos caminhos hão de ser trilhados levando adiante o que apreendi até aqui. Além disso, as temáticas sobre as quais trabalhei merecem mais espaço em novos projetos de pesquisa, especialmente a educação holística, pouco presente nas produções científicas e também em ações práticas. Em espaços de educação formal, pelos quais as pessoas transitam por cada vez mais tempo em suas existências, o ingresso nessa jornada de experiências e aprendizagens pode ser iniciado ainda na educação infantil, encorajando o aprender a ser e a conviver e promovendo seres humanos mais plenos, compassivos e amorosos, evitando a cristalização de preconceitos e atos discriminatórios que vemos disseminados na vida adulta. Para tanto, torna-se fundamental preparar as docentes, proporcionando espaços em sua formação inicial e continuada que possibilitem vivências e reflexões sobre ser mulher, ser homem, sobre masculino e feminino, sobre igualdade, diferença e equidade, sobre dominação e parceria, entre outros tantos aspectos relevantes, de modo que possam se conhecer e se transformar e assim se tornarem facilitadoras de transformações para suas alunas.

*Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você
Responde "sim"
A sua imaginação
A arte de sorrir
Cada vez que o mundo
Diz "não"..."*
[...]

Respeitando a ciclicidade da vida, agora é hora de aquietar, de voltar para casa e deixar assentar a poeira e as ideias que este trabalho levantou para, em breve, ir para o mundo e fazer alguma diferença com o que apreendi nessa aventura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

*Vem!
Agora é brincar de viver!*

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 267-291.
- ABRAHÃO, M. H. M. B.; SOUZA, E. C. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- ARAÚJO, M. A. L. Abordagem holística na educação. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 21, p. 159-176, jul./dez. 1999.
- ARRIEN, A. **O caminho quádruplo: trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário**. São Paulo: Ágora, 1997.
- _____. **Signs of life: the five universal shapes and how to use them**. New York: Penguin Putnam, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERNE, E. **O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino**. São Paulo: Nobel, 1988.
- BOFF, L. **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOLEN, J. S. **O milionésimo círculo: como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres**. São Paulo: TRIOM, 2003.
- BORYSENKO, J. **A mulher de 0 a 90 (e além): os ciclos femininos sob o ponto de vista da biologia, da psicologia e da espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2002.
- BOTTON, A.; STREY, M. N. As influências do gênero na infância: como produzimos meninos ou meninas. In: STREY, M. N. (Org.). **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 23-42.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CARDOSO, R. S. Corpo de mulher: o social e o individual em uma sociedade patriarcal. In: CARDOSO, R. S. (Org.). **É uma mulher...** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 11-28.
- CARDOSO, C. M. **A canção da inteireza: uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-38.

CREMA, R. **Saúde e plenitude: um caminho para o ser**. São Paulo: Summus, 1995.

_____. **Pedagogia iniciática: uma escola de liderança**. Petrópolis: Vozes, 2009.

D'AMBRÓSIO, U. A consciência holística: passado e futuro se reencontrando. In: BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. (Orgs.). **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

EISLER, R. T. **O cálice e a espada: nossa história, nosso futuro**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. **O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAUR, M. **Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa**. São Paulo: Gaia Editora, 2001.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 59-79.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAMAS, B. S. Processo criativo feminino. In: CARDOSO, R. S. (Org.). **É uma mulher...** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 81-100.

LARA, R. E. Educación holista. **Revista Iberoamericana de Educación**, 2002. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/330Espino.pdf>>. Acesso em: 11 novembro 2012.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATURANA, H. Transdisciplinaridade e cognição. In: NICOLESCU, B. et al. (Orgs.). **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000, p.83-114.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MENZ, J. Incomodada ficava sua avó: que tal usar copinhos para conter o fluxo menstrual? **Revista TPM**, 109, 12 maio 2011. Disponível em <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/109/bazar/incomodada-ficava-sua-avo.html>>. Acesso em: 12 novembro 2013.

MILLER, J. P. **The holistic curriculum**. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

_____. **Análise textual discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como *método* de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBBAUS, C. D. Narrativas de vida: fundamentos de uma dimensão metodológica. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 75-91.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.

NARANJO, C. Educando a pessoa como um todo para um mundo como um todo. In: BRANDÃO, D.; CREMA, R. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991, p. 181-191.

NARANJO, C. **Mudar a educação para mudar o mundo**: o desafio mais significativo do milênio. São Paulo: Esfera, 2005.

NICOLESCU, B. (Org.). **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OSTETTO, L. E. Na dança e na educação: o círculo como princípio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n. 1, p. 165-176, jan./abr. 2009.

OWEN, L. **Seu sangue é ouro**: resgatando o poder da menstruação. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

PEREZ LINDO, A. **¿Para qué educamos hoy?**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

POZATTI, M. L. **Buscando a inteireza do Ser**: proposições para o desenvolvimento sustentável da consciência humana. Porto Alegre: Genesis, 2007.

PRATES, M. As cirurgias plásticas que os brasileiros mais adoram. **Revista Exame**, 21 abril 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-cirurgias-plasticas-que-os-brasileiros-as-mais-adoram>>. Acesso em: 19 novembro 2013.

RIBEIRO, C. P.; HARDY, E.; HEBLING, E. M. Preferências de mulheres brasileiras quanto a mudanças na menstruação. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 29, n. 2, p. 74-79, 2007.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado**: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SCHREINER, P.; BANEV, E.; OXLEY, S. **Holistic education resource book**: learning and teaching in an ecumenical context. Münster: Waxmann, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.5-22, jul./dez. 1995.

STREY, M. N. Gênero. In: JACQUES, M. G. C. et al. (Orgs.). **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Vida de mulher: isso dá muitas histórias. In: STREY, M. N.; PIASON, A. S.; JULIO, A. L. S. **Vida de mulher**: gênero, sexualidade e etnia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 15-34.

TORRES, L. D. (Org.). **Tendas e clãs do sul**: jornadas femininas de amor e cura. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2005.

WEIL, P. **A neurose do paraíso perdido**: proposta para uma nova visão da existência. Rio de Janeiro: Espaço-Tempo/CEPA, 1987a.

_____. **Nova linguagem holística**: um guia alfabético: pontes sobre fronteiras das ciências físicas, biológicas, humanas e as tradições espirituais. Rio de Janeiro: Espaço-Tempo/CEPA, 1987b.

_____. **Holística**: uma nova visão e abordagem do real. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

_____. Introdução ao tema da normose. In: WEIL, P., LELOUP, J. Y.; CREMA, R. **Normose**: a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 13-20.

YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZWEIG, C. O feminino consciente: nascimento de um novo arquétipo. In: DOWNING, C. (Org.). **Espelhos do self**: as imagens arquetípicas que moldam sua vida. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 178-186.

APÊNDICE A

De: luciene.geiger@acad.pucrs.br

Para:

Data:

Assunto: Entrevista para pesquisa de Mestrado

Olá, _____,

meu nome é Luciene Geiger. Sou participante da 18ª geração da Tenda da Lua, trabalho desenvolvido pela Lúcia Torres, e estou escrevendo para você porque estou realizando um projeto de Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS cujo tema é "APRENDER A SER MULHER POR MEIO DE UMA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES DOS CÍRCULOS FEMININOS DAS TENDAS DA TERRA E DA LUA", sob a orientação do Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera. Este trabalho tem por objetivo compreender como se dá o aprendizado de tornar-se mulher dentro de um contexto educativo holístico de acordo com as experiências vivenciadas por mulheres participantes dos Círculos Femininos das Tendias da Terra e da Lua, realizados na cidade de Porto Alegre, RS.

Pedi à Lúcia indicação das mulheres da 16ª geração, residentes em Porto Alegre, para participarem de minha pesquisa. Assim, gostaria de saber se você gostaria de participar. Em caso positivo, gostaria de agendar um horário para realizarmos uma entrevista.

Fique bem à vontade para decidir se deseja ou não participar, ok? Peço-lhe apenas que responda a esta mensagem, qualquer que seja sua decisão.

Atenciosamente,

Luciene Geiger

(51) 8138.4558

APÊNDICE B

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEdU/PUCRS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa desenvolvida pela Mestranda em Educação LUCIENE GEIGER na investigação intitulada **APRENDER A SER MULHER POR MEIO DE UMA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES DOS CÍRCULOS FEMININOS DAS TENDAS DA TERRA E DA LUA**. Também autorizo a utilização das informações por mim fornecidas como referencial para a produção de sua dissertação de Mestrado no PPGEdU/PUCRS, na linha de pesquisa Pessoa e Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera. Estou ciente de que minha pessoa será identificada e que minha colaboração é voluntária. Declaro ainda que recebi informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como participarei desta pesquisa, podendo receber respostas a qualquer momento sobre qualquer dúvida a respeito dos procedimentos e de outros assuntos relacionados com esta pesquisa.

Porto Alegre, _____ de 2013.

Participante

Luciene Geiger
Mestranda em Educação

APÊNDICE C

De: luciene.geiger@acad.pucrs.br

Para:

Data:

Assunto: Dados adicionais para pesquisa de Mestrado

Caríssimas,

venho por meio deste e-mail mais uma vez agradecer cada uma de vocês pela participação em minha pesquisa de Mestrado, enriquecendo muito meu trabalho. A apresentação da dissertação deverá ocorrer em dezembro ou janeiro na PUCRS e, claro, enviarei nova mensagem para comunicá-las e convidá-las para a defesa.

Conforme conversei com cada uma, gostaria que enviassem para mim alguns dados adicionais para que eu possa fazer uma breve apresentação de vocês dentro da dissertação. Como provavelmente será algo como um parágrafo sobre cada uma, envio abaixo alguns tópicos para "inspirá-las".

Vocês podem responder em forma de itens ou redigindo um parágrafo. Podem incluir outros aspectos que as identifiquem e que vocês consideram relevantes (coisas que não perguntei neste e-mail nem na entrevista) e também podem omitir outros, se assim o desejarem. Fiquem bem à vontade para fazerem como sentirem que tem mais a ver com vocês.

Idade na ocasião da entrevista:

Cidade em que nasceu: (Para quem nasceu fora de PoA, pode colocar há quanto tempo reside aqui, por exemplo)

Formação/Profissão/Outras atividades paralelas: (Aqui, por exemplo, pode identificar no que trabalha atualmente ou no que já trabalhou, se está aposentada, se fazem algum trabalho voluntário, se têm alguma formação acadêmica ou não acadêmica, se ficou envolvida com os trabalhos da casa e da criação de filhos, entre outras coisas...)

Situação familiar: (Se tem irmãos, se é filha mais velha/mais nova, se casada, se casada mais de uma vez, se solteira, se separada, se tem filhos, se perdeu algum filho, se mora sozinha...)

Gostos, interesses e habilidades: (Coisas que responderiam a "gosto de..." ou "isso me move e me interessa na vida...", bandeiras pelas quais advoga, assim como coisas das quais não gosta, além dos talentos e habilidades que tem)

Itens adicionais: (Outros aspectos que quiser adicionar ao parágrafo que falará sobre você)

Se tiverem qualquer dúvida sobre como responder, não hesitem em escrever de volta ou ligar para mim (8138.4558).

Queridas, mais uma vez grata pela sua participação.

Um abraço,

Luciene Geiger